

**UNIVERSIDADE VILA VELHA - ES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA**

**A RELAÇÃO ENTRE A MORFOLOGIA DA PAISAGEM E A  
VITALIDADE URBANA NO BAIRRO BENTO FERREIRA,  
VITÓRIA, E.S.**

**JOÃO PAULO DOMINGUEZ CARVALHO**

**VILA VELHA**  
**FEVEREIRO / 2018**



**UNIVERSIDADE VILA VELHA - ES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA**

**A RELAÇÃO ENTRE A MORFOLOGIA E DA PAISAGEM E A  
VITALIDADE URBANA NO BAIRRO BENTO FERREIRA,  
VITÓRIA, E.S.**

Dissertação apresentada à  
Universidade Vila Velha, como pré-  
requisito do Programa de Pós-  
graduação em Segurança Pública,  
para a obtenção do grau de Mestre  
em Segurança Pública.

**JOÃO PAULO DOMINGUEZ CARVALHO**

**VILA VELHA**  
**FEVEREIRO / 2018**





Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

C331r Carvalho, João Paulo Dominguez.  
A relação entre a morfologia da paisagem e a vitalidade urbana no bairro Bento Ferreira, Vitória, ES / João Paulo Dominguez Carvalho. – 2018.  
165 f.: il.

Orientadora: Ana Paula Rabelo Lyra.  
Coorientadora: Simone Chabudee Pylro.

Dissertação (mestrado em Segurança Pública) -  
Universidade Vila Velha, 2018.  
Inclui bibliografias.

1. Segurança pública. 2. Arquitetura - Qualidade  
I. Lyra, Ana Paula Rabelo. II. Pylro, Simone Chabudee.  
III. Universidade Vila Velha. IV. Título.

CDD 363.3




JOÃO PAULO DOMINGUEZ CARVALHO

**A RELAÇÃO ENTRE A MORFOLOGIA DA PAISAGEM E A  
VITALIDADE URBANA NO BAIRRO BENTO FERREIRA, VITÓRIA,  
E.S.**

Dissertação apresentada à Universidade  
Vila Velha, como pré-requisito do  
Programa de Pós-graduação em  
Segurança Pública, para a obtenção do  
grau de Mestre em Segurança Pública.

Aprovado em 23 de fevereiro de 2018.

Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
**Larissa Leticia Andara Ramos – UVV**

  
\_\_\_\_\_  
**Pablo Silva Lira – UVV**

  
\_\_\_\_\_  
**Simone Chabudee Pylro – UVV**

  
\_\_\_\_\_  
**Ana Paula Rabello Lyra – UVV**  
**Orientador**



## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro ao Grande Espírito por me dar mais esta vida e a oportunidade de realizar as tarefas e atingir os objetivos para qual fui incumbido nesta jornada;

À minha amada esposa Elaine, por existir e me acompanhar mais uma vez na nossa longa história, e estar sempre ao meu lado, me apoiando e incentivando incansavelmente;

Aos meus amados filhos Daniela e Alexander, por premiarem minha vida com suas existências, pela compreensão e paciência, e por me apoiarem e torcerem pelo meu sucesso;

Aos meus pais, por todos os valores e ensinamentos que me enriqueceram e contribuíram grandemente para ser a pessoa que sou hoje;

À minha orientadora Ana Paula, que com sua sabedoria, sua larga experiência e sua compreensão e afeto, contribuiu grandemente nesta importante etapa;

À minha co-orientadora Simone, que também apontou importantes reflexões e que também ajudou a dar um norte ao trabalho;

Aos colegas e amigos Larissa e Pablo, componentes desta banca, que também deram importantes contribuições ao longo do curso, e me dão o prazer das suas amizades;

Aos colegas de aula, que me deram o privilégio de suas amizades e seus comentários e observações durante o período que estivemos juntos;

Aos professores Henrique Herquenhoff, Danilo , Michelly, Tereza, Maria da Penha e Giovanilto por todas as suas contribuições;

À todos os colegas e amigos que de alguma forma me ajudaram com seus depoimentos e conhecimentos;

E finalmente agradecer à espiritualidade, por me acompanhar, prestar seu auxílio e me intuir sempre que necessário!

À todos, ...A-Ho!



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Evolução do Novo Arrabalde, projeto urbanístico para a cidade de Vitória, ES (1896).....	40
<b>Figura 2.</b> Mapa da área de estudo em relação à capital Vitória .....	41
<b>Figura 3.</b> Índice de violência criminalizada (IVC) em Vitória, ES.....	43
<b>Figura 4.</b> Mapa da densidade demográfica - Vitória, ES - 2000.....	44
<b>Figura 5.</b> Mapa de distribuição de renda de Vitória, ES .....	45
<b>Figura 6.</b> Mapa Percentual de Domicílios Próprios em Vitória, ES. ....	45
<b>Figura 7.</b> Mapa Identificação Morfológica de Bento Ferreira.....	50
<b>Figura 8.</b> Mapa do bairro Bento Ferreira e a poligonal de estudo .....	51
<b>Figura 9.</b> Mapa de concentração de crimes contra o patrimônio em Bento Ferreira .....	51
<b>Figura 10.</b> Poligonal de estudo.....	53
<b>Figura 11A.</b> Mapa de vulnerabilidade na percepção dos moradoresl .....	54
<b>Figura 11B.</b> Mapa de vulnerabilidade na percepção dos moradores na poligonal.....	53
<b>Figura 12.</b> Poligonal de estudo: Grau de vitalidade.....	56
<b>Figura 13.</b> Poligonal de estudo: Subdivisão do grau de vitalidade .....	63
<b>Figura 14.</b> Muros elevados no Bairro Bento ferreira.....	65
<b>Figura 15.</b> Crecas vivas em rotatório do bairro .....	66
<b>Figura 16.</b> R. Amélia da Cunha Ornelas .....	66
<b>Figura 17.</b> R. Celina Alvarenga .....	67
<b>Figura 18.</b> R. Amélia da Cunha Ornelas .....	68
<b>Figura 19.</b> Área de risco na Av. Mal. Mascarenhas de Moraes.....	68
<b>Figura 20.</b> Rotatória na R. Profª. Emília F. Molulo .....	69
<b>Figura 21.</b> Fundos SENAI .....	69
<b>Figura 22.</b> Praça Prefeito Osvaldo Guimarães.....	72
<b>Figura 23.</b> Praça Prefeito Osvaldo Guimarães.....	72
<b>Figura 24.</b> Praça Prefeito Osvaldo Guimarães.....	72
<b>Figura 25.</b> Rotatória na R. Helio Marconi .....	78
<b>Figura 26.</b> Rotatória na R. Engº. Fabio Ruschi .....	78
<b>Figura 27.</b> Rotatória na R. Profª. Emília F. Molulo (atualmente) .....	78
<b>Figura 28.</b> Rotatória na R. Profª. Emília F. Molulo (proposta) .....	79
<b>Figura 29.</b> Rest. na R. Cel. Schwab Filho (atualmente) .....	80
<b>Figura 30.</b> Rest. na R. Cel. Schwab Filho (proposta) .....	80
<b>Figura 31.</b> Rest. João de Barro .....	80
<b>Figura 32.</b> Casa do Arquiteto (A).....	81
<b>Figura 33.</b> Casa do Arquiteto (B).....	81
<b>Figura 34.</b> Av. Leitão da Silva (atualmente) .....	82
<b>Figura 35.</b> Av. Leitão da Silva (proposta) .....	82
<b>Figura 36.</b> Estacionamento Inst. Urologia do ES (atualmente) .....	83
<b>Figura 37.</b> Pocket Park (proposta). ....	83

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AJUDES – Associação dos Servidores do Poder Judiciário de Espírito Santo  
CAU-ES – Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Espírito Santo  
CIODES – Centro Integrado de Operacional de Defesa Social  
COOPMETRO – Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo dos Servidores Públicos dos Municípios da Região Metropolitana da Grande Vitória - ES  
CST – Companhia Siderúrgica Tubarão  
CVPAT – Crimes Violentos Contra Patrimônios  
CVPES – Crimes Violentos Contra Pessoas  
IAB – Instituto dos Arquitetos do Brasil  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geo Estatística  
IVC – Índice de Violência Criminalizada  
PMV – Prefeitura Municipal de Vitória  
SIG – Sistema de Informação Geográfica  
SINDARQ-ES – Sindicato dos Arquitetos do Espírito Santo  
UVV – Universidade de Vila Velha



## RESUMO

CARVALHO, João Paulo Dominguez Carvalho, M.Sc., Universidade Vila Velha – ES, fevereiro de 2018. **A relação entre a morfologia da paisagem e a vitalidade urbana no bairro Bento Ferreira, Vitória, E.S.** Orientadora: Ana Paula Rabello Lyra e co-orientadora: Simone Chabudee Pyro.

O presente trabalho analisa os aspectos da morfologia da paisagem urbana e sua relação com a segurança pública através da avaliação de sua influência na vitalidade urbana do Bairro Bento Ferreira, em Vitória, ES. Abrange o conjunto de elementos que compõem os espaços, como a morfologia das construções e da paisagem, os atores que a utilizam no seu dia-a-dia, e a sua relação com a vitalidade urbana, avaliando em que medida esses elementos interferem na segurança local, segundo a análise da comunicação entre as edificações e os espaços públicos, da visibilidade e permeabilidade entre eles, da capacidade atrativa à movimentação (permanência / circulação) relacionada ao uso e ocupação locais. O trabalho reúne material fotográfico e gráfico da área de estudos analisados a partir de recortes conceituais de alguns autores que estudam os efeitos da Arquitetura sobre a Vitalidade Urbana. Ao final é apresentada uma análise sobre os resultados obtidos nas observações morfológicas de uma poligonal do bairro, escolhida por ser bastante representativa das morfologias existentes no mesmo, numa síntese que revela o quanto os moradores, face ao aumento da criminalidade, sobre tudo às contra o patrimônio no caso dessa região, procuram cercarem-se de uma variada quantidade de dispositivos de segurança, numa relação também de causalidade da criminalidade, e finalmente apresenta a sugestão de algumas soluções que podem contribuir significativamente para trazer maior vitalidade ao bairro e com isso, auxiliar para que haja maior segurança pública.

**PALAVRAS-CHAVE:** Qualidade espacial. Vitalidade urbana. Morfologia da paisagem. Segurança urbana.

## **ABSTRACT**

The present work analyzes the aspects of the morphology of the urban landscape and its relationship with the public safety through the evaluation of his/her influence in the urban vitality of the neighborhood Bento Ferreira, in Vitória, ES. It includes the group of elements that compose the spaces, as the morphology of the constructions and of the landscape, the actors who use it in day by day, and its relationship with the urban vitality, evaluating in that measured those elements interfere in the local safety, according to the analysis of the communication between the constructions and the public spaces, of the visibility and permeability among them, of the attractive capacity to the movement (permanence / circulation) related to the use and occupation places. The work gathers photographic material and graph of the area of studies analyzed starting from conceptual cuttings of some authors that study the effects of the Architecture on the Urban Vitality. At the end an analysis is presented on the results obtained in the morphologic observations of a polygonal of the neighborhood, chosen by being quite representative of the existent morphologies, in a synthesis that reveals how as the residents, face to the increase of the criminality, above all the obstacle the patrimony in the case of that area, they seek be surrounded of a varied amount of devices of safety, in a relationship also of causality of the criminality, and finally it presents the suggestion of some solutions that can contribute significantly to bring larger vitality to the neighborhood and with that, help with larger public safety.

**KEY WORDS:** Spatial quality. Urban vitality. Landscape morfology. Urban safety.

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS .....	ix
RESUMO .....	xi
ABSTRACT .....	xii
1 INTRODUÇÃO .....	15
2 A MORFOLOGIA DA PAISAGEM E A VITALIDADE URBANA DE JACOBS E GEHL .....	19
2.1 O conceito de morfologia e vitalidade urbana .....	19
2.2 A Relação entre vitalidade e segurança urbana .....	23
3 A INFLUÊNCIA DA SEGURANÇA NA VITALIDADE URBANA.....	31
3.1 O medo e a insegurança na Modernidade Líquida .....	31
3.2 Reflexos da Insegurança na Geografia do Crime .....	36
4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDOS.....	41
4.1 Contextualização Espacial e Sócio econômico do bairro.....	43
4.2. Delimitação da poligonal de estudo .....	48
4.3 Levantamento fotográfico e diagnóstico morfológico da poligonal.....	55
4.4 Análise .....	56
5 AVALIANDO A MORFOLOGIA DO PERIGO - PAISAGENS NEGATIVAS ...	59
5.1 Aspectos preliminares.....	59
5.2. Aspectos físico/ambientais (Cullen e Lynch).....	61
5.3 Aspectos sociais .....	62
5.4 Análise das situações morfológicas do perigo e paisagens negativas.....	64
5.5 Paisagens Negativas .....	68
6 AS MORFOLOGIAS PROMOTORAS DA VITALIDADE – PAISAGEM POSITIVA .....	71
6.1 Aspectos preliminares.....	71
6.2 Aspectos Físico/Ambientais sob o prisma de Jacobs e Gehl.....	75
6.3 Aspectos Sociais/Vitalidade Urbana .....	76
6.4 Análise das situações morfológicas promotoras de vitalidade e paisagens positivas.....	77
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	89

APÊNDICE – Levantamento fotográfico da poligonal e diagnóstico da morfologia .....	91
ANEXO .....	165

## 1 INTRODUÇÃO

O cenário de violência urbana no Brasil tem preocupado gestores, técnicos e moradores. O registro crescente de crimes divulgado e explorados pela mídia pública tem despertado a atenção de pesquisadores que alertam para a transformação do modo de vida urbano. Verifica-se que tal realidade tem afetado o comportamento das pessoas, tanto em locais públicos como privados, fazendo com que tomem medidas de precaução não só em relação à sua integridade física, mas na relação com outras pessoas e com seu patrimônio material.

Segundo Lira (2014), em 2010 foram registrados 27,4 homicídios por 100 mil habitantes de média no Brasil, enquanto que no Espírito Santo este índice chegou a 51,0 homicídios por 100 mil habitantes. Segundo a análise deste pesquisador, considerando a vivência de sete anos na prefeitura de Vila Velha -ES, entre outros fatores que influenciam a elevação desses índices, o fator econômico talvez seja o que mais pese nesse conjunto. Os interesses econômicos, no sistema financeiro adotado em países como o Brasil, acabam por aumentar as diferenças sociais, segregando e marginalizando as classes sociais pobres, fazendo com que, sem alternativas para sua subsistência, sem possibilidades de acessarem condições de trabalho, educação, saúde, e ainda submetidos a convivência familiar desestruturada e a subgrupos desviantes, busquem na criminalidade um meio de sobrevivência.

Tal realidade aponta para a grande importância e a necessidade de se desenvolverem pesquisas e estudos que contribuam para a redução desses índices de violência, em especial, para aqueles atributos relacionados aos aspectos da cidade. Com o desdobramento do cenário econômico descrito, autores como Harvey (2014) e Netto et al. (2017) alertam para os reflexos na configuração da paisagem urbana. Reflexo este que tem se materializado pela presença de dispositivos de segurança observados nas fachadas das casas, condomínios, lojas de comércio e serviços, além daqueles espalhados nas áreas públicas da cidade, associados às construções cada vez mais muradas e introspectivas.

Para tanto, decidiu-se desenvolver um trabalho de pesquisa que buscasse bases teóricas e práticas que pudessem apontar para soluções viáveis de serem utilizadas e/ou implantadas no âmbito da arquitetura,

urbanismo e paisagismo, tendo em vista que o presente tem como foco, as questões ligadas à morfologia da paisagem urbana e sua relação com a vitalidade urbana, que por sua vez, está relacionado e promove impactos na segurança pública.

A escolha de um bairro da capital teve como ponto de partida, as frequentes notícias através das mídias, do aumento de ocorrências criminosas em áreas da cidade onde não haviam registros significativos desses atos anti sociais. Segundo o Centro Integrado de Operacional de Defesa Social (CIODES) e o Observatório de Segurança da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), bairros como Jardim da Penha, Jardim Camburi, Praia do Canto, Centro, Enseada do Suá e adjacências como Bento Ferreira, estão entre os que mais registraram crimes de violência contra o patrimônio na cidade de Vitória.

Ademais, foi decisivo o fato de a orientadora do presente trabalho, estar desenvolvendo um trabalho científico na área de Segurança Pública com alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Vila Velha (UVV), cuja a região de estudo compreende o bairro Bento Ferreira.

Considera-se neste estudo as observações destacadas por Jacobs (2000), Gehl (2013) e Lira (2014) que atribuem às soluções arquitetônicas, urbanísticas e paisagísticas uma relação de causalidade entre comportamento humano e o uso e apropriação do espaço urbano. Também complementa o presente, as ideias do Sociólogo e Filósofo polonês Zygmunt Bauman (2009) sobre o que ele denominou de “Modernidade Líquida”, onde os hábitos e costumes das pessoas na atualidade se impessoalizam e individualizam em função da conectividade das redes mundiais e mídias sociais, e ainda sobre a “Mixofobia”, onde as pessoas repelem ou procuram manterem-se afastados de estranhos ou desconhecidos, e poderíamos dizer que até dos próprios vizinhos, o que faz com que todos estes fatores contribuam para que os espaços públicos se esvaziem e conseqüentemente a sensação de medo, desconfiança e a insegurança sejam uma constante.

Os levantamentos fotográficos, as várias visitas ao local e os depoimentos de alguns moradores e trabalhadores locais também somaram-se a este, dando uma visão mais ampla das características morfológicas e sociais.

Para uma análise comparativa dos conceitos, compreensão e aplicação prática de possíveis soluções para os problemas identificados,

determinou-se uma poligonal que sintetizasse em seu território, as variadas morfologias existentes no bairro e que reunisse tanto quanto possível, algumas diferenças sociais que pudessem indicar o grau de fragilidade na vitalidade urbana da região.

Num primeiro momento, faz-se uma análise sob o olhar de dois dos principais autores que foram referências neste trabalho, da morfologia da paisagem e a vitalidade urbana, e em seguida, sua ligação com a poligonal de estudo. A seguir, uma análise sobre a regionalidade do crime e sua influência na vitalidade urbana; reflexões sobre os pensamentos de Bauman e sua relação com o bairro, e concluindo esse trecho da dissertação, uma panorâmica mostrando em imagens com comentários, a poligonal estudada. No terceiro momento, é evidenciada a morfologia da paisagem urbana onde há vulnerabilidades nos espaços que repercutem na segurança pública e que por conseguinte, fragilizam a saúde social dos seus moradores e ocupantes. É introduzido também, o conceito autoral de Paisagem negativa e onde algumas delas ocorrem no bairro e na poligonal. Em seguimento, é trazido ao leitor, as morfologias promotoras de vitalidade e o conceito também autoral de Paisagem positiva, onde elas estão presentes na poligonal e alternativas que podem requalificar e promover a necessária vitalidade das áreas públicas locais. E na última parte, com as considerações finais, as observações acerca da qualidade e a proporção de vitalidade existente e seus reflexos na segurança pública local.

O estudo mostrou-se importante instrumento avaliativo, para um diagnóstico parcial das condições de vitalidade segundo suas morfologias, onde a falta de segurança promove determinadas configurações espaciais ou morfológicas da paisagem urbana e ao mesmo tempo, essas mesmas configurações proporcionam medo e insegurança aos moradores e usuários do bairro. O resultado dessa pesquisa revela que em quase 80% das edificações (Planilha 1), o conceito de térreos ativos é pouco ou nada contemplado, e em 100%, há a existência de pelo menos um dispositivo de segurança, demonstrando assim, a preocupação que a população tem em relação à falta de segurança.





## **2 A MORFOLOGIA DA PAISAGEM E A VITALIDADE URBANA DE JACOBS E GEHL**

Dando início a este capítulo, entendemos como vital o entendimento sobre a morfologia da paisagem como sendo a configuração em que a paisagem se apresenta quanto às suas características formais. Vitalidade urbana refere-se à qualidade desses espaços urbanos analisados sob a ótica das relações humanas e sua interatividade com os espaços de forma a criar um ciclo produtivo e sustentável, segundo as ideias e conceitos desses autores.

### **2.1 O conceito de morfologia e vitalidade urbana**

Para entender o conceito de morfologia enquanto estudo da forma, poderíamos recorrer aos estudos de autores como Sauer (1925) e Cosgrove (1998), onde a morfologia da paisagem é tratada nos termos da Geografia através de seus aspectos culturais e históricos, ou Gauthier e Gilliland (2006) e Conzen (2004), que tratam da morfologia da paisagem no contexto urbano através das transformações do uso e ocupação do solo na cidade contemporânea.

Percebe-se através da evolução do conceito dos referidos autores que o estudo da forma sugere uma relação de causalidade entre homem e o ambiente constituído. Neste contexto a causalidade se dá pela forma com que as pessoas manipulam o espaço físico ou são manipulados pelo mesmo. Este entendimento é compartilhado por Jacobs (2000) e Gehl (2013) em estudos e críticas que identificam problemas relacionados à mobilidade, segurança e saúde resultantes do processo de urbanização das cidades. São reflexões que analisam a Vitalidade Urbana a partir das características morfológicas da paisagem urbana constituída por edifícios e suas relações com o espaço livre do entorno, bem como o conjunto e o ambiente que emergem dessa interação (NETTO et al., 2017).

O conceito de vitalidade urbana introduzido por Jacobs (2000) refere-se às condições presentes numa rua, bairro, parque, praça ou na própria cidade, que a tornam um lugar com vida, dinâmico, seguro, saudável e sustentável, como o nome já diz, com vitalidade. Conjunto de valores que

segundo a autora são necessários para que haja qualidade de vida para as pessoas. Seus estudos seguem a linha de observação de Lynch (1997), ao considerar o comportamento, as ações e reações das pessoas nos mais variados espaços públicos que resultam entre os edifícios da cidade, onde as atividades se desenvolvem numa cadeia de relações sociais, econômicas, políticas, artísticas, culturais, enfim, de todas as atividades do ser humano.

Estudos recentes de Netto et al. (2017) exploram e analisam os efeitos do uso e ocupação do solo ao revisitar o conceito de Vitalidade Urbana de Jacobs. Esses autores destacam e alertam para a *lógica antiurbana* constituída por lugares fragmentados e segregados que tem resultado das edificações introspectivas que se reproduzem nas cidades. Ao analisarem o termo vitalidade como “a animação urbana dada pela presença de pessoas no espaço” e urbanidade como a “qualidade [...] do tipo de relação entre as pessoas e seu enquadramento em algum padrão de conduta no (e com o) espaço” os autores chegam a seguinte definição de Vitalidade Urbana:

[...] uma metacategoria que engloba as qualidades da vida microeconômica e da socialidade nos espaços urbanos, sendo essa última basicamente a intensidade de trocas sociais e de comunicações no espaço dependente da copresença (NETTO et al., 2017, p. 74).

Tais reflexões nos remetem a perda da diversidade, identidade e do senso de comunidade defendidos por Jacobs (2000) que desde a década de sessenta criticava a referida *lógica antiurbana*. Naquela ocasião a autora norte-americana já observara um fato comum referente ao planejamento urbano em relação à organização e representação dos espaços urbanos. Para a autora a estrutura racional do planejamento urbano modernista, organizado segundo preceitos de hierarquia, funcionalidade e objetividade comprometia a Vitalidade Urbana que defendia. As relações estabelecidas a partir das reformas urbanas modernistas estipularam uma divisão e uma funcionalidade desprovida de caráter humano, carregadas de um pragmatismo e uma impessoalidade, que não estimulam a apropriação dos espaços públicos através de uma socialização participativa e igualitária.

Os Urbanistas que seguem esta linha ignoram as questões que envolvem usos atrativos e diversificados que possam garantir a apropriação espontânea de diferentes pessoas. O resultado criticado é de uma cidade

setorizada, fragmentada e segregada por ocupações sazonais e/ou introspectivas, onde a edificação é desprovida de integração com o entorno.

Para a autora de *Morte e Vida nas Grandes Cidades*, Jane Jacobs (2000), a Vitalidade Urbana, independentemente da situação econômica e social da população, ocorre onde há diversidade e a presença da comunidade. Essencialmente lugares que atraíam pessoas e respeitem a demanda da comunidade local com calçadas confortáveis, comércios e serviços variados, que funcionam em diferentes horários e setores da cidade. Ademais, defendia as quadras curtas para acomodar com conforto o deslocamento pedonal e promover oportunidades de encontros além de espaços equipados com disponibilidade de lazer variados e a existência de prédios antigos e novos. Configuração esta que segundo a autora garante uma concentração populacional constante e necessária para a promoção da vitalidade no planejamento urbano da cidade.

A referida configuração urbana para garantia da Vitalidade é compartilhada pelo Arquiteto Jan Gehl que em "*Cidade para pessoas*" (GEHL, 2013) enfatiza e condiciona qualidade de vida à sustentabilidade social. O autor pensa no desenvolvimento futuro, apontando o papel dos arquitetos e urbanistas enquanto agentes de transformação, responsáveis por propiciar aos mais variados grupos sociais, oportunidades iguais de acesso aos espaços públicos. O autor alerta ainda para as formas de deslocamento propiciadas pelo desenho da cidade, o que passa pela perspectiva de se desenvolver modais de mobilidade acessíveis e que priorizem os deslocamentos não motorizados.

Para Jacobs (2000) e Gehl (2013) a distribuição populacional em torno dos transportes públicos bem como espaços qualificados para andar a pé e/ou de bicicleta também são fundamentais para a Vitalidade Urbana. O estudo entre forma urbana e comportamento do Arquiteto e Urbanista Julio Celso Vargas publicado em "*Efeitos da Arquitetura*" (NETTO et al., 2017) confirma essa relação de causalidade para Vitalidade Urbana ao analisar as "interações entre origens e destinos" a partir do ambiente construído. Neste estudo foram consideradas como indicadores as "características de densidade, usos do solo, distribuição de amenidades comerciais e serviços, configuração viária e a topografia da cidade, zona ou bairro." (NETTO et al., 2017, p. 75).

Os resultados mostraram que o alto número de deslocamentos a pé na Região Centro/Cidade Baixa de Porto Alegre, R.S. se deve não somente à diversidade de uso do solo e à dificuldade de utilizar modos alternativos. Em contraposição, o número reduzido de viagens a pé na Região Petrópolis/Bela Vista se deve não somente à escassez de comércios e serviços na vizinhança próxima, mas à preferência por comércios e serviços mais afastados [...] e à disponibilidade de automóvel no domicílio. (NETTO et al., 2017, p. 76).

Nesse contexto vale destacar o alerta de Gehl (2013) sobre o aumento da população e seus efeitos na qualidade de vida da cidade a partir das novas demandas de habitação, trabalho e deslocamentos que surgem. Para o autor, é essencial a criação de um desenho urbano com usos e ocupações favoráveis à criação de espaços desenvolvidos de acordo com a escala humana e com térreos ativos (misto de usos e serviços em frente a calçadas largas e confortáveis). Segundo o mesmo, as cidades devem resgatar os geradores de diversidade que Jacobs já se referia quando comparava as relações das pessoas num bairro a partir das combinações ou misturas de seus usos.

Quando arquitetos e urbanistas desenvolvem o desenho de bairros e loteamentos com um olhar bidimensional, mais preocupado com a mobilidade veicular e o custo/benefício do m<sup>2</sup>, o resultado são ocupações dos espaços de forma segmentada, unilateral, onde a relação e a inter-relação das pessoas em toda a sua dimensão humana e social são negligenciadas. A qualidade de vida fica tão somente restrita a ter um lugar para morar, e se deslocar para os afazeres. Para os autores, a Vitalidade Urbana é condicionada a um desenho urbano que precisa conferir a capacidade de atender realmente às demandas locais não só das necessidades básicas, mas daquilo que trará vida aos espaços e longevidade na sua manutenção, como afirma Jacobs:

O planejamento para a vitalidade deve propiciar uma interpenetração contínua de vizinhanças, cujos usuários e proprietários informais possam dar uma grande contribuição mantendo a segurança dos espaços públicos, ligando com estranhos, de modo que sejam um trunfo e não uma ameaça, garantindo a vigilância informal das crianças nos lugares públicos.  
[...] deve combater a existência nociva das zonas de fronteira desertas e deve ajudar a promover a identificação das pessoas com distritos que são extensos, variados e ricos em contatos internos e externos o suficiente para lidar bem com os problemas difíceis, inevitáveis e naturais da vida nas grandes cidades (JACOBS, 2000, p. 455).

Logo, é fundamental ter a compreensão de que a multiplicidade não só de usos principais, mas de classes sociais distintas são componentes que além de agregar a sociedade, propiciam uma equidade de benefícios acessíveis a todos, sem preconceitos, sem barreiras, sem medos, numa relação de confiança inerente à ambientes seguros.

## **2.2 A Relação entre vitalidade e segurança urbana**

A configuração dos elementos da paisagem tanto pode influenciar positivamente nas atitudes, ações/reações das pessoas, na sensação de segurança, como a inexistência dela também pode desencadear inversamente, sentimentos de ameaça e medo. Acredita-se que os níveis de (in)segurança urbana possuem ligação com a morfologia da paisagem. Tendo como "camada" de análise esse conceito, Jacobs (2000) e Gehl (2013) expõem suas experiências e suas observações nas várias configurações do espaço urbano, aportando conceitos referentes à multiplicidade de atividades de uma rua. Esta seria uma condição necessária para geração de uma variedade de produtos e serviços capazes de promover a procura das pessoas com diferentes interesses e assim, tornar o local frequentado e ocupado em grande parte do dia:

Se as ruas estão livres da violência e do medo, a cidade está, portanto, razoavelmente livre da violência e do medo. Quando as pessoas dizem que uma cidade, ou parte dela, é perigosa ou selvagem, o que querem dizer basicamente é que não se sentem seguras nas calçadas (JACOBS, 2000, p. 29).

Segundo os referidos autores, o espaço urbano mais comum e democrático que qualquer pessoa pode utilizar é a calçada e, por conseguinte destacam a importância dos efeitos de seu uso e ocupação para a vitalidade e segurança urbana. Para Jacobs (2000), a calçada ou passeio público é um elemento essencial à segurança pública, em função do tipo de frequência, usos e usuários que a utilizam. Mas também pelo tipo de espaço e elementos que possuem. Há o aspecto da imaginação e o medo que também contribuem para que uma calçada ou rua seja menos utilizada, pois faz com que a falta de utilização aumente a sensação de insegurança e conseqüentemente o risco de violência ou criminalidade.

Neste contexto da Vitalidade Urbana como pré-requisito para geração de espaços seguros Jacobs (2000) destaca os “Olhos da rua” ao se referir na possibilidade de “ver e ser visto” ao transitar por ruas e calçadas. Para tanto, enfatiza a importância de usos e ocupações que inibem a oportunidade do delito pela vigilância natural das pessoas que ali residem, trabalham e caminham. Segundo a autora, “a ordem pública [...] é mantida [...] pela rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamento espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicados” (JACOBS, 2000, p. 32). Para tanto, refere-se às aberturas (portas e janelas) das edificações que devem possuir suas fachadas principais voltadas para a rua, para que a vigilância e a observação possam ser exercidas, para protegerem a si e aos outros, assim como a supressão de muros por espaços abertos ou com fechamentos visualmente permeáveis. Desta forma o espaço fica isento de qualquer barreira visual entre interior e exterior, e o controle de acesso possa ser efetivo.

Na relação com as calçadas, igualmente esse conceito comparece na medida em que a ocupação e o trânsito de pessoas faz com que se multipliquem o número de "olhos" da rua atentos ao seu redor, e de outra parte, os "olhos" de dentro das edificações observando e vigiando os que estão na rua passando. Suas observações a levaram a estabelecer três indicadores de vitalidade numa rua:

[...] Primeira: Deve ser nítida a separação entre o espaço público e o espaço privado. O espaço público e o privado não podem misturar-se, como normalmente ocorre em subúrbios ou em conjuntos habitacionais. Segunda, devem existir os **olhos para a rua**, os olhos daqueles que podemos chamar de proprietários naturais da rua. Os edifícios de uma rua preparada para receber estranhos e garantir a segurança tanto deles quanto dos moradores devem estar voltados para a rua. Eles não podem estar com os fundos ou um lado morto para a rua e deixá-la cega. E terceira, a calçada deve ter usuários transitando ininterruptamente, tanto para aumentar na rua o número de olhos atentos, quanto para induzir um número suficiente de pessoas de dentro dos edifícios da rua a observar as calçadas. [...] Há muita gente que gosta de entreter-se, de quando em quando, olhando o movimento da rua. (JACOBS, 2000, p. 35-36, grifo nosso).

Outro fator elencado refere-se às atividades desenvolvidas junto às calçadas pelas edificações, naquilo que Gehl (2013) denominou "térreo ativo". Para Jacobs (2000), devem existir variedades de comércio e serviços de forma a atender o maior número de solicitações possíveis, garantindo assim,

um maior número de usuários dos espaços públicos, como as calçadas por exemplo. Para que um bairro tenha vitalidade, é necessário que apresente algumas condições que a sustente, como a existência de mais de uma função de ocupação dos espaços, e que sejam imprescindíveis para sua existência. Os bairros que são tidos como agradáveis e seguros são aqueles que conseguem administrar seus problemas, carências e dificuldades, pois conseguem atrair as pessoas e oferecem qualidades que fazem com que sejam frequentadas, visitadas e usufruídas.

É fundamental a visão trazida por Jacobs (2000), na interpretação da paisagem urbana que caracteriza determinado espaço público e sua relação com a **vitalidade**, onde há vida, inter-relação entre os moradores, trabalhadores e visitantes desse espaço, há movimento, dinâmica e ocupação constante dos mesmos. Essas qualidades fazem com que os espaços públicos como as calçadas, por exemplo, sejam percebidos como locais seguros e confiáveis, pois as pessoas conhecidas ou não, se vigiam mutuamente.

Para tanto, sugere a participação da comunidade na promoção de um calendário constante de atividades como, concertos em parques e praças, shows de música, teatro de rua, entre outros, para promover a manutenção da vitalidade a estes espaços, numa cadeia de eventos que naturalmente irão incorporando-se fazendo com que haja vida permanentemente nesses locais, o que por consequência costuma trazer maior segurança às comunidades envolvidas (JACOBS, 2000).

Mas há também outro aspecto da estrutura urbana que a autora também considera como importante fator de promoção da vitalidade, que é a configuração de sua malha urbana. Na sua avaliação a malha deve possuir dimensões que permita a utilização "vascularizada" de suas ruas, avenidas e passeios, para criar a utilização permanente dos espaços, e ainda, da utilização em horários variados de forma a garantir essa ocupação.

Em seguida nos remete para a questão das distâncias ou tamanho das quadras onde sugere que as mesmas tenham tamanhos não muito grandes, tendo em vista criar cruzamentos entre os moradores a assim estabelecer uma rede de relacionamentos que resguardem a integridade da vizinhança através do olhar da rua. Quando se projeta um loteamento, um bairro ou uma poligonal para intervenção urbanística há que se considerar as

distâncias que os usuários das vias irão percorrer, auxiliando e promovendo essa relação simbiótica para que a vitalidade exista.

No caso das quadras longas, mesmo as pessoas que estejam na vizinhança pelas mesmas razões são mantidas tão afastadas que se impede a formação de combinações razoavelmente complexas de usos urbanos cruzados. Quando se trata de usos principais discrepantes, as quadras longas impedem as misturas produtivas exatamente da mesma maneira. Elas automaticamente separam as pessoas por trajetos que raras vezes se cruzam, de modo que usos diversos, geograficamente bem próximos de outros, são literalmente bloqueados (JACOBS, 2000, p. 200).

Além disso, é importante que a variedade de construções de distintas épocas exista, para preservação da memória local e que as possibilidades comerciais sejam factíveis. E ainda, que haja uma concentração demográfica equilibrada, pois assim, haverá número suficiente de pessoas circulando pelos mais variados horários do dia com períodos de permanência em diferentes ambientes do bairro ou cidade.

É muito importante que os espaços públicos como ruas, praças e parques sejam qualificados, aconchegantes, aprazíveis e que tenham relação social e espacial com as edificações ao seu redor, fazendo com que a paisagem urbana e humana guardem entre si um ciclo simbiótico, onde a vida se renove diariamente. Nessa relação, a segurança se fortalece quando não há barreiras físicas e/ou visuais dividindo os espaços públicos dos privados. A leitura visual deve ser ampla e imediata, possibilitando que se percebam os movimentos e as pessoas que por ali transitam.

Nesse cenário atual das cidades, onde se privilegia o transporte automotor individual, há a necessidade de se promover políticas e práticas públicas que visem mais o bem-estar e a segurança das pessoas, fazendo com que elas caminhem mais e ocupem mais os espaços públicos, revezando o "passar" com o "permanecer".

Existe também a questão de saúde, pois ao invés de utilizar o automóvel para deslocamentos relativamente próximos, hábitos típicos de uma vida sedentária, deve-se incentivar o andar de bicicleta ou mesmo, o caminhar. Com isso, necessariamente estará se promovendo uma vida com mais saúde. Há que se atentar para o fato de que, utilizando esses tipos de deslocamentos, estaremos beneficiando o meio ambiente, mas principalmente a segurança pública, uma vez que teoricamente haveriam mais pessoas passando nas ruas



a velocidades médias de 5km/h, propiciando a ocupação dos espaços por mais tempo, numa permanente vigilância natural, contribuindo para inibir assim, a ação de indivíduos em situação de conflito com a lei (GEHL, 2013).

A presença de pessoas que diariamente se deslocam e se cruzam a caminho de suas atividades cotidianas, faz com que mesmo de vista, se conheçam, e por vezes até tornem-se amigas. Isso fortalece a confiança e a sensação de segurança entre elas, pois sentem-se resguardadas, "cuidadas", além de ampliar suas relações sociais. As áreas públicas são locais de encontro dos cidadãos, é o lugar onde as trocas se dão, onde compartilhamos nossos conhecimentos, nossas curiosidades, e nossas inseguranças, o que faz do compartilhar, uma relação de cumplicidade para com o outro levando-nos a nos sentirmos mais seguros, protegidos. Essa "dimensão humana" é o que na maior parte das vezes é negligenciado ou ignorado por alguns urbanistas na hora de desenvolver ou projetar um loteamento, um bairro ou uma cidade. Esse é o ponto crucial do desenvolvimento urbano com a segurança pública, essa dimensão deve ser o norteador das decisões projetuais, sem as quais, o trabalho poderá estar seriamente fragilizado, com espaços públicos "mortos" e perigosos, mal (ou bem) comparando com a cinematografia de terror, uma "Cidade Zumbi".

O caminhar era mais que uma necessidade, era hábito nas cidades antigamente. O percorrer o bairro, cruzar pelos vizinhos, ir à feira, à padaria, ao açougue, à quitanda, era um programa recheado de prazer, satisfação, alegria e distração, onde as informações eram passadas boca a boca, numa relação de proximidade com os outros, o que gerava certa familiaridade que se traduzia numa confiança e sentido de unidade que produzia um sentimento de segurança na vizinhança.

Gehl (2013) expõe que indubitavelmente a vida nas ruas produz impacto na segurança pública, mas é verdade também que a vida "ao longo" da rua também tem reflexos importantes. As áreas urbanas que possuem diversidade, a exemplo do que diz Jacobs (2000), proporcionam o tempo todo, mais atividades no interior e próximo das edificações. Regiões habitacionais, particularmente, significam boas ligações com espaços comuns importantes da cidade e mais um adicional na segurança real e percebida até à noite. Logo, mesmo que a rua se apresente deserta, as luzes dos lares representam um sinal reconfortante de que há pessoas por perto. Todas essas questões

levantadas por Jacobs e Gehl foram resgatadas nas ideias e observações trazidas por Lira (2014) quando relaciona a morfologia da paisagem com a segurança. Observa que, uma vez que as paisagens urbanas são formadas pelos elementos naturais da paisagem pré-existente, juntamente com os desenhos arquitetônicos e urbanísticos, também o aumento gradativo da criminalidade violenta, constatado principalmente nas últimas três décadas nas principais cidades brasileiras também tem influenciado a morfologia urbana. As chamadas "paisagens do medo" vêm sendo cada vez mais presentes nas cidades bem como os novos padrões de sociabilidades como as redes sociais;

A violência influencia a construção, composição e organização espacial da cidade contemporânea na mesma medida que o urbano influencia a consumação ou não de determinados crimes. [...] A forma urbana é composta pelos elementos resultantes dos desenhos arquitetônicos e urbanísticos. Os primeiros são definidos pela morfometria das casas, prédios, estabelecimentos comerciais etc. Elementos como ruas, calçadas, quadras, praças e parques, apesar de guardarem dimensões arquitetônicas, influem diretamente na configuração do desenho urbanístico. Os arranjos urbanísticos são desenvolvidos a partir da articulação de todos esses elementos e seus usos, o que constitui a morfologia urbana. (LIRA, 2014, p. 66/129).

Pressupõe-se assim que todas as questões inerentes a uma rua ou bairro, no que se refere à sua morfologia e ocupação também determinam o grau de vitalidade existente. Os autores até então citados, em distintas épocas e enfoques, são uníssonos ao afirmarem que tanto o desenho urbano, como a arquitetura e os outros elementos constituintes de um bairro são promotores de segurança, desenvolvimento e harmonia na convivência dos seus moradores, trabalhadores e visitantes, assim como, o tipo de ocupação, a condição socioeconômica e o nível cultural também exercem influência no desenho urbano e arquitetônico.

[...] As paisagens das cidades são formadas pela conjugação dos desenhos naturais, arquitetônicos e urbanísticos. O aumento gradativo da criminalidade violenta, constatado nas últimas três décadas, nas principais cidades brasileiras, tem influenciado um rearranjo na morfologia urbana. "Paisagens do medo" vêm sendo configuradas e novos padrões de sociabilidades desenvolvidos (LIRA, 2014, p. 130).

Segundo Lira (2014) a configuração espacial de uma edificação e seu entorno imediato, podem ou não favorecer a ocorrência de ações

antissociais, através das barreiras nas divisas dos lotes, dos elementos de apoio que facilitam o acesso às edificações, dos elementos paisagísticos que bloqueiam a permeabilidade visual, da ausência ou deficiência de iluminação, etc. Em nível urbano, também a configuração influencia na geração ou não da ação criminosa na medida em que promove a divisão de classes sociais, ao criar rupturas por meio do tamanho das quadras muradas, das vias públicas, da segregação por usos e ocupações, etc.

Ao transitarmos pela cidade percebemos que o desenho arquitetônico das edificações vem incorporando cada vez mais características das fortificações e prisões, numa clara evidência da preocupação e importância que a segurança ocupa nos dias atuais. A insegurança tem afetado a forma como os ambientes são constituídos e por consequência, como as pessoas se relacionam umas com as outras, de maneira que cada vez menos encontramos situações espaciais favoráveis à socialização das pessoas nos espaços livres de uso público da cidade. A "zonificação" que vem ocorrendo nas cidades de hoje, ajudam a segregar ainda mais as diferentes classes sociais, fragilizando as relações sociais e favorecendo a oportunidade para a violência que comprometem a vitalidade urbana.



### **3 A INFLUÊNCIA DA SEGURANÇA NA VITALIDADE URBANA**

É possível verificar na literatura pesquisada, o quanto a vitalidade urbana também depende do grau de segurança que os espaços públicos oferecem, o que por sua vez, também resulta do grau de apropriação que as pessoas fazem dessas áreas. Para Jacobs (2000), para que os espaços públicos possuam vitalidade, é necessário que haja uma ocupação razoável de pessoas, por interesses e horários variados, mantendo esses espaços ativos, além da fundamental interatividade e proximidade por parte dos ocupantes das edificações no entorno dessas áreas, sendo condição "*sine qua non*" que o campo visual existente entre eles, seja livre de barreiras, permitindo assim, a vigilância e o controle constantes. Na mesma direção, para Gehl (2013), é muito importante que haja integração ao nível do solo, das áreas públicas com as particulares, num espaço de transição que permita a articulação entre eles, possibilitando assim, que diante de uma ameaça ou risco de violência por exemplo, as pessoas possam se acomodar de forma mais protegida, além de permitir um "recuo" da calçada que propicie um espaço para trocas sociais como conversas, encontros, ou simplesmente um ponto de observação da paisagem urbana. Em outra convergência, tanto Lira (2014) quanto Caldeira (2000), mencionam que a presença de elementos construtivos que separam de forma sólida e material, o público do privado, além de segregar aqueles com poder aquisitivo elevado, dos economicamente fragilizados, também aviltam a propensão de práticas anti-sociais justamente por conformarem espaços desprovidos das qualidades necessárias para que hajam atividades sociais saudáveis, logo, para que exista vitalidade urbana é fundamental que a segurança pública seja uma premissa.

#### **3.1 O medo e a insegurança na Modernidade Líquida**

Em "Confiança e medo na cidade", Bauman (2009) traça um perfil de como a cidade e a sociedade do pós-moderno segregam e estratificam o povo em duas correntes distintas. A elite que ocupa a metade superior da "pirâmide social" representada por aqueles que usufruem dos benefícios de modernas tecnologias e que vive em cidadelas fortificadas como na Idade Média, cercada de conforto e lazer em áreas altamente valorizadas. E da outra parte, aqueles

que ocupam a metade inferior dessa "pirâmide" e que representam a grande maioria da população, desprovida do conjunto de benefícios básicos necessários para o atendimento de suas necessidades, de sistemas de proteção social, ocupando os cinturões periféricos dos centros urbanos.

As consequências dessas transformações do modo de vida contemporâneo se refletem no medo e na insegurança das pessoas que vivem nas grandes cidades, e que fazem com que a fala do crime expressas pelas relações entre experiências e interpretações de violência desta vivência do cotidiano das metrópoles (CALDEIRA, 2000), esteja cada vez mais presente no cotidiano delas. Esta sensação de insegurança e amedrontamento se materializa na Arquitetura do Medo (LIRA, 2014) quer sejam nas áreas das cidades onde a valorização imobiliária e o poder aquisitivo estão presentes, quer sejam nas áreas onde esses valores estão ausentes.

[...] a insegurança moderna, em suas várias manifestações, é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos. Suspeitamos dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade humana (BAUMAN, 2009, p. 16).

A segurança conquistada no período da modernidade sólida, caracterizada pelos avanços do Estado, onde "havia mais proteção" (garantia coletiva contra as desventuras individuais) do que redistribuição da riqueza (BAUMAN, 2009, p. 17), num ciclo de proteção coletiva, faz com que o Estado crie instituições e medidas assistenciais. Entretanto, apesar dos serviços de saúde, escolas públicas, casas populares, direitos trabalhistas, etc., os chamados medos modernos se iniciam quando há uma redução do controle estatal, um rompimento na maneira de administrar o medo.

Em outras palavras, aquilo que constituía os laços de irmandade de forma natural, quando rompidos dão lugar aos laços "artificiais" que o Estado cria para tentar administrar o medo, como associações e sindicatos. Jacobs (2000) ainda menciona a transformação percebida nas calçadas, onde outrora existia uma familiaridade, irmandade, em que todos do bairro, moradores, trabalhadores e visitantes frequentes se conheciam, com essas rupturas, dispersam-se, mudam-se para outros locais, "mais seguros", onde possam sentir-se protegidos.

Essa solidariedade artificial criada pelo Estado que substitui a irmandade, vai cedendo espaço às pressões das forças globais, e determina o

fim desse ciclo administrado pela modernidade sólida. Com isso a solidariedade é substituída pela competição, e o sentimento das pessoas é de abandono, do "agora é cada um pra si". O desmoronamento "dos laços" comunitários nos transformou (sem nosso consentimento) em indivíduos "de direito", porém essas forças globais dificultam que cheguemos ao nível de indivíduos "de fato" (BAUMAN, 2009).

Se, entre as condições da modernidade sólida, a desventura mais temida era a incapacidade de se conformar, agora - depois da reviravolta da modernidade "liquida" - o espectro mais assustador é o da inadequação (BAUMAN, 2009, p. 21-22).

Lira (2014) também avança na interpretação quando traz o sentimento de afastamento que o indivíduo contemporâneo demonstra em relação às outras pessoas. No mundo capitalista da atualidade, onde os valores estão intrinsecamente ligados ao "material", ao consumo e ao egocentrismo como norteadores do modo de vida, o "eu" está acima do "nós", na maior parte do tempo, fomentando não somente um desinteresse mas também o repúdio pelos "outros", no que encontra eco nas considerações sobre a individualização crescente verificada na sociedade atual, naquilo que Bauman (2009) denominou de "Modernidade Líquida".

Todos que tem condições adquirem seu apartamento num condomínio: trata-se de um lugar isolado que fisicamente se situa dentro da cidade, mas, social e idealmente, está fora dela. "Presume-se que as comunidades fechadas sejam mundos separados. As mensagens publicitárias acenam com a promessa de 'viver plenamente' como uma alternativa à qualidade de vida que a cidade e seu deteriorado espaço público podem oferecer." Uma das características mais relevantes dos condomínios é seu isolamento e sua distância da cidade (BAUMAN, 2009, p. 39).

Essas experiências muitas vezes são substituídas pelos meios de comunicação quando em suas veiculações apresentam um cotidiano que não necessariamente refletem fielmente o cotidiano nas cidades, pois apresentam aquilo que lhes propicia maior retorno financeiro, na "venda" de notícias que atiçam a curiosidade da população, e que também são geradoras da insegurança percebida, o que faz com que as pessoas se afastem ainda mais das ruas.

Observamos nos dias atuais, a segregação e a violência apresentada nos telejornais, viabilizada e viralizada pelas redes sociais.

Percebe-se uma parte da população recolhida em seus lares, confortáveis e seguros, em seus condomínios murados e fortemente aparelhados com dispositivos de segurança. Como consequência, quanto mais nos separamos de nossas vizinhanças imediatas, mais confiança depositamos na vigilância artificial do ambiente.

Existem em muitas áreas urbanas casas construídas para proteger seus moradores, e não para integrá-los nas comunidades às quais pertencem. Justamente quando estendem seus espaços de comunicação para a esfera internacional, esses moradores colocam a vida social porta afora, potencializando os seus "sofisticados sistemas de segurança" (GUMPERT; DRUCKER apud BAUMAN, 2009, p. 25).

Há uma visão da modernidade líquida que se acentua cada vez mais, qual seja a de fazer parte do que Bauman (2009) chama de "primeira fila" que são aqueles conectados ao mundo através de sua "morada virtual", que não se ligam ao lugar onde moram, pois este serve somente para estar, em um determinado momento de suas vidas, mas que não se sentem pertencentes a ela, como seu lugar no mundo. Para estes o lugar é onde melhor lhes convém naquele momento, não possuem laços de familiaridade ou senso de comunidade, não se identificam com o local onde moram. Já os que estão na "última fila" estes estão condenados a permanecerem nesse lugar, circunscrito numa área perfeitamente definida. Para estes, o local onde moram é o espaço de suas conquistas e seus fracassos, dos seus sonhos e esperanças e de suas frustrações e decepções. É o local de suas batalhas, onde a luta pela sobrevivência e a conquista de uma condição melhor é travada e onde a Vitalidade Urbana tem influência.

A segregação das novas elites globais; seu afastamento dos compromissos que tinham com o *populus* do local no passado; a distância crescente entre os espaços onde vivem os separatistas e o espaço onde habitam os que foram deixados para trás; estas são provavelmente as mais significativas das tendências sociais, culturais e políticas associadas à passagem da fase sólida para a fase líquida da modernidade (BAUMAN, 2009).

Nesse emaranhado mundo globalizado, onde as informações são transmitidas praticamente "*in real time*" e "*on line*", "[...] as cidades se constituem em depósitos de problemas causados pela própria globalização" (BAUMAN, 2009, p. 32). Os efeitos de um problema econômico de um país ou



cidade afeta direta ou indiretamente outro país ou cidade a quilômetros de distância. Logo, busca-se encontrar soluções locais para contradições globais! São produzidas políticas cada vez mais locais para um mundo estruturado por processos cada vez mais globais.

Nessa corrente na qual nos encontramos todos, nos fechamos em nós mesmos, o que nos torna mais indefesos, desarmados perante o vórtice global. E há ainda, em função dessas transformações globais, os deslocamentos daqueles que impossibilitados de galgarem melhores condições de vida em seus locais de origem, busquem em outros locais ou lugares, possibilidades de alcançarem as coisas que minimamente almejam. Nesse êxodo, em nível municipal, estadual, nacional ou mesmo internacional, observamos outro fenômeno, denominado, "forasteiro". Aquele que procuramos isolar do nosso convívio, que nos é estranho, ou pela aparência, ou pelo idioma, ou etnia, ou ainda pelo comportamento, levando-nos a teme-los e discriminá-los.

Numa visão instigante, Bauman (2009) reflexiona que no contexto em que vivemos, onde o medo se faz presente em cada passo que pretendamos dar, seja qual for a modalidade desse ato, cria-nos a necessidade de elaborar esse sentimento de uma forma que possamos administrar a difícil tarefa de conduzir nossas vidas; e como o fazemos? Transferindo essa carga para o que ele chama de "ser de amortização" (vulgarmente conhecido como "bode expiatório") das nossas angústias. Eles podem ser perfeitamente aqueles sujeitos que nunca tínhamos visto passar ante nossos olhos, ou que nosso olhar persegue insistentemente por acharmos paranoicamente que o sujeito está prestes a agir delituosamente!

Forasteiro, estrangeiro ou "vagabundo", pouco importa, ele naturalmente representa uma ameaça à nossa segurança e integridade. Expulsá-lo, enxotá-lo, corrê-lo ou mandar prendê-lo, nos liberta da apreensão angustiante que suas presenças representam. Sentimento que Bauman (2009) denominou de Mixofobia, que é o medo de se "misturar" ou se envolver com eles. Porém, mera ilusão, ao passar o momento, percebemos que o medo é um "Looping" onipresente que se revela em qualquer outra coisa, como consequência deste mundo globalizado e tecnológico.

Nesse sentido, Becker (2008, p. 17) traz um conceito que também pode ser interligado ao da fala de Bauman, no que ele denominou de

"outsider": "[...] aquele que se desvia das regras do grupo". Faz-se aqui um pequeno parêntese para chamar a atenção desse problema social cujo limite tênue divide o indivíduo em conflito com a lei e o indivíduo em situação de vulnerabilidade econômica-social. Este, quando alijado dos processos de inclusão e acesso aos bens comuns à grande maioria da população, se vê encurralado, sem muitas alternativas de sobrevivência e aí entra também, a incapacidade da sociedade de dar uma solução satisfatória, fazendo com que eles procurem na marginalidade, um meio de resolverem suas necessidades.

O mais importante de todo esse recorte feito aqui sobre a perspectiva proporcionada por Bauman (2009), é primeiramente, às graves consequências que a segregação sócio espacial e a falta de estrutura sócio inclusiva, podem trazer à regiões da cidade como no caso de Bento Ferreira e seus bairros adjacentes, à banalização de valores morais, sociais, familiares, e em seguida o conseqüente afastamento das pessoas do convívio social nas áreas públicas desse bairro, que comprometem também a sua própria segurança.

Outro fator que também influencia o sentimento de medo e a ocorrência de ações antissociais relacionando a característica do ambiente construído é a iluminação local. Este equipamento urbano é um dispositivo necessário na garantia da segurança dos espaços públicos à noite, inibindo ou mesmo inviabilizando uma ação delituosa. Mas verifica-se também situações em que há a iluminação pública, porém, a vegetação arbórea existente, encontra-se abaixo das luminárias, projetando dessa forma sobre as calçadas e às vias, uma sombra que acaba por anular o efeito positivo pretendido pelo equipamento. Dessa maneira, o local transforma-se numa área vulnerável. Portanto, o espaço público com pouca ou nenhuma iluminação depõe contra a segurança pública e, por conseguinte, contra a vitalidade local.

### **3.2 Reflexos da Insegurança na Geografia do Crime**

Quando referimos "geografia do crime" estamos delimitando uma área da cidade onde essa ocorrência se faz presente de forma constante, e, por conseguinte, com consequências diretas na morfologia da paisagem local. De outra parte, todavia não se pode olvidar também, de verificar até que ponto

a própria estrutura urbana e as diretrizes urbanísticas não propiciam ou facilitam para que essas ações antissociais ocorram.

Tuan (2005) apud Lira (2014, p. 130) salienta que as paisagens do medo são estabelecidas pelos níveis psicológicos e pelas percepções do ambiente real. Segundo ele o medo é um sentimento complexo. Da mesma forma, Bauman reforça que:

[...] a insegurança alimenta o medo: não há novidade, portanto, no fato de que a guerra à insegurança tenha grande destaque na lista das prioridades dos planejadores urbanos. Eles acreditam – e quando perguntados, reafirmam isso – que deveria ser assim mesmo. O problema, porém, é que, com a insegurança, estão destinadas a desaparecer das ruas da cidade a espontaneidade, a flexibilidade, a capacidade de surpreender e a oferta de aventura, em suma, todos os atrativos da vida urbana. A alternativa à insegurança não é a beatitude da tranquilidade, mas a maldição do tédio. É possível derrotar o medo e ao mesmo tempo suprimir o tédio? Podemos suspeitar que esse seja o maior dilema que arquitetos e planejadores têm de enfrentar, um dilema para o qual ainda não foi encontrada uma solução convincente, adequada e indiscutível; uma questão à qual não se pode dar resposta totalmente satisfatória. No entanto, é um problema que (talvez exatamente por isso) continuará a levar arquitetos e planejadores a experimentações cada vez mais radicais e a saídas cada vez mais audaciosas (BAUMAN, 2009, p. 68).

Os dados informados no segundo parágrafo da introdução, mostram que esse expressivo índice localizado com maior intensidade em áreas de aglomerados subnormais tem sido associado as crescentes ocorrências de crimes contra o patrimônio registrados nas áreas formais da cidade (LIRA; LYRA; GUADALUPE, 2014). Essa dualidade entre aglomerados subnormais, constituídos por áreas que resultaram de uma ocupação informal ocorrida em sua maioria por invasões de áreas de encostas ou de mangues da cidade, versus as citadas áreas formais que surgem a partir dos loteamentos urbanos previstos nos Instrumentos Urbanísticos vigentes, sugerem uma realidade morfológica excludente expressa na segregação sócio espacial dos espaços constituintes da cidade.

O cenário descrito também tem refletido na configuração dos espaços físicos da cidade onde edifícios introspectivos se multiplicam e transformam a paisagem urbana. Por conseguinte, alteram também a confiança e sensação de segurança das pessoas na cidade (BAUMAN, 2009). Sensações expressas nas novas tipologias das edificações que passaram a incorporar elementos característicos da arquitetura do medo e também na

própria configuração física da cidade de muros (CALDEIRA, 2000) que junto ao medo eminente esvazia os espaços livres e escassos da cidade. Situação reforçada pela ausência de um desenho urbano que integre os espaços fragmentados de nossas cidades (CUNHA; LYRA; SANTANA, 2016).

Tal realidade evidencia por um lado a fragilidade da segurança pública, mas também sugere a existência de um conjunto de políticas públicas que favorecem interesses econômicos privados. Políticas que ainda reproduzem o racionalismo funcional modernista na distribuição dos usos e ocupações da cidade, e priorizam grandes deslocamentos dependentes de carros e vias para veículos em detrimento dos pedestres (LYRA, 2017). Situação presente na Região Metropolitana de Vitória e principalmente na capital, Vitória, onde a informalidade dos aglomerados subnormais contrasta com os bairros formais adjacentes.

Segundo Lira (2014), dados geo-estatísticos que combinam metodologias advindas do Sistema de Informação Geográfica (SIG) com análises interdisciplinares, evidenciam que processos urbanos derivados das desigualdades sócio-econômicas, como a gentrificação, favelização, segregação e auto-segregação, estimulam a manifestação da violência em consonância com as especificidades temporais e espaciais de cada cidade. Contudo, esses indicadores também apontam para a grande importância e a necessidade de desenvolver pesquisas e estudos que contribuam para a redução desses índices de violência criminal.

Constatamos a intensificação de práticas antissociais, como crimes violentos contra pessoas (CVPES) e crimes violentos contra o patrimônio (CVPAT), que no caso da capital capixaba, como já foi dito, o que se verifica em bairros onde há grande concentração desses crimes como Santo Antônio, Grande Vitória, São Pedro (LIRA, 2014), onde fatores como o baixo nível social, cultural e econômico foram determinantes para sua existência passaram a atingir outros bairros como Praia do Suá e Bento Ferreira cuja os fatores econômicos sociais e culturais são mais elevados, principalmente os crimes violentos contra o patrimônio.

Segundo notícias do jornal:

[...] baseados nas informações CIODES e no Observatório de Segurança da Prefeitura Municipal de Vitória, bairros como Jardim da Penha, Jardim Camburi, Praia do Canto, centro e Enseada do Suá estão entre os que mais registraram crimes de violência contra o patrimônio na cidade de Vitória (A GAZETA, 2016, p. 11).

Para trazer uma informação mais recente, o mesmo jornal traz a seguinte manchete:

[...] 19 veículos roubados por dia em 4 meses" - Foram 2.318 ocorrências registradas no início deste ano. Esse número corresponde aos registros feitos na Região Metropolitana da Grande Vitória, e são oriundos de roubos de carros e motos, mas podem ser maiores, pois cada ocorrência pode conter mais de um veículo (A GAZETA, 2017, p. 13).

Estes são dados obtidos do Comando de Polícia Ostensiva Metropolitana da Polícia Militar. Em outro trecho a reportagem aborda um caso específico que tem ligação direta com este trabalho, e diz o seguinte:

[...] Família instala câmeras contra furtos em Bento Ferreira" - Em Bento Ferreira, Vitória, a associação de moradores diz que, nos últimos dois meses, os relatos de pessoas que tiveram o carro roubado aumentaram significativamente. O presidente da associação, Paulo Marangoni diz que os ladrões agem mais no início da manhã e à noite.

A ação dos bandidos levou uma família a instalar câmeras em casa. A irmã de um morador, que prefere não se identificar, teve o carro roubado após estacioná-lo dentro da garagem, há cerca de 15 dias. O veículo foi recuperado, entretanto, o medo toma conta de toda a família. Por isso, o morador instalou as câmeras para inibir novos roubos. "Bento Ferreira está um absurdo, é uma média de quatro assaltos por dia" afirmou.

Por nota, a PM informou que na terça-feira foi realizada uma reunião com a comunidade do bairro e que o comandante do 1º Batalhão esteve presente. Durante o encontro, foram discutidas estratégias para melhorar o policiamento na região (A GAZETA, 2017, p. 13).

Os referidos bairros, passaram a sofrer com o problema da violência criminosa onde a configuração morfológica da paisagem urbana em transformação cumpre um papel significativo na dinâmica social do cotidiano urbano (JACOBS, 2000; GEHL, 2013; NETTO et al., 2017), constituindo assim objeto que despertou o interesse para a presente investigação.

A esse respeito vale recordar como se deu o processo de expansão urbana e ocupação na cidade de Vitória. Destaca-se que boa parte das obras implementadas na cidade nas décadas de 70 e 80 tomaram como base o projeto "Novo Arrabalde" (Figura 1), criado ainda na época do governo de

Muniz Freire (1892/1896) com o foco ainda na insalubridade, devido aos problemas de epidemias existentes. Logo, as intervenções mais comuns eram o alargamento das ruas e avenidas, construção de redes sanitárias e de abastecimento de água, loteamento de novos bairros, e a realização de novos aterros que proporcionaram a expansão da área ocupada da ilha de Vitória.



**Figura 1.** Evolução do Novo Arrabalde, projeto urbanístico para a cidade de Vitória, ES (1896)  
Fonte: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (1994).

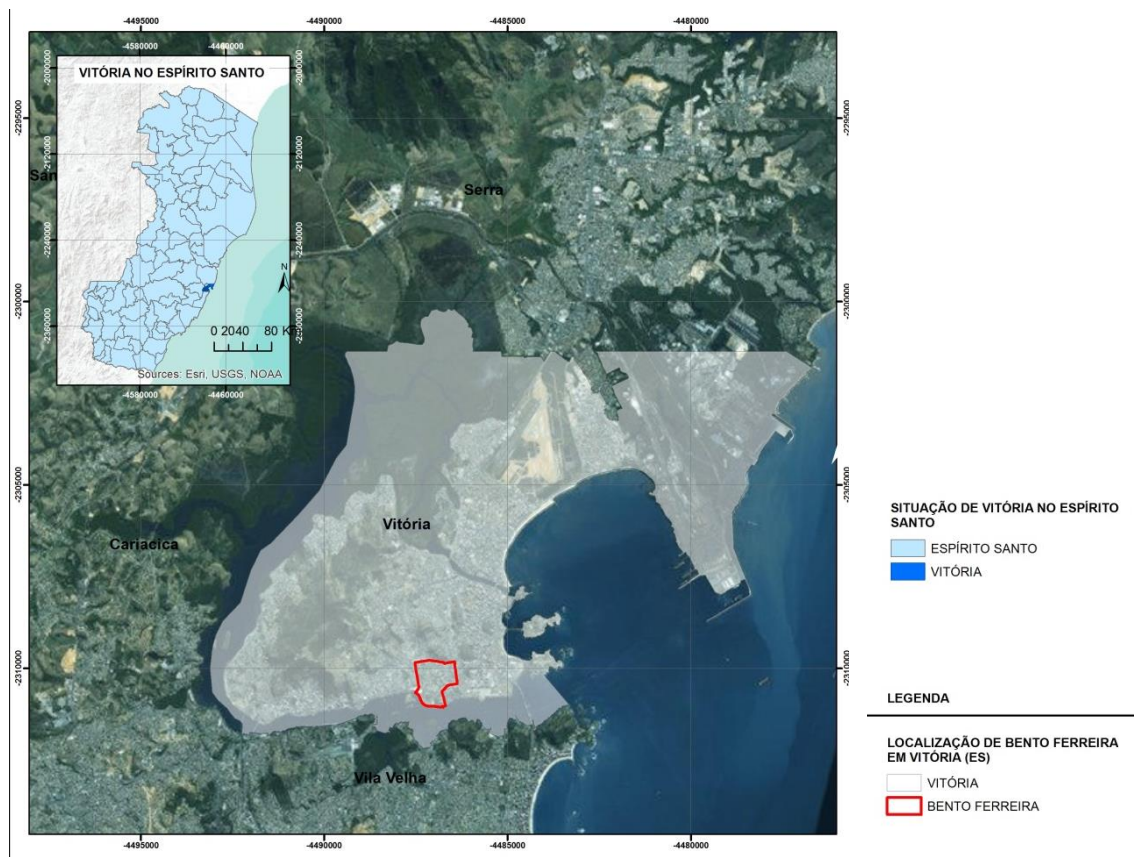
Apesar de terem sido muito importantes para o desenvolvimento da cidade, além de não atenderem a demanda da época, tais intervenções favoreceram um processo de ocupação urbana seletiva. Devido à forte especulação imobiliária, e à constante alta no preço da terra, os novos bairros planejados abrigaram as camadas mais favorecidas da sociedade, como em Bento Ferreira e Praia do Canto.

A população pobre que se constituíam principalmente pelas famílias de migrantes de baixa ou nenhuma qualificação técnica, em função de naquele momento a demanda ser para atuar na operação e obras das Grandes indústrias (Companhia Siderúrgica – CST, Tubarão, 3ª Ponte), acabaram sem emprego e, por conseguinte, tendo que ocupar as áreas de encostas e os próprios morros, áreas alagadas, mangues, etc., onde o custo da terra era mais acessível.

O processo de ocupação de Vitória torna-se mais rápido e intenso, iniciando assim uma transformação e descaracterização do espaço geofísico da cidade. Prevalendo a diferenciação espacial e social, coube à população de baixa renda ocupar áreas periféricas, sem qualquer infraestrutura urbana ou condições mínimas de habitação (SIQUEIRA, 2010). É nesse período que tem início a ocupação da porção noroeste da ilha.

## 4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDOS.

O bairro Bento Ferreira possui uma situação geográfica privilegiada na capital Vitória, ES. Localizado ao sul da ilha entre o centro e os principais setores administrativos da cidade (Figura 2). O bairro é servido por três vias arteriais por onde passam as principais rotas do transporte público essenciais para mobilidade da cidade. Bento Ferreira tem apresentado um processo de transformação urbana acelerado com uma concentração de usos Institucionais ao sul, residencial e de serviços ao norte, e residencial multifamiliar ao sudeste (LYRA, 2017). Situação que tem despertado o interesse de empresários do setor da construção civil.

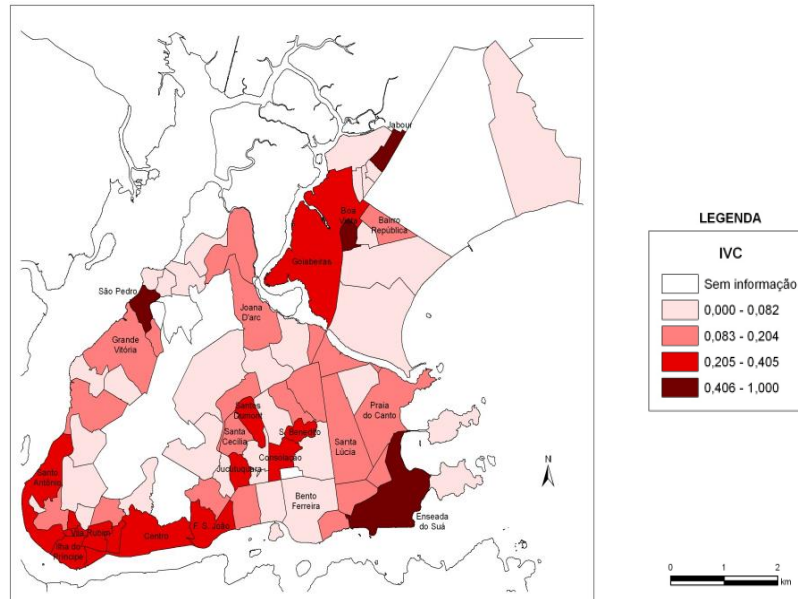


**Figura 2.** Mapa da área de estudo em relação à capital Vitória  
Fonte: Lyra (2017).

Destaca-se assim como um dos últimos bairros com infraestrutura de Vitória que ainda apresenta capacidade de acomodar novas construções, devido à quantidade de áreas ainda não edificadas e de outra parte, de residências unifamiliares com potencial para serem incorporadas em novos empreendimentos imobiliários. Esse fato torna o local um foco de atenções, de interesses e convergências, o que atrai para si muitos olhares, tanto para o setor empresarial, quanto para a comunidade, o município e o Estado através da Secretaria de Segurança Pública.

O bairro de estudo ainda se destaca por estar situado entre outras duas áreas caracterizadas por aglomerados subnormais e altos índices de ocorrências de crime contra a pessoa, enquanto em Bento Ferreira foram registrados um número de ocorrências crescentes de crime contra o patrimônio (LIRA; LYRA; GUADALUPE, 2014). A Figura 3 a seguir ilustra os índices da Violência no município e a situação geográfica do bairro de Bento Ferreira em relação à cidade. Estes números despertam para a necessidade de estudos que possam contribuir para que as transformações urbanas futuras incorporem as características de Vitalidade Urbana descritas no segundo capítulo. Embora o bairro esteja entre os de menor índice no ano referido, sabe-se que esse valor teve um aumento, o que leva a discutir de que forma, os futuros empreendimentos irão se configurar, e ao que tudo indica, seguinte a lógica das construções atuais, o térreo, o primeiro e o segundo pavimentos serão reservados para as vagas de garagens e à partir do terceiro pavimento apenas, os apartamentos tipo. Isso resultará numa área ao nível da rua, desprovida de interações visuais e menos ainda, de sociais, separando ainda mais a já enfraquecida relação vicinal entre as pessoas.

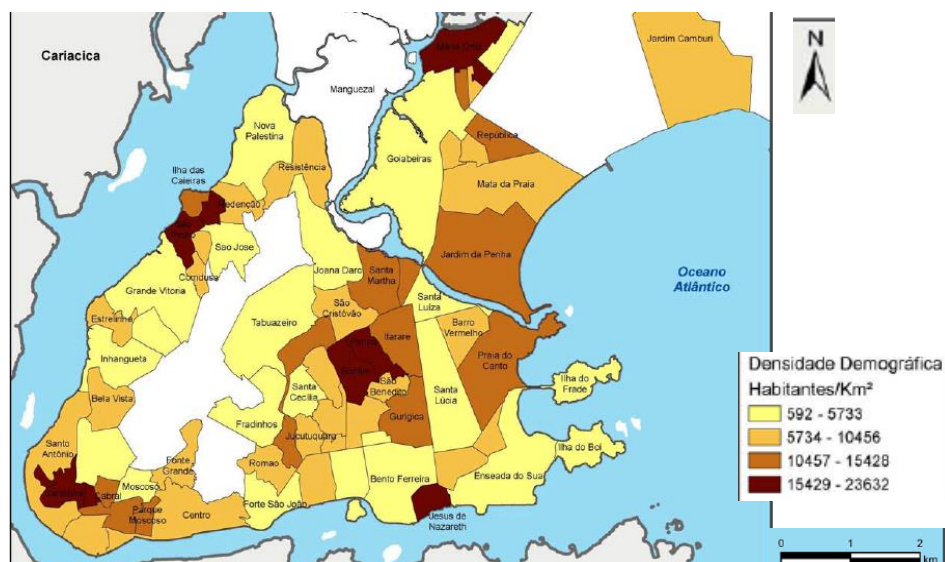




**Figura 3.** Índice de violência criminalizada (IVC) em Vitória, ES  
 Fonte: Lira (2014).

#### 4.1 Contextualização Espacial e Sócio econômico do bairro

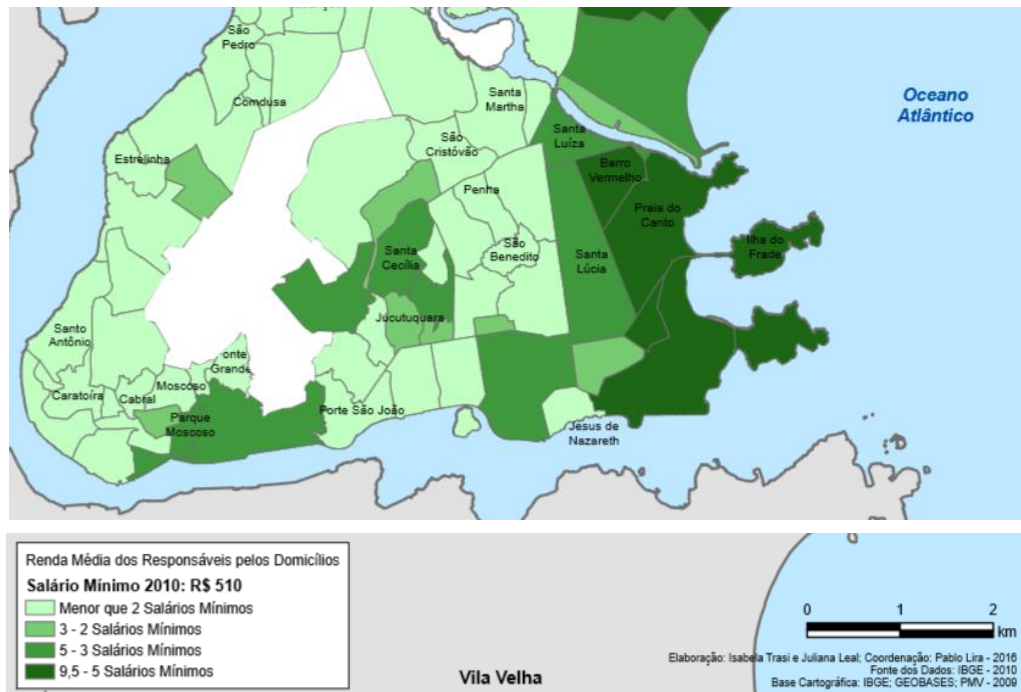
A investigação das condições espaciais e sócio econômicas de uma determinada região costuma revelar algumas questões inerentes ao seu contexto que podem servir de referência para intervenções futuras da área. No caso específico do bairro de estudo existe uma discrepância identificada no mapa de densidade demográfica em relação à distribuição da população dentro do município, onde a concentração de pessoas em Bento Ferreira é até quarenta vezes menor que a de outros bairros vizinhos, como o de Jesus de Nazareth caracterizado por aglomerados subnormais (Figura 4).



**Figura 4.** Mapa da densidade demográfica - Vitória, ES - 2000  
 Fonte: IBGE (2009) apud Burgarin e Lira (2011, p. 19).

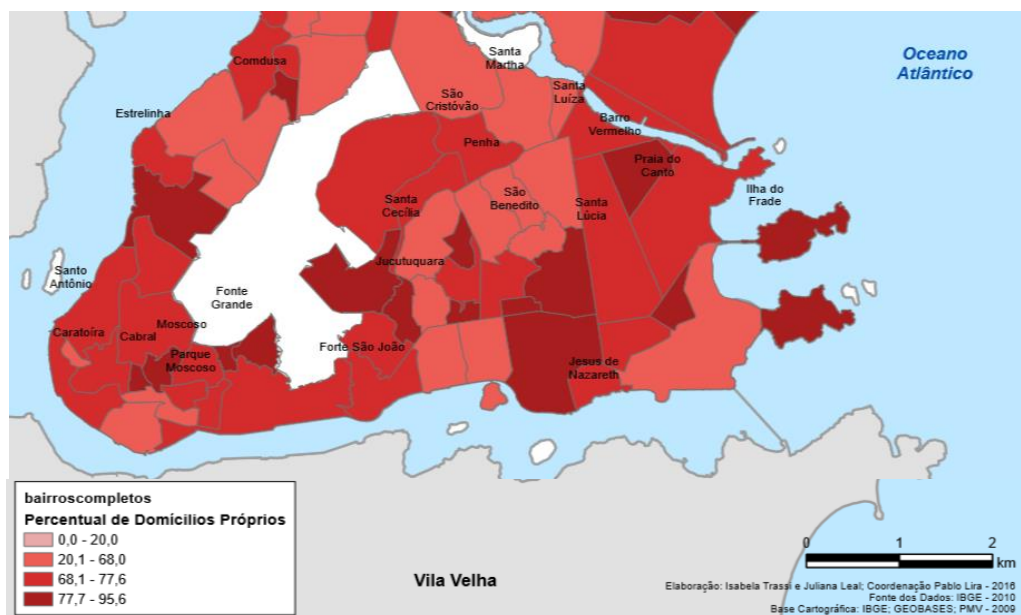
O mapa identifica uma desigualdade na distribuição demográfica entre os bairros com melhor infraestrutura e uma tendência de adensamento planejado concentrado nos bairros situados na porção leste, com topografia mais plana. Esta situação demanda um acompanhamento criterioso no que diz respeito à escala humana citada por Gehl (2013) como um dos pré-requisitos para a Vitalidade Urbana.

Ao comparar o mapa de densidade ao de distribuição de renda (Figura 5) observamos que os bairros vizinhos ao bairro Bento Ferreira apesar de apresentarem o maior índice de pessoas por metro quadrado, possui uma das menores concentrações de renda, confirmando a desigualdade já citada. Essa segregação faz com que as relações entre essas comunidades se consolide de forma mais separatista, polarizando os valores, conceitos e realidades que alimentam ainda mais o sentimento de medo e desconfiança manifestas pelos moradores de Bento Ferreira, como o representado no mapa da Figura 11.



**Figura 5.** Mapa de distribuição de renda de Vitória, ES  
 Fonte: Lira (2017).

Por outro lado, ao verificarmos o percentual de domicílios próprios da cidade (Figura 6), apesar de uma crescente indicação de regularização da posse da propriedade nas áreas com menor renda, nos intriga a discrepância no acesso a serviços de lazer, educação, mobilidade e equipamentos públicos básicos, necessários para as demandas diárias da população.



**Figura 6.** Mapa Percentual de Domicílios Próprios em Vitória, ES.  
 Fonte: Lira, 2017.

A existência desses equipamentos são de vital importância para a qualidade de vida urbana e mais, são vetores na promoção de sociabilidade, solidariedade e consciência cidadã. A falta desses elementos faz com que alguns indivíduos busquem algo que os substitua, e muitas vezes os caminhos que suprem suas carências residem nos atos anti sociais. A forma como as diretrizes são determinadas num plano diretor de uma cidade por exemplo, podem ser determinantes para que comunidades que apresentam perfis diferentes, consigam se integrar e conviverem em harmonia, numa ligação produtiva e equilibrada.

Esta realidade nos remete a necessidade de compreensão do processo de ocupação e planejamento verificado nesta região de estudo. Sua origem ocorreu durante o processo da chamada expansão territorial do "Novo Arrabalde", conforme já citado, projeto encomendado pelo então governante da cidade de Muniz Freire no período de 1892 a 1896 ao Engenheiro Saturnino de Brito, que projetava a expansão em direção a porção norte do município.

A obra de implantação só teve início no séc.XX, entre 1932 e 1942 com o aterro das áreas adjacentes ao que hoje é a Av. Vitória. Porém, o último plano de desenvolvimento para o bairro é orientado pelo urbanista francês Alfred Agache em 1945, mas é somente em 1951 por intervenção do estado, que a região começa a ser efetivamente urbanizada e ocupada.

Entre 1952 e 1955, já no seu segundo mandato, o então governador do estado Jones dos Santos Neves criou o Plano de Valorização Econômico que consistiu num planejamento administrativo com políticas de desenvolvimento urbano, onde entre outros avanços, promove o "enrocamento" de um trecho de mais de 4 km que vai do final do porto até Bento Ferreira, isolando e aterrando manguezais com o desmonte de morros e material proveniente da dragagem realizada no canal entre Vitória e Vila Velha, resultando no acréscimo significativo para a expansão da cidade (OLIVEIRA, 2008).

A origem do nome do bairro, conforme informado pela PMV (VITÓRIA, 2018) é de que nessa região da cidade vivia um ferreiro que possuía uma oficina onde consertava e fazia manutenções nos vagões da Companhia Leopoldina, que possuía as linhas férreas naquele tempo. Trabalhando e residindo na oficina, Bento era a referência da região ainda desocupada. Assim, ao se referirem a esta localidade diziam "região de Bento, o ferreiro".

Finalizado os aterros na década de 1990, o bairro começou a receber as obras de infraestrutura, particularmente o calçamento das vias, propiciando assim, condições de ocupação. Com a instalação de órgãos institucionais como a PMV e a Câmara Municipal ao longo da Avenida Mascarenhas de Moraes, na região conhecida como Beira Mar, o desenvolvimento do bairro foi alavancado, dando início à ocupação como um prolongamento dos bairros Praia do Suá e Praia do Canto, já consolidados. Sua ocupação se caracterizou principalmente por edificações residenciais de classe média, sendo que a parte mais a leste, nas proximidades da Av. Leitão da Silva e Av. Vitória se destacam pelo tratamento paisagístico mais acurado e pela concentração de edificações verticalizadas do bairro.

Segundo os levantamentos realizados para a pesquisa “Estratégias Socioambientais para Inibição de Ações Antissociais. Um estudo do Bairro Bento Ferreira e seu entorno”, em 2013, o bairro conta com um comércio restrito a algumas ruas, essencialmente as principais do bairro, localizadas em edificações de uso misto. O levantamento revelou que muitos moradores se mostram descontentes com a falta de segurança existente no bairro, o que ocasionou uma visível transformação morfológica, revelada pelos equipamentos e dispositivos de segurança que compõem as fachadas dos prédios, os muros, as aberturas, etc., bem como na configuração dos usos e ocupação do solo, o que por outro lado também fez aumentar o temor e a insegurança (LYRA, 2017).

Realidade que sugere uma relação com os processos tardios de industrialização e urbanização ocorridos no Brasil que trouxeram muitos problemas, principalmente os socioeconômicos e urbanísticos às cidades, principalmente aquelas localizadas em Regiões Metropolitanas. No estado, é a partir da década de 70 que o processo de industrialização promove intenso desenvolvimento sobre tudo na construção civil, por conta da migração vinda do interior e outras cidades de fora do estado, em busca de trabalho na Grande Vitória.

Logo, o rápido desenvolvimento industrial não foi seguido proporcionalmente na infraestrutura e no ordenamento e ocupação do território urbano, que trouxe como consequências, a divisão sócio-econômico-espacial da cidade, em bolsões de ocupação subnormal e áreas supervalorizadas constituídas pelas classes sociais mais privilegiadas, consolidando assim,

muitos problemas sociais, que se agravaram ainda mais pela falta de políticas públicas adequadas para resolver esse processo de desenvolvimento desigual verificado na atualidade (BUGARIN; LIRA, 2011).

Nesta breve apresentação e contextualização do bairro Bento Ferreira, pretendeu-se mostrar a trajetória da ocupação de uma região da ilha de Vitória que foi aterrada para propiciar a expansão urbana da cidade, de forma planejada, porém negligenciada quanto à sua função social tendo em vista a segregação socioeconômica espacial observada. Destaca-se ainda e principalmente, a falta de estratégia e visão por parte daqueles que tendo em mãos e de posse das propriedades do bairro, a possibilidade de trazer dinâmica econômica, inclusão social e segurança pública ao novo bairro, tiveram tão somente em vista a especulação imobiliária como fator preponderante, determinando a configuração espacial que se verifica no bairro e em seu entorno.

O cenário ilustrado apresenta os reflexos da falta daqueles elementos apontados por Jacobs (2000) e Gehl (2013), cujo recorte é apresentado no presente estudo, como promotores da vitalidade necessária para a promoção da qualidade de vida dos seus moradores e ocupantes, sobretudo nas questões relacionadas a segurança pública.

#### **4.2. Delimitação da poligonal de estudo**

A pesquisa referida na página anterior, coordenada pela Professora Ana Paula Rabello Lyra que orientou este trabalho foi decisiva na delimitação do bairro Bento Ferreira como o estudo de caso desta investigação. Trata-se conforme descrito no capítulo anterior de um bairro formal do município capixaba, localizado em área estratégica próxima ao centro da capital, da terceira ponte e conectada por artérias viárias estruturantes.

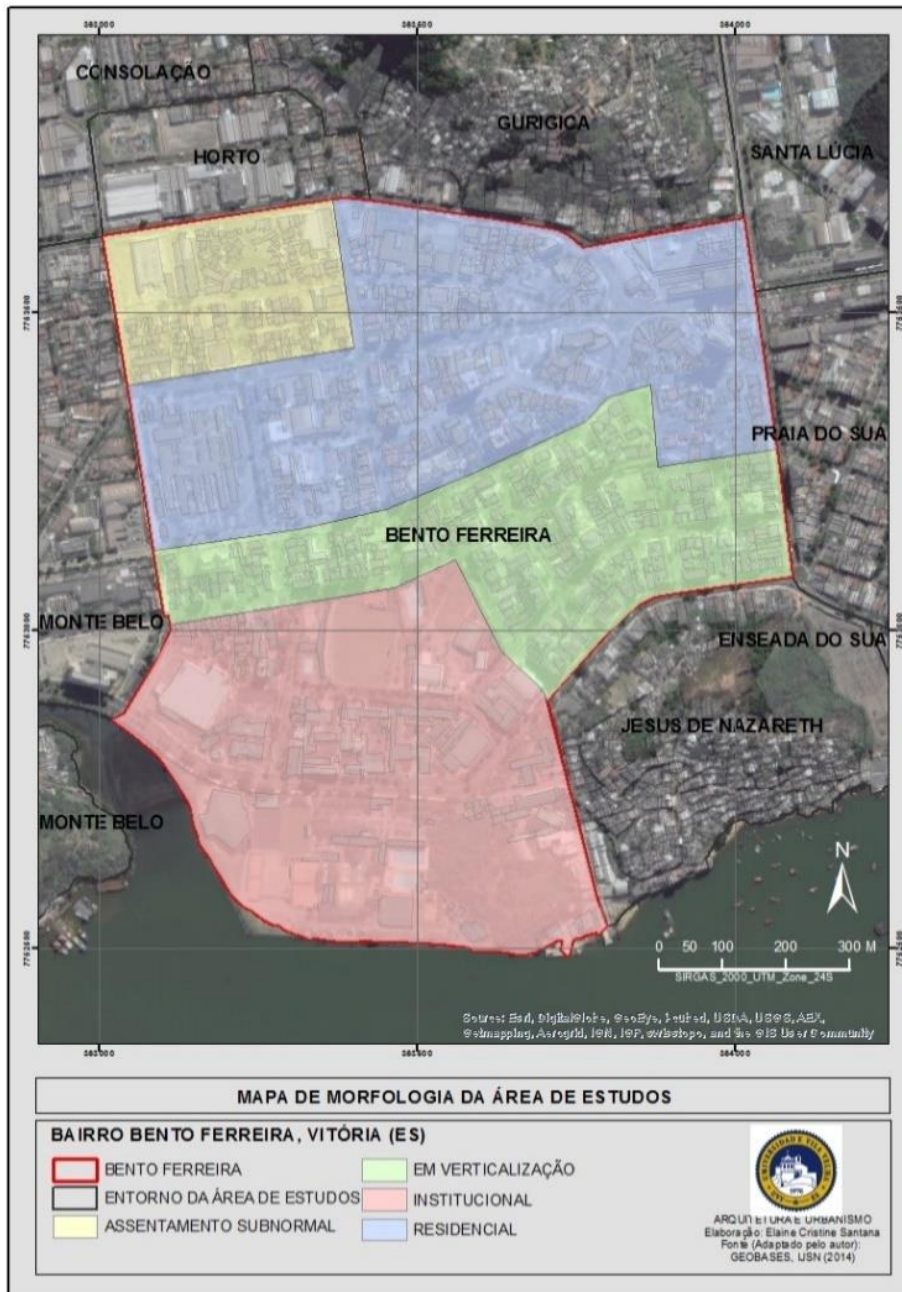
Sua ocupação iniciou lenta na década de 70 após os aterros que permitiram a expansão do Centro em direção ao norte do município e se intensificaram após adensamento dos demais bairros formais existentes na cidade. Bento Ferreira recebeu investimentos de urbanização com asfaltamento das vias, iluminação, cobertura de valão e inserção de canteiros verdes ao longo das principais vias do bairro.

Com o esgotamento eminente das opções de incorporações nos demais bairros do eixo centro norte nos últimos dez anos, Bento Ferreira passou a receber muitos empreendimentos imobiliários, resultando em um princípio de adensamento de edificações e também populacional, pela verticalização construtiva adotada. Todavia, o investimento de melhorias identificado em Bento Ferreira aconteceu em paralelo à expansão das ocupações informais dos bairros de Gurigica e Jesus de Nazareth, adjacentes.

As construções existentes hoje no encontro desses bairros sugerem que o lado formal ignorou qualquer possibilidade de integração com seus vizinhos ao posicionar suas construções como barreiras contra os lados informais adjacentes (LYRA, 2017). Esse fato só, já torna o local um foco de atenções, de interesses e convergências, o que atrai para si muitos olhares, tanto para o reconhecimento quanto para o controle, mas também para a oportunidade que se conflagra para o cometimento de delitos, e isso implica na segurança do mesmo, tendo em vista aquilo que Jacobs (2000) chamou de "olhos da rua", onde tudo é percebido e acompanhado não só pelos ocupantes costumeiros e eventuais mas principalmente pelos próprios moradores locais.

Em uma visita de reconhecimento ao bairro percebeu-se uma concentração, mais horizontal e informal com características de aglomerado subnormal adjacente a uma concentração com usos predominantes residenciais unifamiliares na porção norte do bairro e outra com usos mais institucionais incluindo edifícios administrativos e públicos na porção sul. Foi também verificada a presença contrastante de uma ocupação verticalizada com usos residenciais multifamiliares atravessando de leste a oeste o bairro entre as ocupações horizontais e administrativas citadas (Figura 7).



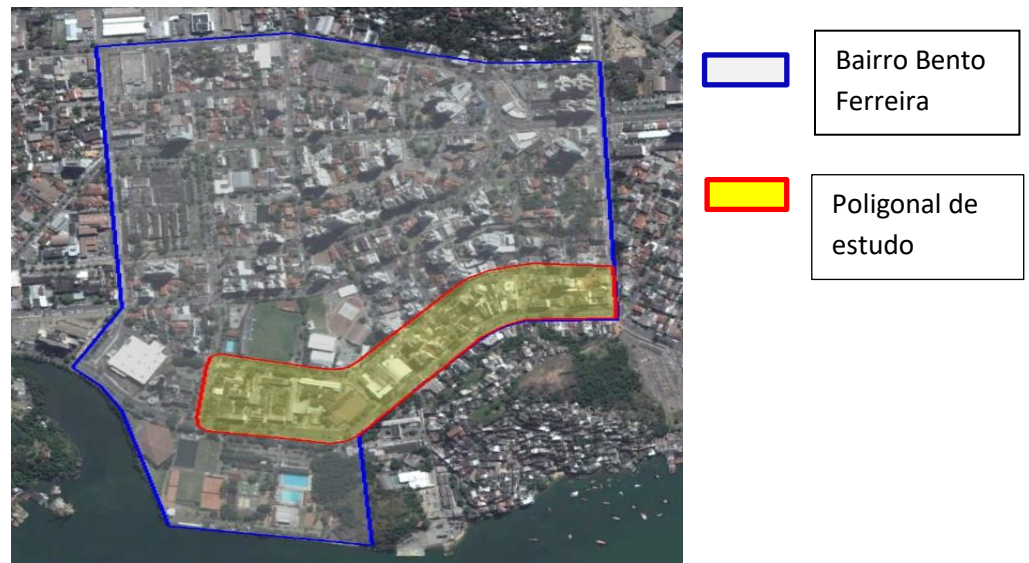


**Figura 7.** Mapa Identificação Morfológica de Bento Ferreira  
Fonte: Lyra (2017).

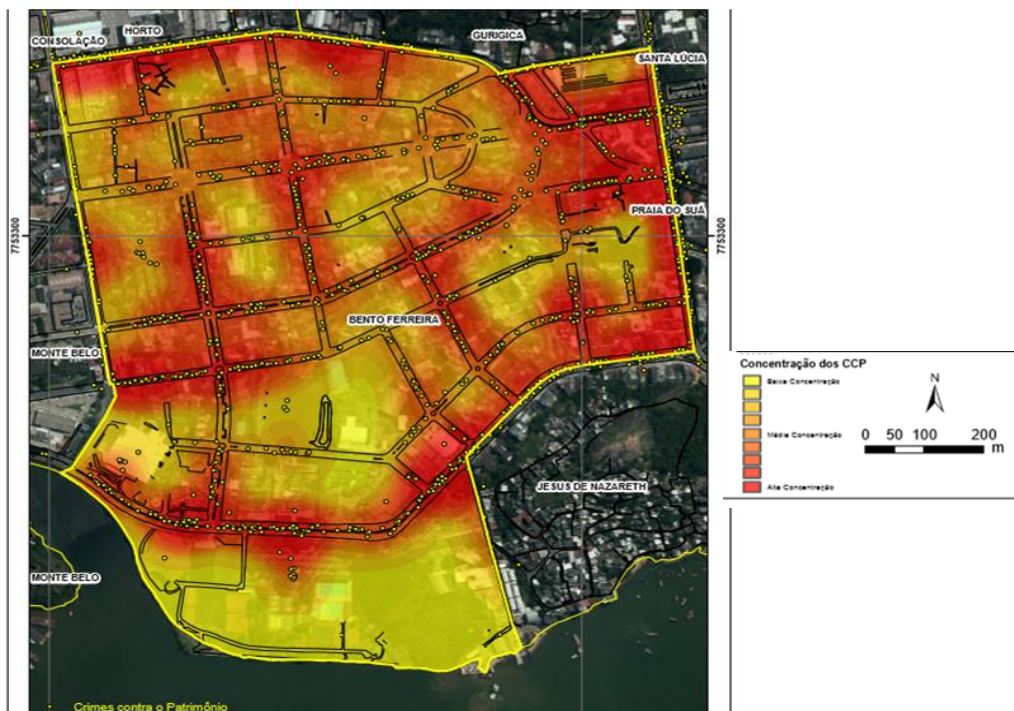
A partir desta identificação e depois de comparado ao mapa de ocorrências do bairro (Figura 9) constatamos que na região que inicia na extremidade sudeste da área verticalizada e segue ao longo de uma das artérias principais da cidade, a Avenida Marechal Mascarenhas de Moraes, que termina na porção ocupada por edifícios institucionais, existe uma diversidade razoável de usos que despertou nossa curiosidade. Verificou-se no mapa uma concentração alta de ocorrências que demandava uma investigação em relação aos efeitos do usos e ocupação do solo da paisagem desta poligonal



individualizada como objeto deste estudo, e a Vitalidade Urbana defendida por Jacobs (2000) e Gehl (2013).



**Figura 8.** Mapa do bairro Bento Ferreira e a poligonal de estudo  
Fonte: Lyra (2017).



**Figura 9.** Mapa de concentração de crimes contra o patrimônio em Bento Ferreira  
Fonte: Lyra (2017).

Verifica-se, comparando os mapas das figuras 9 e 11, que nas quadras que estão situadas próximas à Avenida Leitão da Silva, entre a Avenida Mascarenhas de Moraes e a rua Cel. Schwab Filho, onde o uso e

ocupação do solo é misto e a quantidade de comércios e serviços presentes como já foi dito, constituiriam aquilo que Jacobs (2000) e Gehl (2013) preconizam também como condições “sine qua non” para se ter vitalidade, no entanto revelam uma realidade diferente, o que levanta um questionamento a respeito:

Porque essas quadras próximas à Av. Leitão da Silva e Av. Mascarenhas de Moraes embora tenham a presença de comércios e serviços, além de estarem junto a artérias viárias importantes da cidade, apresentam significativa concentração de crimes contra o patrimônio?

Uma hipótese que poderia explicar essa contradição seria a de que, embora as condições sejam propícias para o fortalecimento da vitalidade local, a quantidade de pessoas que passam e aquelas que permanecem na área, não são em número suficiente para tornarem essas condicionantes, eficazes. Outro fator importante e talvez determinante para tais ocorrências sejam aquelas relacionados à morfologia da paisagem, onde a pouca existência dos “olhos da rua” causadas pelas pequenas aberturas e barreiras visuais nas construções, e a pouca existência de térreos e fachadas ativas produzem efeitos negativos à segurança pública na medida em que potencializam a ação delituosa pela simples falta de vigilância e interatividade entre a propriedade privada e a área pública, tão necessária para a manutenção da confiança entre e com os moradores, trabalhadores e visitantes, constatado no levantamento fotográfico e diagnóstico da morfologia (item 4.3).

O oposto também ocorre no sentido contrário à Av. Leitão da Silva, nas duas últimas quadras em direção à prefeitura de Vitória, em que se constata uma modificação na morfologia da paisagem pontuada por edificações unifamiliares e principalmente institucionais e, por conseguinte, sem diversificação de atividades, contrariando as qualidades existentes no trecho anterior. Nesse trecho, as divisas frontais das edificações são constituídas por muros, que possuem alturas médias de dois metros, completamente fechadas, o que as tornam paredes “cegas” voltadas para a rua, na contramão de outra premissa trazida por Jacobs (2000) que são “os olhos da rua”. Situação que transforma esses passeios públicos em verdadeiros corredores desérticos, complementados pela falta de circulação de pessoas e veículos, o que acentuam o sentimento de vazio, solidão e abandono. Realidade que por sua vez, transformam esses espaços públicos numa região insegura, perigosa, pois

a falta de utilização aumenta o risco de violência ou criminalidade. Segundo a autora “Não é preciso haver muitos casos de violência numa rua ou num distrito para que as pessoas temam as ruas. E quando temem [...] as pessoas as usam menos, o que as torna ainda mais inseguras” (JACOBS, 2000, p. 30), no entanto, o mesmo mapa da Figura 9 mostra que essa área não apresenta ocorrências de crimes contra o patrimônio, e o mapa da Figura 11B, por outro lado, na percepção dos moradores apresenta-se como sendo uma das áreas mais perigosas da poligonal o que reforça a tese de que o sentimento de insegurança e medo é tão pronunciado que as pessoas realmente evitam circular nessa área o que se reflete no resultado da Figura 9, tornando-se pouco ou nada atrativa para a ação delituosa pela simples falta de vítimas, e por isso mesmo sem registro de ocorrências.

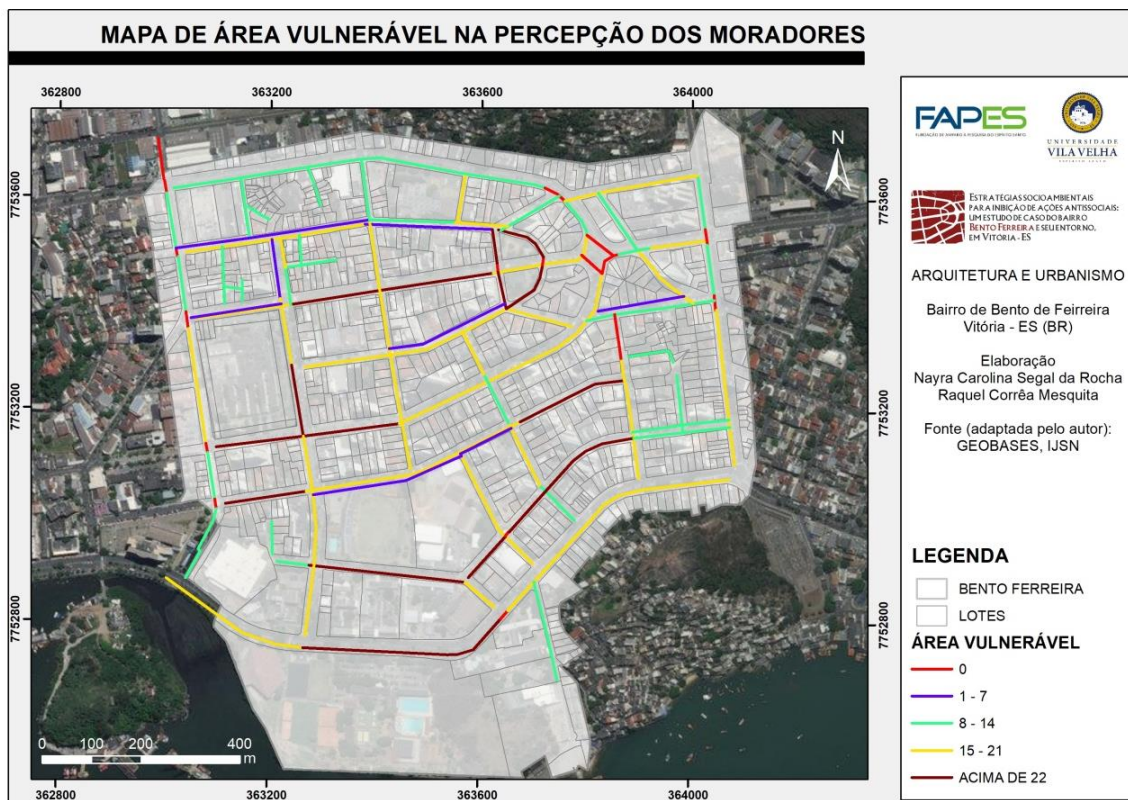


**Figura 10.** Poligonal de estudo  
Fonte: Arquivo do autor.

Nas duas primeiras quadras junto à Av. Leitão da Silva, encontramos a concentração de comércios e serviços que inclui entre outros, importantes referências como a Casa do Arquiteto (Instituto dos Arquitetos do Brasil – IAB, Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Espírito Santo – CAU-ES e o Sindicato dos Arquitetos do Espírito Santo – SINDARQ-ES); Clínica Despertar; Instituto de Urologia do Espírito Santo; Associação dos Servidores do Poder Judiciário de Espírito Santo (AJUDES); Restaurante João de Barro; LIG - Biologia Nuclear e Imunogenética; Restaurante Galetinho; Magrass - Clínica estética; Deboni's Restaurante; Divani - Sofás e colchões; Cooperativa de

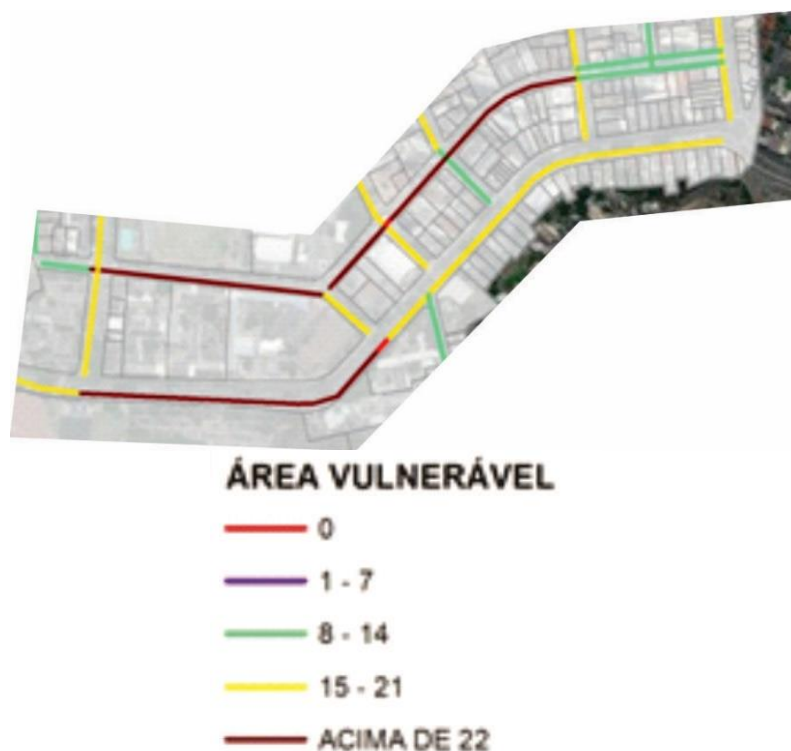


Economia e Crédito Mútuo dos Servidores Públicos dos Municípios da Região Metropolitana da Grande Vitória - ES (COOPMETRO); Vetor - Medicina do Trabalho. Além das torres dos condomínios multifamiliares, que portanto, formam a maior concentração populacional do trecho, logo, podemos afirmar que este é o trecho da poligonal onde deveria existir potencial para maior vitalidade. Entretanto a Figura 11A ilustra a sensação de insegurança percebida pelos moradores com maior concentração em diferentes trechos incluindo o desta poligonal de estudo.



**Figura 11A.** Mapa de vulnerabilidade na percepção dos moradores  
Fonte: Lyra (2017).

Nela como veremos a seguir, observa-se gradativamente um desvanecer da vitalidade tendo em vista o tipo de ocupação das edificações e a inexistência de atrativos nas áreas públicas e o espaço que divide as propriedades privadas da pública. Nem mesmo a existência da PMV na outra extremidade da poligonal, o que poderia representar uma rota alternativa sem problema de trânsito ou congestionamento modifica o cenário mapeado.



**Figura 11B.** Mapa de vulnerabilidade na percepção dos moradores na poligonal

A Figura 11B amplia os resultados obtidos no trabalho “Estratégias Socioambientais para Inibição de Ações Antissociais. Um estudo do Bairro Bento Ferreira e seu entorno”, já mencionados anteriormente, onde os valores representam a quantidade de vezes que esses trechos foram mencionados pelos moradores nas entrevistas realizadas pelos participantes desse estudo.

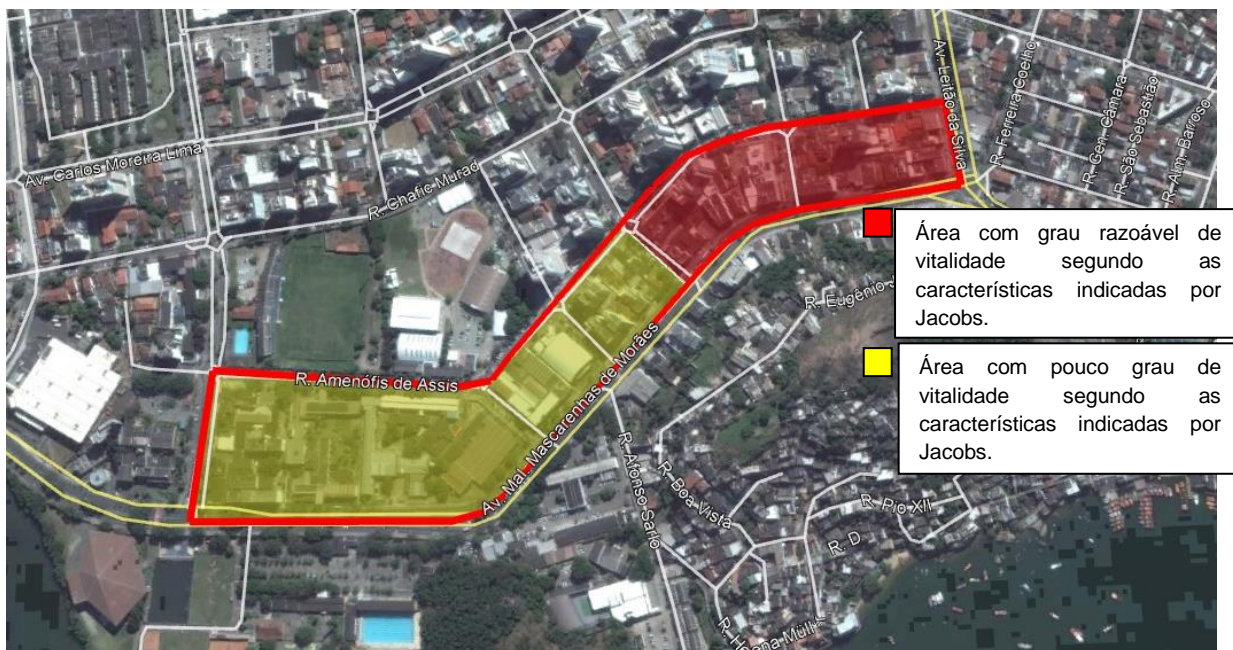
#### **4.3 Levantamento fotográfico e diagnóstico morfológico da poligonal**

No apêndice, apresentam-se imagens das edificações, bem como o contexto das ruas, avenidas e rotatórias na atualidade, onde estão assinalados os tipos de dispositivos de segurança e a configuração das edificações quanto aos conceitos de térreo ativo e não ativo, fachada ativa e não ativa, e lote vazio/edificação desocupada/abandonada, conforme a legenda de identificação e ainda, o Anexo 01 na última folha contendo um mapa que serve de referência para acompanhar a sequência de imagens apresentadas neste subitem e suas respectivas simbologias, onde identifica-se o tipo de fechamento frontal, se com grade/tela/gradil, painel transparente (vidro), parede semi-fechada (muro alto com pequena(s) aberturas), meia-parede, muro baixo ou inexistente, ou com divisa frontal mista. Em seguida temos equipamentos de segurança como

cerca eletrificada, portaria/guarita/portaria virtual, dispositivos de alarme, câmeras de vídeo-monitoramento e cerca farpada.

#### 4.4 Análise

A partir do inventário, levantamento fotográfico e diagnóstico morfológico (vide apêndice), identificamos a presença de dois segmentos morfológicos distintos dentro da poligonal de estudo. A primeira região localizada junto e próxima à Av. Leitão da Silva, onde o comércio e a movimentação é maior, apresenta um uso misto de ocupação. A variedade de comércio e serviços colaboraram para que esse trecho apresente um grau de vitalidade razoável, indo de encontro ao que Jacobs (2000) e Gehl (2013) preconizam como fundamentais para haja vitalidade. Já a segunda área, contrariamente apresenta a característica de ausência desses itens ao ponto de terminar na última quadra com um cenário desértico, abandonado por assim dizer de características que possam trazer minimamente um pouco de vitalidade, fazendo com que a população evite circular por essa área, justificando o índice de percepção de insegurança que a paisagem local propicia (Figura 12).



**Figura 12.** Poligonal de estudo: Grau de vitalidade  
Fonte: Arquivo do autor.

Outra constatação identificada foi aquela relacionada com a arquitetura do medo, caracterizada conforme visto pela presença constante e expressiva dos dispositivos de segurança, guaritas, muros "intransponíveis", câmeras de vídeo-monitoramento, sensores, cercas eletrificadas, entre outros, conforme a planilha abaixo. A integração e interação entre moradores e frequentadores almejada, acabou se tornando aquilo que Bauman (2009) denominou de "Modernidade Líquida" onde cada um pensa somente em si, sem a menor preocupação com os outros, não dando-se conta que exatamente essa relação é que fortalece a sociedade, a confiança e por conseguinte, a segurança de todos!

PLANILHA 01 - INTERATIVIDADE TÉRREO E FACHADA COM A VIA / DISPOSITIVOS DE SEGURANÇA																															
	P.49	P.50	P.51	P.52	P.53	P.54	P.55	P.56	P.57	P.61	P.62	P.63	P.64	P.65	P.66	P.67	P.68	P.69	P.72	P.73	P.74	P.75	P.78	P.79	P.82	P.83	P.84	P.85	P.86	P.87	Soma
	0	1	1	1	1	2	1	1	0	0	1	1	0	0	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	1	0	17
	4	3	3	3	3	1	2	3	1	4	3	3	3	4	1	3	1	1	3	2	4	4	4	3	3	2	1	2	3	1	78
	2	0	0	1	1	1	2	2	0	0	2	1	1	0	2	1	1	1	0	1	3	1	0	2	0	0	0	0	0	0	25
	2	1	3	1	2	0	1	2	0	2	1	3	2	1	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	1	2	0	2	0	0	29
	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	7
	2	4	1	1	0	2	0	0	0	2	0	2	0	2	2	2	3	0	0	1	2	3	2	1	2	1	0	1	0	0	36
	0	0	2	1	0	0	1	0	0	1	2	0	3	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	14
	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	1	1	1	0	0	1	0	2	1	13
	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	7
	0	1	1	0	1	0	0	0	0	2	0	1	0	1	0	1	1	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	12
	0	0	0	0	1	1	2	1	0	0	1	0	0	0	1	0	1	1	0	0	2	0	1	2	1	2	1	3	2	0	23
	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
	2	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	10
	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	3	0	3	0	0	1	0	0	1	1	0	0	1	1	1	1	0	0	1	0	17
	2	3	4	3	2	2	1	3	0	3	3	1	3	2	2	3	1	0	3	2	0	2	2	2	2	2	1	4	3	0	61
	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	2	0	3	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	11
	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2

**Planilha 1.** Interatividade Térreo e fachada com a via / dispositivos de segurança.  
Fonte: elaboração do autor.

Na Planilha 1, que trata nas quatro primeiras linhas a análise da relação das edificações com as áreas públicas no que concerne aos conceitos de Gehl (2013) de térreos ativos e fachadas ativas, constatou-se um número significativo, ou seja, 78 unidades de um universo de 99 edificações (aproximadamente 79%) cujo pavimento térreo apresenta a característica de térreo inativo ou pouco ativo. Fato que sugere a grande possibilidade de que este seja um fator que influencia grandemente para a ocorrência de crimes contra o patrimônio segundo o registro no mapa da Figura 9 e a percepção de insegurança segundo os moradores no mapa da Figura 11. Ainda pôde-se constatar que a fachada de 29 edificações daquele total, segundo o conceito de



fachada ativa do mesmo autor, apresenta característica contrária, e portanto, sugerindo mais uma porção da morfologia da paisagem com alguma influência para a ocorrência desses registros. Outra constatação importante refere-se a quantidade de dispositivos de alarme encontrado em 61 das 99 edificações (quase 62%), o que denota a grande preocupação dos proprietários com a invasão de suas propriedades. Em 20 propriedades os muros frontais (20%), que englobam as paredes cegas e as com pequenas aberturas, apresentam um índice importante que possibilita especular o quanto essa morfologia da paisagem urbana ainda é tida como um dispositivo que transmite segurança às pessoas, quando na verdade, encobre ou mascara o real perigo que essa configuração representa para a segurança pública, de vez que se constitui numa barreira visual que impede quem está do lado de dentro do lote ao nível do solo perceba o que se passa lá fora, do outro lado, e o inverso também, pois da mesma forma impede a visão de quem está na via pública perceber algum intruso do lado de dentro da propriedade privada. Outro índice importante observa-se nos dispositivos de Guarita e câmera de vídeo-monitoramento, uma vez que são os dispositivos que tem por função, vigiar. Somando estes dois, obtemos 28 propriedades que utilizam esse equipamento (28%), mais de  $\frac{1}{4}$  do total das propriedades na poligonal. Outro índice chama a atenção, quase 10% do total de propriedades está desocupada ou abandonada, representando um número elevado para um bairro com as características já mencionadas anteriormente, e que representam um risco para a segurança do trecho estudado. Mas o índice mais significativo e irrefutável refere-se a presença ou não de dispositivos de segurança de edificações. Em 100% delas, há pelo menos 1 tipo de dispositivo. Fato que revela o quanto a segurança é o fator que mais preocupa os moradores e trabalhadores locais.



## 5 AVALIANDO A MORFOLOGIA DO PERIGO - PAISAGENS NEGATIVAS

Há configurações espaciais em áreas públicas que por suas características despertam sentimentos de medo, solidão, angústia, desconfiança e até depressão. São locais que desagradam de modo geral, pessoas sadias. A essas paisagens, denomino de Paisagens negativas. Esses espaços representam locais propícios para ações delituosas, onde seus elementos também podem ser utilizados como ferramentas para utilização de violência, ou que propiciem de alguma maneira que sejam utilizados para fins escusos. As análises que seguem, possuem esse matiz para a interpretação dos espaços verificados nos locais levantados para este estudo.

### 5.1 Aspectos preliminares

Segundo os estudos de Newman (1972), um espaço defensável, aquele onde o desenho urbano traduz segurança, deve favorecer o pertencimento e a participação ativa dos habitantes locais. Em uma referência ao autor, Gehl (2013) diz o seguinte:

No campo da prevenção à criminalidade, o trabalho pioneiro de Oscar Newman sobre o "espaço defensável" mostra forte vinculação entre filiação territorial claramente definida e segurança. Ele propõe um argumento convincente para se trabalhar de forma consistente com hierarquias claras no planejamento urbano a fim de reforçar a segurança real e a percebida.  
(GEHL, 2013, p. 102).

Tal afirmação nos remete à relação de vizinhança e suas inter-relações entre os espaços públicos e privados observada durante a realização do inventário. O resultado explica em boa parte, os motivos dos crescentes índices de CVPAT registrados no bairro. A partir destes foi possível confirmar a causalidade entre espaço vazio e segurança, onde a morfologia da paisagem, a verticalização e a segregação sócio-espacial foram mais presentes. Situação agravada pelos recorrentes fechamentos de divisas introspectivas em quase todo o bairro.

Vale destacar neste contexto a percepção equivocada dos moradores que atrelam segurança à inserção de barreiras visuais em suas

divisas e fachadas, perceptível a partir da constatação de que a maior parte das edificações visitadas apresentarem muros e empenas cegas em suas divisas e fachadas. Os dispositivos de segurança encontrados em mais de 80% das edificações do bairro sugere o cenário de medo vivenciado pela população local. Para os moradores, segundo morfologia das edificações da região, a segurança está “garantida” a partir do interior de sua edificação quando esta apresenta tais características da arquitetura do medo. Os registros crescentes de ocorrências de crimes, entretanto, revela outra dimensão desta “confiança”.

Tal configuração representa exatamente o oposto, segundo os autores já citados tendo em vista que, o sentimento de confiança resulta do compartilhamento de responsabilidades e do grau de proximidade e pertencimento que os vizinhos estabelecem entre si. Entretanto, adotam-se medidas e aparatos de segurança que só fazem atrair mais a atenção daqueles à margem da lei.

Tanto a paisagem natural, quanto à construída exercem influência no comportamento e no sentimento dos indivíduos que residem ou frequentam o bairro. Na medida em que o medo e a insegurança fazem com que as pessoas busquem se fortificarem cada vez mais, construindo suas propriedades da forma mais defensiva possível, verdadeiros bunkers, o sentido inverso também ocorre, gerando mais medo e insegurança naqueles que estão lá fora. Realidade que faz com que se reproduzam essas características morfológicas, num looping interminável.

Isso ficou muito claro nas conversas que o pesquisador teve com vários moradores e trabalhadores da região. Os vizinhos na maioria não se conhecem, não conversam na rua, muitos se quer cumprimentam-se na padaria ou mercearia do bairro mesmo encontrando-se ou cruzando-se todos os dias. Pode parecer comum isso, mas essa falta de familiaridade, de amizade, de intimidade, também tem prejuízos na segurança.

Nas extensas caminhadas pelas ruas do bairro, que na maioria apresentam calçadas largas e revestimentos regulares, ruas confortáveis, com um nível bastante razoável de vegetação arbórea pública, observou-se um número muito pequeno de pessoas fazendo caminhadas ou corridas, ou mesmo percorrendo-as de bicicleta. É curioso, pois outras circunstâncias inversas que não se fazem presentes na região, é que poderiam justificar essa ausência.

## 5.2. Aspectos físico/ambientais (Cullen e Lynch)

Para entender como o ambiente ou espaço físico num bairro é percebido pelas pessoas, faz-se necessário observar os princípios que nortearam os trabalhos de Cullen (2008) e Lynch (1997). O primeiro propõe a compreensão dos espaços urbanos em basicamente três aspectos que são:

- a) a **ótica**, que é a visão serial, aquilo que o indivíduo compreende do que está enxergando. é a sequência percebida pelo observador enquanto se desloca de um ponto à outro. como as imagens vão se formando em sua mente na compreensão do espaço que está ocupando ou percorrendo;
- b) o **local**, como afeta e causa reações do sujeito com relação ao espaço que ocupa, transmitindo a noção de onde se encontra nesse meio urbano, do sentido de localização;
- c) o **conteúdo**, aquilo de que é constituído o espaço, como os edifícios, seus estilos arquitetônicos, cores, texturas, constituição da malha urbana entre outros.

O segundo propõe analisar os efeitos dos elementos físicos que são percebidos pelo homem, e a importância da forma através da identificação de cinco elementos:

- a) **vias**: que são os "corredores" que percorremos. Avenidas, ruas, alamedas, vielas, etc., através do qual, os outros elementos se relacionam;
- b) **limites**: são os elementos lineares limitadores de duas partes, não são usados pelas pessoas como as vias. São antes de mais nada, o elemento divisor ou aglutinador entre uma região e outra;
- c) **bairros**: são regiões urbanas das cidades que delimitam uma área de extensão bidimensional, e que possui característica que as diferem dos outros;
- d) **cruzamentos**: são pontos locais, nós viários ou peatonais, junção de dois pontos.;
- e) **elementos marcantes**: são outra referência, contudo o indivíduo não está dentro de vez que são externos. São elementos sólidos, como uma edificação, uma torre, um obelisco, uma igreja, enfim, são

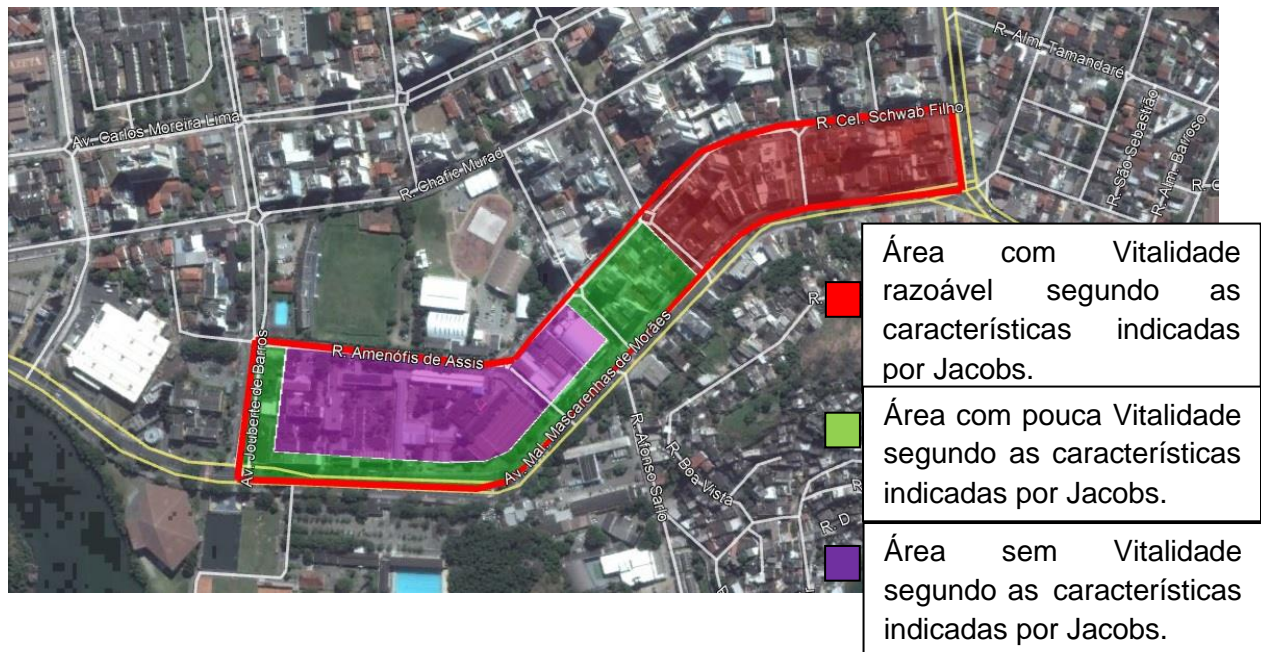
os referenciais importantes e que marcam, identificam um local ou espaço.

Todos esses elementos e aspectos constituem instrumentos de análise da imagem de um local, rua, bairro ou cidade, na mente das pessoas e fazem com que se forme um conceito sobre o que caracteriza ou como é composto esse determinado local. Na poligonal em tela, verificamos entre outras coisas uma característica marcante na configuração da paisagem que é a sequência mais ou menos igual e recorrente da junção das ruas através de pequenas rotatórias, situadas nas esquinas da parte interna das mesmas, ou seja, excetuando o lado que dá para a avenida Mal. Mascarenhas de Moraes.

Todavia, os moradores que residem nas duas quadras mais próximas da Av. Leitão da Silva também reconhecem o local por ser plano, possuir ruas e calçadas confortáveis, local tranquilo e agradável. Identificam a região pela sequência de edifícios altos, árvores nas calçadas, e as vagas para veículos em diagonal em ambos os lados da via, e como referencial natural, o morro de Jesus de Nazareth.

### **5.3 Aspectos sociais**

Para este item foram considerados os conceitos de Jacobs (2000) e Gehl (2013) sobre vitalidade identificados na poligonal estudada. Primeiramente, como já foi visto no capítulo anterior, pode-se dizer que a poligonal está dividida em dois trechos diferentes, sendo que o segundo ainda estaria dividido em: pouco vitalizado e sem vitalidade, que é o último trecho da poligonal (Figura 13).



**Figura 13.** Poligonal de estudo: Subdivisão do grau de vitalidade  
 Fonte: Arquivo do autor.

Visualmente tal diferença é percebida, pois observa-se maior frequência de utilização por parte dos moradores, das quadras que estão próximas e juntas da Av. Leiteiro da Silva, ao passo que a sequência para o lado da prefeitura, é menos utilizada. E os motivos são bastante justificáveis, pois não é somente pela falta de "atrativos" da fala de Jacobs (2000), com comércios e serviços variados que o trecho seguinte não apresenta, mas da "pouca movimentação que existe pra aqueles lados"- dizem os moradores. Se olharmos para o conceito de "terreos ativos" levantados por Gehl, por exemplo, a poligonal apresenta muito pouco ou quase nada dessa configuração.

Embora as quadras não sejam tão extensas, característica recomendável para a promoção de vitalidade, partilhada tanto por Jacobs quanto Gehl, não são fatores que influenciam esse trecho. O que se denota é mais próximo da clausura e da mixofobia mencionada por Baumam (2009), que define o medo de se envolver com estrangeiros, de misturar-se com o diferente, o desconhecido, bem como a "*Fala do crime*" de do Rio Caldeira (2000) que trata das informações levadas pelas mídias e a própria propagação de informações entre as pessoas sobre notícias de crime e violência, o que faz aumentar o temor de se relacionar com outras pessoas, de sair às ruas e de frequentar locais públicos. A distância existente entre uma propriedade e a que se encontra à sua frente do outro lado da rua parece fortalecer o distanciamento entre as pessoas, já que entre eles não há comunicação, não

há integração e muito menos interação. Receita infalível para a criação de um ambiente inóspito, vazio e solitário.

#### **5.4 Análise das situações morfológicas do perigo e paisagens negativas**

A análise neste subitem procura expor as características morfológicas que foram verificadas no bairro que representam algum tipo de risco à integridade física de pessoas ou bem material, bem como, o que aqui convencionou-se denominar como paisagens negativas, que seriam aquelas que por suas características morfológicas, propiciam ou pelo menos facilitam o cometimento de atos antissociais ou de serem utilizadas como apoio para atos antissociais, como esconderijo ou instrumento de agressão, ou qualquer outra utilização que possa ser empregada com fins violentos e/ou criminosos.

A seguir, são apresentadas uma série de imagens registradas em vários pontos do bairro que mostram como a morfologia da paisagem é influenciada pelo sentimento de medo e insegurança e no sentido inverso, como também a arquitetura do medo afasta a existência de ocupação dos espaços públicos da região.

O que se observa quanto à arquitetura do bairro, é a expressiva utilização de muros nas residências unifamiliares e/ou multifamiliares, com paredes "cegas" e alturas de 2 metros ou mais (Figura 14), na pretensa intenção de impedir a escalada por alguma pessoa em conflito com a lei, como nas imagens a seguir: Há ainda o "coroamento" desses muros com cerca ou espiral de arame farpado, ou cacos de vidro cimentados, ou ainda, com lancetas pontiagudas ou cercas eletrificadas. Nos condomínios residenciais há a existência de guaritas com porteiros ou vigias, além de câmeras de videomonitoramento na entrada e outros pontos estratégicos. Observa-se ainda, de modo geral nas edificações unifamiliares que de alguma forma ficam expostos às vias públicas, a utilização de grades nas aberturas, sejam elas janelas ou portas. Essa é a morfologia que caracteriza a chamada arquitetura do medo, onde os moradores tratam de resguardarem-se o máximo possível dos outros, criando em muitos casos, verdadeiras fortificações, aos moldes da era medieval, como as mencionadas por Lira (2014) e Bauman (2009).



**Figura 14.** Muros elevados no Bairro Bento ferreira  
Fonte: acervo do autor.

Para Jacobs (2000), como já foi dito anteriormente, os arquitetos e urbanistas deveriam se preocupar mais com as questões que envolvem o coletivo, com a questão da mobilidade urbana, os espaços para a socialização, com as pessoas e as calçadas que também cumprem um papel que deve propiciar encontros. Nas palavras do ex-prefeito de Curitiba, o Arquiteto e Urbanista Jaime Lerner, "Nossas salas de estar ao ar livre". Mantendo as devidas proporções, o que Jacobs considerava na época de seu famoso trabalho, estava inserido no contexto do seu tempo. Atualmente o foco está mais voltado para a circulação veicular, e nesse sentido igualmente a importância que ela imputava às calçadas reveste-se de maior importância ainda, pois como defende Gehl (2013), as cidades são para as pessoas, logo, as calçadas deveriam privilegiar os homens e não os carros.

A ausência de diversidade de usos também é marcante dentro do bairro que possui potencial estimulado pelo próprio Plano Diretor. Realidade que fragiliza tanto a segurança pública quanto a própria socialização entre os moradores, trabalhadores e visitantes. Qualidade esta tão frisada por Jacobs (2000) como promotora de vitalidade urbana. As fachadas e térreos ativos sugeridos por Gehl (2013) também são escassos, o que também não colaboram para que haja atrativos que promovam a circulação e a permanência nos espaços públicos do bairro.



No contexto da análise da paisagem segura, qualquer elemento que constitua barreira visual deve ser criteriosamente analisado. Vale atenção, por exemplo, para as cercas vivas de Pingo de ouro (*Duranta repens* var. *áurea* - Figura 15) no formato de topiaria (poda destinada a dar forma a vegetação), com altura aproximada de 70 cm, altura que demanda cuidados por propiciar oportunidades de "abrigar" um indivíduo de tocaia, agachado, que esteja pronto para praticar um delito, principalmente quando se alia a falta de iluminação durante o período noturno.



**Figura 15.** Creças vivas em rotatório do bairro  
Fonte: acervo do autor.

Na Figura 16, a total inexistência de elementos promotores de vitalidade, transformaram esta rua, num espaço exposto aos mais variados delitos, sendo mais comum o furto de veículos, segundo o relato de um porteiro da escola (muro azul à esquerda da imagem).



**Figura 16.** R. Amélia da Cunha Ornelas  
Fonte: acervo do autor.



A Figura 17 mostra uma rua no limite de Bento Ferreira com Av. Vitória. Situação caótica verificada no local, tendo em vista a rua não possuir uma calçada regular e com largura suficiente para permitir a passagem de duas pessoas ao mesmo tempo, ou seja, 1,20 metros de largura segundo a norma NBR 9050/2015. Além do mais, as divisas dos lotes com a via são igualmente irregulares, apresentando as mais variadas morfologias, com reentrâncias e saliências que confundem e permitem a ação anti social em qualquer trecho dessa rua.



**Figura 17.** R. Celina Alvarenga  
Fonte: Acervo do autor.

A Figura 18 é um exemplo de espaço sem vitalidade, vazio, embora possua uma rua com largura confortável, com calçadas generosas e medianamente arborizada.



**Figura 18.** R. Amélia da Cunha Ornelas  
Fonte: acervo do autor.

## 5.5 Paisagens Negativas

O recorte que aqui se faz, apresenta as situações que se verificam na poligonal selecionada e que reúne de certa forma, as variadas morfologias que ocorrem no bairro.

Alguns terrenos desta Poligonal apresentam situação de abandono e depredação como o ilustrado na Figura 19, um pequeno trecho da Av. Mal. Mascarenhas de Moraes, adjacente ao bairro Jesus de Nazareth. Ocorrências de construção abandonada ou inacabada configura-se como indesejada e imprópria para a promoção da vitalidade. O recuo por si só já intimida o transeunte que vê o local com desconfiança e medo, com o agravante que está junto à uma parada de ônibus. Por ser escondido e muito escuro à noite, torna-se quase proibitivo alguém ficar ali parado aguardando o coletivo.



**Figura 19.** Área de risco na Av. Mal. Mascarenhas de Moraes  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura 20, a “desolada” rotatória e a casa abandonada logo atrás na esquina, revelam uma inóspita e solitária paisagem que repelem a presença e/ou a permanência de moradores e visitante. Não há nenhum atrativo que possa motivar a permanência no local. Uma paisagem negativa!



**Figura 20.** Rotatória na R. Profª. Emília F. Molulo  
Fonte: Acervo do autor

Na Figura 21, nos deparamos com uma visão desoladora com edificações introspectivas. A paisagem fica restrita a uma extensa calçada pavimentada, e um muro que mede aproximadamente 4,00 metros de altura, numa espécie de clausura às avessas. Esta é uma clássica paisagem negativa que tem de tudo para ser desagradável.



**Figura 21.** Fundos SENAI  
Fonte: Acervo do autor.



## **6 AS MORFOLOGIAS PROMOTORAS DA VITALIDADE – PAISAGEM POSITIVA**

A configuração espacial nos lugares apresenta variados elementos que transmitem diversas imagens não só visuais como fotografias que nossa mente registra mas percepções que nossa imaginação processa, além das sensações que nossos sentidos captam e transformam em sentimentos, por conseguinte, a morfologia da paisagem urbana carrega esse conjunto de coisas que fazem com que nós percebamos e sintamos diferentes emoções que diretamente captamos ao passarmos ou pararmos nos mais variados espaços urbanos. É certo que, ao visualizarmos uma determinada coisa, como a paisagem que está a nossa frente, tenhamos prazer ou sintamos felicidade se o que estamos vendo, é belo, convidativo e/ou divertido. À essa classe morfológica da paisagem denomino de paisagem positiva, pois que, convida a um passeio ou permanência para contemplá-la. Sendo assim, por essa característica, ela promove o acercamento de pessoas, tornando-a em alguma medida, promotora de vitalidade. Outra faceta desse tipo de paisagem reside no fato de que sua conformação não permite que seja utilizada como instrumento de agressão, ato de violência ou que sirva de alguma forma para ser utilizada com fins de ludibriar, iludir ou surpreender alguém. Com esse conceito, as análises a seguir são desenvolvidas para demonstrar os pontos positivos e os com grande potencial de aproveitamento, que cumprem com a função de agregar qualidades que promovam o bem estar, o usufruto e principalmente a segurança nas áreas públicas.

### **6.1 Aspectos preliminares**

O bairro Bento Ferreira a exemplo de muitos bairros planejados possui uma estrutura urbana diferenciada, com quadras bem dimensionadas, a exemplo do que preconiza Jacobs, com traçado regular na maior extensão do mesmo. Características também referenciadas por Gehl para a existência de vitalidade, e que possui ruas e avenidas largas, com canteiros centrais e rotatórias nos encontros das vias internas. A parcela do bairro que está mais próxima à Av. Leitão da Silva e a Av. Vitória apresenta a maior concentração populacional por metro quadrado, e maior atividade social, com rotas que ligam



a outros pontos de interesse, comércio e serviços localizados no bairro vizinho da Praia do Suá. Há movimentação de pessoas pelas ruas e espaços que oportunizam um parada para descanso e/ou lazer como vemos na figura 22 logo mais abaixo.



**Figura 22.** Praça Prefeito Osvaldo Guimarães  
Fonte: Acervo do autor.



**Figura 23.** Praça Prefeito Osvaldo Guimarães  
Fonte: Acervo do autor.



**Figura 24.** Praça Prefeito Osvaldo Guimarães  
Fonte: Acervo do autor.

Podemos iniciar por este contexto, essa avaliação da morfologia da paisagem que pode ser promotora da vitalidade num local. O bairro como um todo, apresenta como área pública de encontro, lazer e convívio, apenas essa

praça. Contudo, existem vários pontos, e principalmente na poligonal, propícios a intervenções que enriquecem e ocupam os espaços de maneira a criar rotinas e eventos que além de poderem ser atrativos para a comunidade, também fortalecem a confiança entre seus habitantes e conseqüentemente, a segurança pública local. Jorge Melguizo, jornalista colombiano em uma de suas conferências menciona que, as cidades precisam de espaços de convivência, de permanência: “[...] Não se combate a insegurança de uma cidade com balas e polícia, mas com projetos sociais, com convivência e a criação de espaços de encontro” (FURLANETO, 2013, online).

Nesse sentido o caso de Medellín é exemplo dessa estratégia, arquitetada e implementada por ele quando foi Secretário de Desenvolvimento Social nessa capital. Ocasão em que foram construídos grandes edifícios, de arquitetura contemporânea como ícones atrativos, espaços públicos e novas formas de circulação para facilitar a conexão das áreas, e aqui vemos mais uma vez, o mesmo discurso da importância dos espaços públicos ocupados, de prédios cujo pavimento térreo dialoga diretamente com os transeuntes, possuindo locais de encontro e convívio, em outras palavras, de "térreos ativos", seguindo a mesma linha de conceito preconizado por Gehl (2013).

Em um depoimento ao pesquisador do presente trabalho, o presidente da associação de moradores de Bento Ferreira, que também é ligado à segurança pública por exercer cargo na mesma, e que por sua vez, demonstra bastante conhecimento inclusive à respeito de alguns dos autores aqui referenciados, afirmou que um cenário limpo, bem cuidado, com paisagismo bem trabalhado, adornos e outros elementos de estética atraente, "afugentam" indivíduos em conflito com a lei, além de atraírem pessoas à ocupá-los, assim como o inverso, paredes pichadas, locais abandonados, descuidados e sujos os atraem.

Em um dado momento, quando questionado sobre "os olhos da rua" que não comparecem na grande maioria das ruas, ele menciona que o jeito de substituir essa "figura" foi criar um grupo num aplicativo de mensagens muito em moda no momento, onde estão adicionados todos os síndicos dos prédios que compõem o bairro, além de moradores e pessoas que estão mais disponíveis para passarem informações principalmente os relacionados à segurança, substituindo assim, com agilidade, abrangência e precisão aquilo que eventualmente a outra maneira não conseguiria. Logo, muitos dos

problemas são resolvidos imediatamente, num enorme ganho qualitativo para aquilo que Jacobs (2000) referiu quando mencionou que:

[...] Um bairro bem sucedido é aquele que se mantém razoavelmente em dia com seus problemas, de modo que eles não o destruam. Um bairro malsucedido é aquele que se encontra sobrecarregado de deficiências e problemas e cada vez mais inerte diante deles". (JACOBS, 2000, p. 123).

A esse respeito também, o já mencionado jornalista colombiano Jorge Melguizo levanta uma questão muito importante sem o qual qualquer tentativa de implantação de estratégias com o intuito de dar maior segurança e combater a violência, não obterá sucesso, que é a participação da comunidade envolvida. Normalmente se espera que os órgãos públicos e a iniciativa privada resolvam esses problemas, mas sem a participação dos moradores e trabalhadores locais, essa corrente não se fecha.

Os bairros que são tidos como agradáveis e seguros são aqueles que conseguem administrar seus problemas, carências e dificuldades, pois conseguem atrair as pessoas e oferecem qualidades que fazem com que sejam frequentados, visitados e usufruídos, no entender de Jacobs (2000). Por conseguinte, muitas são as características que os espaços necessitam para atender às várias necessidades de uma rua ou bairro, mas há uma que Lynch e também Newman reputam como fundamentais que é o sentido de pertencimento, de territorialidade que a comunidade deve ter.

Não se defende algo que não nos pertence. E esse talvez seja o motivo crucial para que as pessoas queiram defender seu território. Mas para tanto, é necessário que haja consciência de que é necessário, visto que também é seu por direito, apropriar-se das áreas públicas de forma coletiva, social e democrática. Fazer da rua, um local de encontros, passeio e diversão. É muito importante, que as pessoas não só utilizem as calçadas para se deslocar de um local para outro, mas também ocupar esse espaço público de forma prazerosa, e dessa forma, termos mais pessoas ocupando por mais tempo, esses locais. No entender de Gehl:

[...] se reforçarmos a vida na cidade de modo que mais pessoas caminhem e passem um tempo nos espaços comuns, em quase todas as situações, haverá um aumento da segurança, tanto da real quanto da percebida. A presença de "outros" indica que um lugar é considerado bom e seguro. (GEHL, 2013, p. 99).



## 6.2 Aspectos Físico/Ambientais sob o prisma de Jacobs e Gehl

A poligonal de uma forma geral apresenta uma topografia plana, com os espaços muito claramente definidos, no que se refere aos limites e gabaritos. O que não ocorre, no entanto é essa presença e fluxo de pessoas circulando pelas vias, referida pelos nossos autores, e que fazem com que as ruas e o bairro, apresentem saúde social. O que se constata acerca da movimentação, são os horários em que o fluxo é mais intenso que são os de início das atividades comerciais, almoço e final de horário comercial, momento em que suas ruas apresentam a maior ocupação, e por período mais longo de tempo. No restante, a ocupação torna-se rarefeita, restrita à pouca circulação de moradores e trabalhadores.

Mesmo os carros, que estão presentes na maior parte das vias da poligonal, encontram-se estacionados, logo, seus ocupantes ou estão em suas casas ou nos locais de trabalho e com isso as vias apresentam-se cheias de vazios. A circulação de veículos, que seriam outros "olhos da rua" em movimento, acaba se concentrando nos mesmos locais onde há a maior frequência de pessoas, ou seja, na área onde a vitalidade comparece em maior grau. Isto pôde ser observado, seguindo a dica que a própria Jacobs sugeriu há varios anos atrás: "[...] nas ruas prósperas, as pessoas devem aparecer em horários diversificados. Esses horários são calculados em intervalos curtos, a cada hora, ao longo do dia" (JACOBS, 2000, p. 167).

No entanto, verifica-se um fenômeno na poligonal que passa despercebido pela grande maioria das pessoas e ao contrário do conceito que muitos podem ter à respeito; são os lavadores de carros que ali se encontram e o papel que exercem indiretamente, de vigias e conseqüentemente, inibidores de atos antissociais, na medida em que, no exercício de seu trabalho informal, acabam ocupando e permanecendo no local, zelando pelo patrimônio de seus clientes, e tendo o controle visual de seu território. Em conversa com alguns deles, descobriu-se que os mesmo não são moradores dos arredores, e que saem de seus bairros como trabalhadores que tem horário pra chegar e sair, pois tem compromisso com seus clientes e não podem perdê-los para eventuais concorrentes.

Outra morfologia importante observada, refere-se à altura das edificações que estão exatamente naquela área com maior grau de vitalidade

da poligonal. A verticalização arquitetônica presente, remete à outra característica que Gehl (2013) percebeu quanto a eficiência da observação; a nossa visão é capaz de identificar coisas e pessoas até uma certa distância, porém, à partir dela, a identificação começa a ficar cada vez mais indefinida, por conseguinte, os "olhos" que encontram-se do quarto pavimento em diante, perdem cada vez mais, clareza para identificar as pessoas que circulam lá em baixo:

[...] como pedestres, experimentamos as áreas térreas mais de perto e mais intensamente. Os andares mais altos não fazem parte de nosso campo de visão imediato, tampouco os edifícios do outro lado da rua. Vemos os andares acima de nós e os edifícios do outro lado da rua de uma distância considerável e, pela mesma razão, nossa percepção em relação a eles perde detalhes e intensidade. (GEHL, 2013, p. 76-77).

### **6.3 Aspectos Sociais/Vitalidade Urbana**

Para que um bairro tenha vitalidade, é necessário que apresente algumas condições que a sustente, como a existência de mais de uma função de ocupação dos espaços, e que sejam imprescindíveis para sua existência; outra é a configuração de sua malha urbana, que deve possuir dimensões que permitam a utilização "vascularizada" de suas ruas, avenidas e passeios, fazendo com que muitas pessoas as utilizem e se cruzem nas suas mais variadas atividades, fortalecendo a ocupação e conseqüentemente a vida desses lugares. Para Gehl:

[...] outra contribuição à sensação de segurança é um bom desenho urbano que facilite o deslocamento das pessoas. O fato de encontrarmos nossa destinação final de forma direta, sem grandes desvios e hesitações, é sinal de qualidade urbana. Estrutura clara e organização não exigem grandes dimensões e largas avenidas ligando locais ponto a ponto. (GEHL, 2013, p. 101).

Para Jacobs (2000) é importante que a variedade de construções de distintas épocas existam, para que as possibilidades comerciais sejam factíveis. E ainda, que haja grande concentração demográfica, pois assim, haverá número suficiente de pessoas circulando pelos mais variados horários e períodos de permanência nos seus espaços. Nessa afirmação podemos identificar que as duas primeiras características compõem no primeiro

trecho conforme visto no capítulo 4, ainda que não signifique que em função disso, haja mais pessoas circulando e ocupando os espaços públicos no local.

A condição para a implementação de comércios existe, tendo em vista as edificações de um e dois pavimentos remanescentes das primeiras ocupações. Outro "produto" que pode gerar a ocupação dos espaços que ela menciona, são os eventos que podem ser realizados na rua, tendo em vista o amplo espaço que possuem as ruas da poligonal. Feiras, teatro de rua, e concertos, que são extremamente interessantes na promoção do uso e ocupação dos espaços, são artigos de necessidade, cultura e lazer, que as pessoas podem acessar, basta a iniciativa do poder público mas também e principalmente, da própria comunidade. O "cenário" onde essas atividades podem se realizar, e que são muito importantes para criar um ambiente agradável, harmonioso e equilibrado, essenciais para uma vida com qualidade já existem.

#### **6.4 Análise das situações morfológicas promotoras de vitalidade e paisagens positivas**

A proposição neste subitem, é expor as morfologias que foram verificadas na poligonal e que apresentam características promotoras da vitalidade, segundo os aspectos destacados por Jacobs e Gehl, bem como, o que aqui se convencionou denominar como paisagens positivas, que seriam aquelas que por suas características morfológicas, contemplam as condições estéticas, de bem estar e também as de segurança, por não oferecerem risco de serem utilizadas como apoio para atos antissociais, como esconderijo ou instrumento de agressão, ou qualquer outra utilização que possa ser empregada com fins violentos e/ou criminosos.

Ao percorrer as vias da nossa poligonal, nos deparamos com espaços que ou já possuem algum tratamento paisagístico ou oferecem condições para tal como nos cruzamentos da rua Cel. Schwab Filho com as ruas Hélio Marconi, Engº. Fábio Ruschi e Profª. Emília F. Molulo, como mostram na sequência as imagens a seguir:



**Figura 25.** Rotatória na R. Helio Marconi  
Fonte: Acervo do autor.



**Figura 26.** Rotatória na R. Engº. Fabio Ruschi  
Fonte: Acervo do autor.



**Figura 27.** Rotatória na R. Profª. Emília F. Molulo (atualmente)  
Fonte: Acervo do autor.



**Figura 28.** Rotatória na R. Profª. Emília F. Molulo (proposta)  
Fonte: Montagem do autor.

Estas imagens mostram ao mesmo tempo, a morfologia promotora de vitalidade (as Figuras 25 e 26) por apresentarem um vista com algum atrativo, e a terceira (Figura 27) por possuir a potencialidade de vir a ter, e ainda, a seguir (Figura 28), uma montagem mostrando como ela pode ficar. Estes espaços são paisagens positivas por não possuírem características que possam vir a ser empregadas ou utilizadas para fins violentos ou criminosos.

O restaurante nesta esquina da Av. Leitão da Silva com a R. Schwab Filho (Figura 29), representa uma importante atividade para a promoção de vitalidade na visão de Jacobs (2000), todavia, a fachada, com poucas aberturas e nada transparentes, não contempla o conceito de *Térreo Ativo* de Gehl, que poderia potencializar não só o negócio em si, mas também a atração de movimentação ao seu redor. A seguir (Figura 30), uma montagem mostrando como ficaria a paisagem com uma morfologia mais transparente no restaurante em questão.





**Figura 29.** Rest. na R. Cel. Schwab Filho (atualmente)  
Fonte: Acervo do autor.



**Figura 30.** Rest. na R. Cel. Schwab Filho (proposta)  
Fonte: Montagem do autor.

Já o restaurante João de Barro (Figura 31) apresenta uma morfologia em sua fachada que se relaciona diretamente com a via pública, uma vez que possui janelas "vitrines" na divisa, proporcionando assim, uma interação maior com quem passa pela calçada, além de expor de maneira mais direta ao transeunte, uma ampla visão do interior e do ambiente aconchegante, que convida a entrar.



**Figura 31.** Rest. João de Barro  
Fonte: Acervo do autor.

Outro espaço que possui uma solução para a atração de pessoas, está situada na frente da Casa do Arquiteto (Figuras 32 e 33), localizado na rua Hélio Marcone, onde foi aproveitado um trecho do muro baixo para a introdução de um banco rústico de madeira. O que falta para o local contemplar de forma a atrair pessoas para um descanso ou contemplação é uma sombra, que com uma árvore na calçada já resolveria. Mas a ideia é positiva.



**Figura 32.** Casa do Arquiteto (A)  
Fonte: Acervo do autor.



**Figura 33.** Casa do Arquiteto (B)  
Fonte: Acervo do autor.

A Av. Leitão da Silva (Figura 34), que vem sofrendo reformas, oferece plenas condições de juntamente ao canteiro central da via, acondicionar uma ciclovia (Figura 35), que proporcionaria além de uma necessária alternativa para a mobilidade urbana, mais um reforço para a ocupação, observação e controle dos espaços, como bem menciona Gehl:

[...] Agora, no início do séc.XXI, podemos perceber os contornos dos vários e novos desafios globais que salientam a importância de uma preocupação muito mais focalizada na dimensão humana. A visão de cidades vivas, seguras sustentáveis e saudáveis tornou-se um desejo universal e urgente. Os quatro objetivos-chaves-cidades com vitalidade, segurança, sustentabilidade e saúde - podem ser imensamente reforçados pelo aumento da preocupação com pedestres, ciclistas e com vida na cidade em geral. (GEHL, 2013, p. 6).



**Figura 34.** Av. Leitão da Silva (atualmente)  
Fonte: Acervo do autor.



**Figura 35.** Av. Leitão da Silva (proposta)  
Fonte: Montagem do autor.

O espaço a seguir, é o estacionamento de uma clínica que possui uma área considerável (Figura 36), capaz de abrigar um *Pocket Park* (Figura 37), que iria atender a falta de espaços de lazer e socialização.





**Figura 36.** Estacionamento Inst. Urologia do ES (atualmente)  
Fonte: Acervo do autor.



**Figura 37.** Pocket Park (proposta).  
Fonte: Montagem do autor.

Na falta de planejamento, e com a expansão das edificações fortificadas na região, este equipamento seria mais um promotor de vitalidade.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que teve como recorte de estudo as questões ligadas à segurança pública e sua relação com a morfologia da paisagem urbana e vice versa, verificada inicialmente no bairro Bento Ferreira como um todo, e posteriormente numa poligonal que sintetiza as variadas morfologias identificadas no estudo coordenado pela Professora Doutora Ana Paula Rabello Lyra e equipe, “Estratégias Socioambientais para Inibição de Ações Antissociais: Um estudo do Bairro Bento Ferreira e seu entorno”, juntamente com os levantamentos e pesquisas deste autor, e principalmente sob a luz dos ilustres e referenciais autores Jacobs (2000), Gehl (2013), e Bauman (2009), pôde-se avaliar em que medida o ambiente, composto que é pela morfologia da paisagem (construída e natural), contexto social e econômico, e ocupação humana principalmente, exerce influência na ocorrência de ações anti sociais mas também como essas ocorrências tornam-se fatores que contribuem para que a configuração morfológica desse mesmo ambiente alimente aquilo que procura combater ou amenizar, num constante “*looping*” pernicioso.

A segregação econômica, social e geográfica verificada pelo desenvolvimento urbano ocorrido na capital capixaba, sem as necessárias avaliações e consequentes produções de diretrizes capazes de consolidar um crescimento equânime na cidade, como foi visto no estudo, acabaram gerando sérias consequências com prejuízos sociais ainda não conclusos. O resultado dessa evolução, entendido aqui como o contexto gerado por esse processo de crescimento cujos parâmetros e limites estenderam-se para além dos princípios de cidadania, bem estar e convivência social, pôde-se constatar na morfologia arquitetônica existente na área da pesquisa.

A vitalidade de um local, rua, bairro ou região da cidade, na concepção de Jacobs (2000), comparece em diferentes níveis de abrangência como consequência de uma série de fatores e situações como já foi visto, e a poligonal estudada, no conceito trazido por ela de “olhos da rua”, por conta da quantidade de paredes “cegas” nas divisas frontais, além dos térreos e fachadas “inativas” na concepção de Gehl (2013), que comparecem em números expressivos, como constatado no Planilha 1 da página 55, imputam as áreas públicas dessa poligonal, um baixo grau de vitalidade haja visto o índice de ocorrências criminosas demonstradas pelos clusteres avermelhados

no mapa da figura 9 na página 49, o que faz com que o medo e insegurança assolem as pessoas que circulam ou moram nesses locais, e também por conta disso, acabam por contribuir para a geração de uma morfologia que reforça ainda mais, na chamada arquitetura do medo, a insegurança e a desconfiança, e dessa forma, cedendo espaço para que a violência e a criminalidade prevaleçam e se proliferem. Concluiu-se que a apropriação dos espaços públicos como local de pertencimento dos seus moradores, o estabelecimento de relações vicinais, e a promoção de cultura, esporte e lazer como também preconizava Jacobs (2000), entre outros, como alternativas sociais, e a qualificação dos ambientes, o embelezamento, a infra estrutura adequada e a manutenção sustentáveis como também preconiza Gehl (2013), como alternativas materiais, são primordiais para o fortalecimento e a consolidação da cidadania e a ordem social.

Finalmente, como foi visto, existem elementos já consolidados na área de estudo, que são os principais protagonistas do razoável grau de vitalidade existente em alguns pontos e outros com potencial muito forte parcial. O território ainda oferece condições de incluir muitos dos requisitos necessários para se ter vitalidade não só na poligonal mas em todo o bairro. Realidade possível tendo em vista encontrar-se ainda em processo de desenvolvimento e ocupação de espaços, das possibilidades de implementação de valores sociais, econômicos, paisagísticos, arquitetônicos e urbanísticos capazes de dotá-los com as qualidades também apontadas pelos outros estudiosos aqui referenciados, como necessárias para a sustentabilidade e prosperidade com segurança.

Há também, outros dispositivos como possibilidade de solução para os problemas verificados. A adoção de medidas como a eliminação dos muros "cegos" por fechamentos transparentes como vidros e grades que já compõem outras edificações existentes no próprio bairro; com a introdução nos recuos das edificações de vegetação capaz de impedir a ocupação por pessoa suspeita; com a adoção de iluminação pública abaixo da copa das árvores que estão sobre as calçadas; incentivos através de políticas públicas à ocupação mista, com comércio e serviços nos pavimentos térreos das novas edificações bem como adaptação daqueles já existentes que ofereçam condições para tal; ocupar através de ações do setor público bem como de organizações não governamentais, as áreas públicas como as ruas e a praça do bairro com

eventos que promovam atividades artístico-culturais, com o intuito de aproximar as pessoas, reunir a comunidade, e que se constituem em atividades necessárias não só para solidificar a relação social da própria comunidade e adjacências, mas para estabelecer uma rede de confiança e cumplicidade necessárias para fortalecer aquilo que Jacobs (2000) reputa como essencial para a segurança pública no bairro, como a vigilância permanente do território.

Concluiu-se que a apropriação dos espaços públicos como local de pertencimento dos seus moradores, o estabelecimento de relações vicinais, e a promoção de cultura, esporte e lazer como preconiza essa autora, entre outros, como alternativas sociais, e a qualificação dos ambientes, o embelezamento, a infra estrutura adequada e a manutenção sustentáveis como também preconiza Gehl (2013), como alternativas materiais, são primordiais para o fortalecimento e a consolidação da cidadania e a ordem social.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A GAZETA, Vitória, 11 maio 2017. Disponível em:

<<http://www.gazetadigital.com.br/edicao/materia/numero/9205>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

A GAZETA, Vitória, 16 jul. 2016. Disponível em:

<[http://www.gazetadigital.com.br/edicao/index?edicao\\_busca=D&data=16%2F07%2F2016&numero=>](http://www.gazetadigital.com.br/edicao/index?edicao_busca=D&data=16%2F07%2F2016&numero=>)>. Acesso em: 22 ago. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. ***Confiança e medo na cidade***. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BURGARIN, Mieta Noemi Sataka; LIRA, Pablo Silva. *Processo de urbanização, estrutura demográfica e violência: análise no Espírito Santo e Vitória*. Vitória: Instituto Jones dos Santos Neves, 2011. (Texto para discussão, 37). Disponível em:

<[http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120821\\_1054\\_ijsn\\_td37..pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120821_1054_ijsn_td37..pdf)>. Acesso em: 22 ago. 2018.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34, 2000.

CONZEN, Michael R. G. *Thinking about urban form: papers on urban morphology, 1932-1998*. Bern: Peter Lang, 2004.

COSGROVE, Denis E. *Social formation and symbolic landscape*. 2. ed. Madison: University of Wisconsin Press, 1998.

CULLEN, Gordon. *Paisagem urbana*. Lisboa: Edições 70, 2008.

CUNHA, Clovis; LYRA, Ana Paula R.; SANTANA, Elaine C. S. Fragmentos negligenciados da paisagem urbana revisitado em uma abordagem reversa às janelas quebradas. In: LYRA, Ana Paula R. et al. (Org.). *Um olhar multidisciplinar sobre as violências*. Florianópolis: Insular, 2016. v. 1, p. 219-248.

FURLANETO, Audrey. Caso de Medellín: de ícone da violência a símbolo cultural. *O Globo*, 16 ago. 2013. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/cultura/caso-de-medellin-de-icone-da-violencia-simbolo-cultural-9533197#ixzz5OoTgSdVh>>. Acesso em: 7 fev. 2018.

GAUTHIER, Pierre; GILLILAND, Jason. Mapping urban morphology: a classification scheme for interpreting contributions to the study of urban form. *Urban Morphology*, Newcastle, v. 10, n. 1, p. 41, 2006.

GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HARVEY, David. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LIRA, Pablo Silva. *Geografia do crime e arquitetura do medo: uma análise dialética da criminalidade violenta e das instâncias urbanas*. Vitória: GSA, 2014.

\_\_\_\_\_. *Geografia do crime e arquitetura do medo: uma análise dialética da criminalidade violenta e das instâncias urbanas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital; Observatório das Metrópoles, 2017.

LIRA, Pablo Silva; LYRA, Ana Paula R.; GUADALUPE, Thiago C. Organização social do território e criminalidade violenta: análise espacial dos crimes e da tipologia sócioespacial da Região Metropolitana da Grande Vitória - RMGV. In: LIRA, Pablo; OLIVEIRA JÚNIOR, Adilson Pereira de; MONTEIRO, Latussa Laranja (Org.). *Vitória: transformações na ordem urbana: metrópoles: território, coesão social e governança democrática*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014. p. 293-318.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LYRA, Ana Paula R. *Estratégias socioambientais para inibição de ações antissociais: um estudo de caso em Bento Ferreira e seu entorno imediato*. Relatório de Pesquisa FAPES, Vitória, 2017.

NETTO, Vinicius M. et al. *Efeitos da arquitetura: os impactos da urbanização contemporânea no Brasil*. Brasília, DF: FRBH, 2017.

NEWMAN, Oscar. *Defensible space*. New York: Macmillan, 1972.

OLIVEIRA, José Teixeira de. *História do Estado do Espírito Santo*. 3. ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008.

REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Vitória, n. 44, p. 41-45, 1994.

SAUER, Carl Ortwin. *The Morphology of Landscape*. Los Angeles: California University Press, 1925.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. *Industrialização e empobrecimento urbano: o caso da Grande Vitória: 1950-1980*. 2. ed. Vitória: Grafitusa, 2010.


















VITÓRIA (Município). *Vitória em dados*. [2018]. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao3/bentoferreria.asp>>. Acesso em: 22 ago. 2018.



## APÊNDICE - Levantamento fotográfico da poligonal e diagnóstico da morfologia

A seguir, apresentam-se imagens das edificações, bem como o contexto das ruas, avenidas e rotatórias na atualidade, onde estão assinalados os tipos de dispositivos de segurança e a configuração das edificações quanto aos conceitos de térreo ativo.

Legenda:

	Grades / Telas / Gradis		Térreo ativo
	Painel transparente		Térreo inativo ou pouco ativo
	Parede cega		Fachada ativa ou parcialmente (-Térreo)
	Parede semi-fechada		Fachada inativa ou pouco ativa
	Meia parede		Lote vazio/edificação desocup./abandonada
	Muro baixo ou inexistente		Divisa mista
	Cerca eletrificada		Portaria / guarita / Portaria virtual
	Dispositivo de alarme		Câmera de vídeo-monitoramento
	Cerca farpada		

## LOCALIZAÇÃO - TRECHO 1 (Figuras A1 à A41)

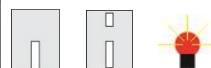


**Figura A1.** Trecho constituído pelas ruas Cel. Schwab Filho, Av. Leitão da Silva, Av. Mal. Mascarenhas de Moraes e rua Hélio Marconi.  
Fonte: Acervo do autor.

Na primeira foto da poligonal, temos o restaurante Deboni's (Figura A2) que fica na esquina da Av. Leitão da Silva com a rua Cel. Schwab Filho. Caracteriza-se por uma fachada de pouquíssimo atrativo, e muito pouca comunicação/interação com os circulantes. A falta de comunicação visual entre o interior e o exterior é notória. Há ainda uma marquise que também impede ou dificulta a visualização de quem está nos andares superiores, para a calçada, fazendo com que, o controle e a observação do local pelos moradores e trabalhadores locais sejam praticamente nulas.



**Figura A2.** Deboni's  
Fonte: Acervo do autor.



No condomínio localizado ao lado (Figura A3), a interação do térreo com a área pública igualmente é quase nula, uma vez que não existem aberturas que permitam a permeabilidade necessária para um controle dos moradores, até em função da altura do primeiro andar "tipo". Repara-se também os aparatos da dita "Arquitetura do medo" que estão presentes na edificação, como câmeras de videomonitoramento, guarita com porteiro, sensores/alarmes no topo do muro frontal e laterais.

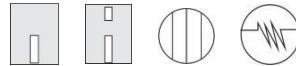


**Figura A3.** Ilha de Madagascar  
Fonte: Acervo do autor.

No condomínio a seguir (Figura A4), temos uma área de estacionamento sob os pilotis do prédio onde temos um cercamento com grades e cerca eletrificada no topo do mesmo. Porém, diferentemente dos anteriores, pelo menos a área de transição entre o público e o privado é bastante transparente, havendo uma comunicação visual que permite a observação e o controle da área.



**Figura A4.** Edifício Moussallen  
Fonte: Acervo do autor.



Na Figura A5, a vista lateral do Ed. Moussallen revela uma fachada que se constitui com certo grau de transparência, tendo em vista a altura dos apartamentos e a quantidade de aberturas, além do muro frontal que possui 70% de sua constituição transparente em função do gradil existente.



**Figura A5.** Edifício Moussallen  
Fonte: Acervo do autor.



Edificação multifamiliar (Figura A6) com garagens no térreo, dois pavimentos tipo e cobertura cujos limites junto à calçada são constituídos por grade deixando a vista totalmente transparente permitindo assim o controle visual da área. A cerca possui ainda, o coroamento de cerca eletrificada.





**Figura A6.** Edificação Multifamiliar  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A7 observamos uma residência unifamiliar com muro "cego" até a altura de 1,10m e mais 1,10m de grade metálica e pontas agudas. Nas aberturas encontramos grades de proteção fazendo o fechamento.



**Figura A7.** Residencial unifamiliar  
Fonte: Acervo do autor.

A MAGRASS (Figura A8) é uma clinica estética que possui o cercamento com grades e sensores/alarme em cada lado das divisas, evidenciando a preocupação com a segurança patrimonial. Possui um pequeno jardim bem cuidado que torna o visual da entrada mais humano e agradável.



**Figura A8.** MagraSS  
Fonte: Acervo do autor.

No restaurante Galetinho (Figura A9) igualmente observamos um gradil na divisa com a calçada e sensores/alarme nas extremidades do mesmo. Novamente a prevenção patrimonial presente. Sua arquitetura chama a atenção pela diferença com o entorno.



**Figura A9.** Restaurante Galetinho  
Fonte: Acervo do autor.

Foi observado neste trecho que a rua possui uma movimentação regular, de pessoas atravessando de um lado para o outro em direção a outros destinos que não as edificações. Isto foi observado neste horário, 9:00 hs. A movimentação, porém do meio dia até as 13:30 hs, é alto em função dos restaurantes existentes, e a rua fica com suas vagas para veículos completamente lotadas. É o momento em que a região toma vigor, com a presença e movimentação de pessoas e veículos.

O condomínio Spazio Vivere (Figura A10) é uma das grandes torres que ocupam esta quadra, e apresenta um belo jardim em sua entrada. É reforçado no que se refere à proteção, tendo na divisa frontal o cercamento com vidro, dispositivos de segurança como sensores/alarme, guarita com porteiro, e câmeras de videomonitoramento. Por possuir árvores na calçada, produzindo boa sombra, e uma vista para o jardim, o local pode ser ponto de encontro e bate-papo entre vizinhos.



**Figura A10.** Condomínio Spazio Vivere  
Fonte: Acervo do autor.

O edifício Santa Catarina (Figura A11) que possui um desnível do térreo em relação à calçada, está separado da rua através de fechamento de vidro e sensores na parte superior. O térreo é constituído de grandes aberturas, o que se constitui numa qualidade desejável à segurança dos moradores e pedestres, uma vez que não há isolamento visual. Logo, uma das premissas para se promover a vitalidade na rua está satisfatoriamente contemplada nesta edificação.



**Figura A11.** Edifício Santa Catarina  
Fonte: Acervo do autor.

O sobrado na Figura A12 possui um muro relativamente baixo com pequena grade na parte superior, no entanto, as aberturas e a garagem são fechadas com grades.



**Figura A12.** Sobrado  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A13, a casa abriga uma atividade laboratorial e sua interatividade com a calçada é bastante seletiva e pouco permeável, pouca transparência. 75% da parede do muro é fechada, e o restante, gradeado.





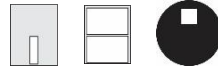
**Figura A13. Lig**  
Fonte: Acervo do autor.

O restaurante João de Barro (Figura A14), é uma das referências da região. Sua comunicação com a rua é franca e direta, em função do "avancê" que possui. Totalmente transparente em relação à via pública, oferece uma interatividade bastante expressiva com os circulantes.



**Figura A14. Restaurante João de Barro**  
Fonte: Acervo do autor.

Edificação multifamiliar (Figura A15) com térreo mais dois pavimentos, possui grandes aberturas (Olhos) para a rua nos pavimentos tipo, o que oferece bom campo visual de observação. Parte do muro (lado direito) é fechado (cego) o que dificulta a visualização da rua e por outro lado, oferece subterfúgio para a ação criminosa.



**Figura A 15.** Prédio Multifamiliar  
Fonte: Acervo do autor.

A AJudes (Figura A16) é um setor da Associação dos Servidores do Poder Judiciário que oferece uma biblioteca para seus associados. A edificação encontra-se na esquina da R. Cel. Schwab Filho com a R. Hélio Marcone. A divisa frontal é constituída por placas de vidro, porém sua transparência fica aí, pois as aberturas da edificação ainda que razoavelmente grandes, são pouco transparentes em função dos gradis e cortinas que as fecham. A propriedade possui guardas de vigilância.



**Figura A16.** Ajudes  
Fonte: Acervo do autor.

A edificação na Figura A17 abriga alguma atividade profissional como consultório ou escritório. É visualmente bastante permeável além de oferecer um jardim bem organizado e razoavelmente atraente. Há o controle visual na entrada. A árvore presente em sua frente, propicia uma breve pausa para repouso em função da sombra, do frescor e dos "olhos" da casa!



**Figura A17.** Consultório/Escritório  
Fonte: Acervo do autor.

A residência nesta esquina, R. Cel. Schwab Filho e R. Hélio Marcone (Figura A18) possui muro de pedra à altura de 1,50 m aproximadamente, e poucas e pequenas aberturas para o exterior, o que faz com que o campo de observação seja bastante restrito. Não possui cerca eletrificada ou outro dispositivo de segurança, fora a grade nas aberturas.



**Figura A18.** Residência  
Fonte: Acervo do autor.



Outra referência importante da região está a Casa do Arquiteto (Figura A19) que congrega as três instâncias da Arquitetura: IAB-Instituto dos Arquitetos do Brasil; CAU-ES-Conselho de Arquitetura e Urbanismo do ES.; e o SINDARQ-ES- Sindicato dos Arquitetos do ES. Não possui muro divisório, o jardim do recuo está diretamente ligado à calçada, possuindo ainda um banco de troncos oferecendo um local para descanso e contemplação, integrando assim, a área pública com a particular. Sua proteção está constituída basicamente de Interfone e a parede de COBOGÓ e painéis de vidro Blindex.



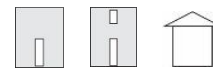
**Figura A19.** Casa do Arquiteto  
Fonte: Acervo do autor.

Clínica de Ortodontia e o Laboratório DNA (Figura A20), estão numa edificação com um recuo na calçada e outra metade constituída de canteiro elevado com jardim. Praticamente não existem aberturas para o exterior, tornando esse trecho desolador pra o transeunte tendo em vista transmitir um sentimento de isolamento.



**Figura A20.** Ortodontia/DNA-Laboratório  
Fonte: Acervo do autor.

O condomínio na Figura A21, é constituído na divisa com a calçada de gradil em toda a sua extensão. Os 4 pavimentos tipo possuem aberturas que ocupam toda a linha horizontal das fachadas o que propicia um campo visual bastante razoável até o terceiro pavimento (distância definida por Gehl (2013) como aceitável para se observar com alguma qualidade de definição).



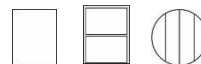
**Figura A21.** Condomínio Carlos M. Lima  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A22, a edificação possui apenas o pavimento térreo onde funciona uma loja de purificadores de água. A loja possui um recuo na calçada que permite o estacionamento dos veículos dos clientes, o que diretamente está ligado à segurança.



**Figura A22.** Hoken  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A23 podemos observar que se trata de uma edificação que encontra-se desocupada, um convite para uma ocupação eventual ilícita, contrária às recomendações para um local onde deve haver vitalidade, segundo Jacobs (2000).



**Figura A23.** Sobrado vazio  
Fonte: Acervo do autor.

Loja de cozinhas planejadas Cozinha & CIA (Figura A24), é um ponto comercial que atrai para si, certa movimentação e com isso, atenua a situação promovida pela edificação anterior. Outro ponto comercial da Av. Mal. Mascarenhas de Moraes que também possui vagas de estacionamento para seus clientes.



**Figura A24.** Cozinha & Cia  
Fonte: Acervo do autor.

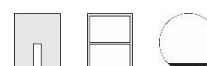


Residência unifamiliar, Figura A25, de pavimento térreo de morfologia tradicional de residências, possui muro baixo de pedra complementado por grade metálica até a altura de 1,60 m aproximadamente. As aberturas são fechadas igualmente com grades.



**Figura A25.** Residência  
Fonte: Acervo do autor.

Edificação multifamiliar de 4 pavimentos (Figura A26). Sua fachada possui grandes aberturas voltadas para a avenida, propiciando um bom campo de visualização da via lá fora. Como diz Gehl (2013), em outras palavras, à noite com as luzes acessas as pessoas que circulam lá em baixo experimentam uma sensação de estarem acompanhadas, o que dá ainda que pouco, uma certa sensação de segurança.

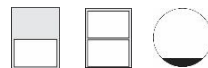


**Figura A26.** Prédio 4 pavimentos  
Fonte: Acervo do autor.

O Edifício Capela (Figura A27), obra mais antiga (necessária segundo Jacobs para a promoção de vitalidade num bairro pois oferece ao ramo imobiliário, oportunidades mais econômicas de negócios) possui 6 pavimentos e seguindo a morfologia da edificação ao lado, possui 50% da fachada constituída de aberturas para a avenida, seguindo a mesma conceituação de sua vizinha. Possui pequeno recuo na calçada, o que de forma muito "tímida" configura-se naquilo que Gehl chamou de "térreo ativo", que permite ao transeunte abrigar-se de eventual conflito na via.



**Figura A27.** Edifício Capela  
Fonte: Acervo do autor.



Na Figura A28, está a VETOR, medicina do trabalho. Sua arquitetura cubista e linear já lhe conferem uma característica de distanciamento, de afastamento em relação aos que passam pela avenida. Com uma entrada controlada pela recepção, o acesso é restritivo.



**Figura A28.** VETOR  
Fonte: Acervo do autor.





Ao lado (Figura A29), vemos uma edificação de dois pavimentos completamente abandonada, o que segundo as estatísticas policiais, são foco de atração de delinquência.



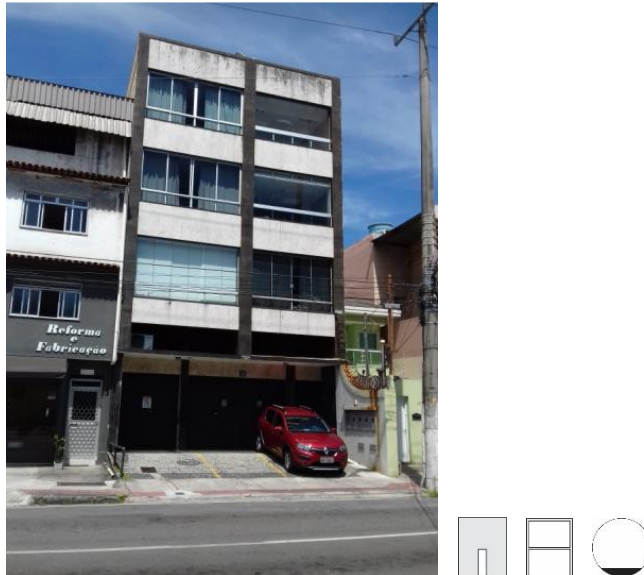
**Figura A29.** Prédio abandonado  
Fonte: Acervo do autor.

Na edificação dessa esquina (Av. Mal. Mascarenhas de Moraes e Av. Leitão da Silva – Figura A30), encontramos a loja de colchões Divani, onde observam-se vitrines atraentes e grandes que permitem o acesso visual para dentro da loja e vice-versa, além de pequeno recuo na calçada. Eis aqui um exemplo do chamado "térreo ativo" a que Gehl (2013) se refere. Interação direta entre o interior privado e o exterior público.



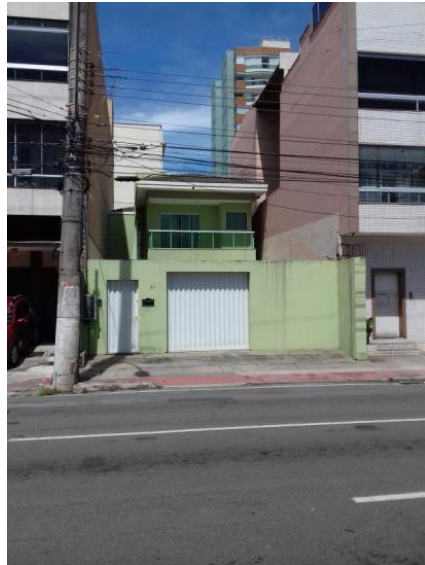
**Figura A30.** Divani Colchões  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A31, edificação de 3 pavimentos de uso misto, possui um recuo com vagas para veículos. As aberturas nos pavimentos tipo são grandes e ocupam mais de 60% dos "panos" horizontais da fachada de lado a lado. Diante de tal transparência, a ação delituosa fica fragilizada, além é claro, das cortinas abertas do negócio no pavimento térreo.



**Figura A31.** Prédio 3 pavimentos.  
Fonte: Acervo do autor.

Sobrado unifamiliar (Figura A32), ao contrário do seu vizinho à esquerda, possui uma "parede" na divisa frontal completamente fechada! E pra completar, cerca eletrificada no topo! Totalmente contraproducente! O bloqueio visual depõe contra a segurança tanto interna quanto externa, ao contrário do que supõe seu morador. Aliás, esse tipo de formatação deveria estar proibido no código de edificações do município.



**Figura A32.** Residência sobrado  
Fonte: Acervo do autor.

Edificação multifamiliar (Figura A33) constituído de térreo, dois pavimentos tipo e cobertura. Possui varandas que ocupam as faixas horizontais da fachada em aproximadamente 50%. Térreo totalmente fechado sendo constituído apenas pelas aberturas da porta principal e garagem. Possui um pequeno recuo junto à calçada. Não apresenta condições satisfatórias de vigia e observação, depondo contra a segurança.



**Figura A33.** Prédio 4 pavimentos  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A34 vemos duas ocupações de edificações: a primeira é uma residência unifamiliar no térreo e nos fundos um sobrado. Bastante fechado, a primeira apresenta um muro fechado na divisa frontal contendo apenas a abertura da entrada principal e o portão da garagem. O muro possui uma "bandeira" constituída por grade metálica. Há ainda uma cobertura que se estende da casa até a divisa (Impróprio! Não permitido pelo código de edificações do município).



**Figura A34.** Residência frente 2 pavimentos nos Fundos  
Fonte: Acervo do autor.

A Avenida Leitão da Silva (Figura A35) é uma das principais vias da cidade e compõe um eixo viário que liga a enseada sul da ilha com a norte. Nela vamos encontrar grande concentração de comércios e serviços. Ocorre, porém, uma intersecção num trecho junto ao morro de Gurigica que é bastante violento e perigoso, chegando ao ponto de haver invasão e toque de recolher infringido pelas facções do narcotráfico presentes no morro.



**Figura A35.** Contexto da Av. Leitão da Silva  
Fonte: Acervo do autor.

Próximo à poligonal de estudo está um importante referencial e polo de atração de movimentação que é o comércio de horti-fruti e também, supermercado, que se constitui na principal "âncora" da região, atraindo para si a maior convergência de pessoas durante o dia.



**Figura A36.** Contexto da Av. Leitão da Silva  
Fonte: Acervo do autor.

A avenida Mal. Mascarenhas de Moraes (Figura A37) é outra importante via da capital que liga via enseada o lado leste ao centro da cidade. Diferente da avenida anterior, esta é mais um corredor viário do que peatonal. Possui alguns comércios e serviços mas estão rarefeitos ao longo dessa via. Próximo à Av. Leitão da Silva inclusive, faz divisa com o Morro Jesus de Nazareth, outro importante ponto de violência e criminalidade. Segundo relato de moradores, é muito perigoso ficar na parada de ônibus na quadra que antecede o encontro com a Av. Leitão da Silva, principalmente à noite!





**Figura A37.** Contexto da Av. Mal. Mascarenhas de Moraes  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A38 vemos a avenida no sentido Praia do Canto, no encontro com a Av. Leitão da Silva. Área de grande fluxo veicular. Percebe-se ali que há um "divisor de águas" onde tomando a Av. Leitão da Silva, há uma sequência de negócios que movimentam as quadras seguintes, onde há também grande concentração de restaurantes (lado do bairro Praia do Suá), além das peixarias que atraem grande público durante o dia.



**Figura A38.** Contexto da Av. Mal. Mascarenhas de Moraes  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A39 vemos a rua Hélio Marconi no sentido do Av. Vitória. Durante o dia apresenta-se com movimento regular, sendo até difícil encontrar lugar para estacionar carros, devido principalmente aos trabalhadores do entorno. Há um fato curioso, que é a presença de guardadores e lavadores de carro que ficam o dia inteiro no seu trabalho informal mas que exercem papel importante na segurança local pois sua presença "afugenta" a ação delituosa.



**Figura A39.** Contexto na R. Helio Marconi  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A39, rua agora voltada para o Morro Jesus de Nazareth. Região crítica por conta da violência e da criminalidade presentes, onde existe a clara divisão socio-econômica-espacial. Ponto onde ao contrário, deveria haver integração.



**Figura A40.** Contexto na R. Helio Marconi para morro  
Fonte: Acervo do autor.

A Figura A41 mostra a circulação rotatória de veículos. Repara-se para o tratamento paisagístico existente, devidamente configurado, transparente, e observável de qualquer ângulo. A vegetação não apresenta nenhuma condição que favoreça ações criminosas que pudessem se utilizar dela. Exemplo de um paisagismo pró-vitalidade!



**Figura A41.** Rotatória  
Fonte: Acervo do autor.



## LOCALIZAÇÃO - TRECHO 2 (Figuras A42 à A75)



**Figura A42.** Trecho constituído pelas ruas Cel. Schwab Filho, Hélio Marconi, Av. Mal. Mascarenhas de Moraes e rua Engº. Fábio Ruschi.  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A43, importante ponto de referência neste segundo trecho da poligonal, o Instituto de Urologia do espírito Santo, instituição particular possui arquitetura diferenciada que chama a atenção não só pela forma mas também pelas cores, tendo bastante destaque visual. No entanto, sua capacidade de "enxergar" para a rua é bastante restrito. Suas aberturas são muito poucas e ainda assim, não possuem observadores por se tratar de acessos de entrada.



**Figura A43.** Instituto de Urologia do Espírito Santo  
Fonte: Acervo do autor.

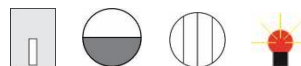


Na Figura A44, a clínica está localizada na esquina do outro lado do Instituto de Urologia já referido, e possui grades ao redor do predio nas divisas com as ruas. Trata-se de um sobrado adaptado para a clínica de saúde mental, cujas aberturas para o exterior são pouco expressivas, o que não favorece o controle local apesar do cercamento transparente.



**Figura A44.** Clínica Despertar  
Fonte: Acervo do autor.

Residência tradicional (Figura A45) com muro cego até a altura de 1,20 m aproximadamente e pequena grade metálica arrematando o topo. Possui grade também nas aberturas.



**Figura A45.** Residência  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A46, casa desocupada e aparentemente abandonada. Trecho ruim para a segurança da rua, pois como já foi dito, locais assim, atraem ações delituosas.



**Figura A46.** Casa abandonada  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A47, casa de festas infantis e Buffet, é um negócio que apresenta pouca movimentação durante a maior parte do dia e dias da semana. Não chega a ser polo atrativo que atraia a ocupação de pessoas na rua, mas tão somente nos dias de atividade. Quanto à permeabilidade visual é muito pobre, não contribui para a integração tão necessária.



**Figura A47.** Tironi Bambini  
Fonte: Acervo do autor.



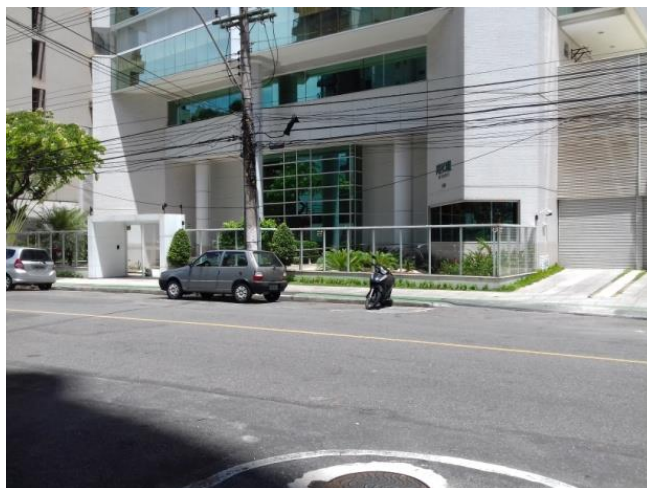
Na Figura A48, o Condomínio Cloude Monet é mais um daqueles conjuntos habitacionais de classe média que privilegiou ao máximo a ocupação da área disponível de forma internalizada e preocupada em isolar o exterior. Possui inclusive uma circulação veicular interna. Muro cego até a altura de 2,00 metros aproximadamente, resultando assim num bloqueio visual total direto com a calçada. Os edifícios também possuem aberturas apenas regulares em suas fachadas à partir do 1º andar.



**Figura A48.** Condomínio Cloude Monet  
Fonte: Acervo do autor.



Na Figura A49, condomínio novo, e que faz parte do conceito mais atual de arquitetura de condomínios com um térreo de pé direito duplo e vagas de garagem no primeiro ou primeiro e segundo andares. Possui guarita com portaria, fechamento frontal com vidro, sistema de sensores/alarme no topo do cercado, câmeras de video monitoramento interno e externo, enfim, todo o aparato de segurança que pode haver no momento. Registre-se que possui talvez o mais belo jardim da poligonal o que torna o trecho o mais agradável de ser apreciado desde a calçada. Houvessem árvores e bancos, o local poderia ser perfeitamente, local de encontro dos vizinhos e visitantes ou simplesmente, transeuntes.



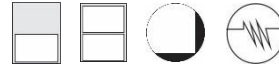
**Figura A49.** Personal Residence  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A50, o Solar Mariana, que está ao lado, também possui um belo jardim, com a vantagem que por estar inclinado devido à elevação do pavimento térreo, propicia o apressamento do jardim em sua totalidade devido justamente em função do ângulo. Possui amplas aberturas no térreo que inclui um mezanino.



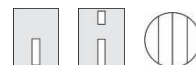
**Figura A50.** Solar Mariana  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A51, Prédio multifamiliar com gradil cercando seu limite frontal. Edificação mais antiga que conta com boas aberturas voltadas para a calçada o que permite boa observação e controle da área pública. O jardim fica escondido atrás do muro, num continuísmo sem questionamentos da maioria das edificações existentes no século passado.



**Figura A51.** Prédio multifamiliar  
Fonte: Acervo do autor.

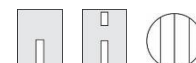
Na Figura A52, prédio de esquina apresenta um cercado junto ao seu jardim no térreo constituído por grades metálicas e terminações em forma de lanças fazendo ondulações no limite superior. Há pelo menos comunicação visual entre o interior e o exterior do território, o que pelo menos fragiliza uma possível ação delituosa em sua frente. As aberturas voltadas para a rua são fechadas com grades até o segundo pavimento.



**Figura A52.** Predio gradeado  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A53, a foto registra o estacionamento do Instituto de Urologia localizado na rua Cel. Schwab Filho. Cercado por gradil, a transparência contudo não chega a fazer grande diferença na sensação de segurança do trecho tendo em vista que não há guarda no mesmo pois o controle do portão é feito pela recepção da instituição através da câmera localizada na entrada.





**Figura A53.** Estacionamento  
Fonte: Acervo do autor.

Ao lado temos uma residência que abriga um escritório. O sobrado até apresenta bons "olhos" voltados para a rua, porém o muro "cego" até a altura de 1,00 metro aproximadamente, impede o visual do que está atrás, na rua! Dessa forma, existe uma oportunidade de ação delituosa. A exemplo de outras edificações do local, o jardim fica igualmente escondido! E o fato de não possuir uma barreira acima dessa altura, o recuo pode perfeitamente esconder um cidadão em conflito com a lei, pronto para praticar um ato anti-social à margem da lei. Acentuado ainda pelo fato de haver uma árvore cuja a copa, tapa a luminosidade à noite, vinda do poste de iluminação localizado nas proximidades.



**Figura A54.** Residência/Escritório.  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A55, o condomínio Danville é um dos prédios recentes dessa nova leva de torres que se construíram nos últimos dez anos com mais de dez andares. Também segue o formato arquitetônico dos condomínios mais atuais com portaria, primeiro e segundo pavimentos de garagem. Logo, somente à partir do terceiro pavimento é que aparecem os apartamentos onde temos as aberturas voltadas para a rua. Por conseguinte, a distância de observação e controle já estão no limite considerado por Gehl (2013) como adequados para tal. Parte do jardim é visto da calçada por ter o fechamento frontal constituído por vidros, no entanto a outra metade já possui fechamento com parede, dificultando inclusive para a portaria a observação e o controle nessa parte.



**Figura A55.** Danville  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A56, o Condomínio Maranhão também constitui o conjunto de torres presentes nessa quadra, porém no primeiro andar localiza-se a área de lazer do prédio, o que de certa forma representa um ponto de observação. A entrada é controlada por portaria virtual, e os moradores possuem um código de acesso para a entrada, mais uma forma de segurança recentemente sendo empregada. A edificação possui boas aberturas para a rua, reforçando os olhares para a sua frente.





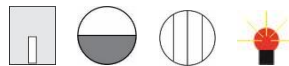
**Figura A56.** Condomínio Maranhão  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A57, o Ilha de Freeport apesar de possuir uma entrada bastante "aberta" não apresenta boa comunicação com o exterior tendo em vista a pouca quantidade de aberturas na térreo. Há um pequeno jardim na direção da entrada principal, cercado por vidros. Esse térreo "caolho" é contraindicado quando se trata de vigilância e controle do espaço externo.



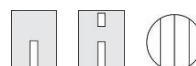
**Figura A57.** Ilha de Freeport  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A58, residência de único pavimento, está cercada por muro fechado até a altura de 1,00 metro aproximadamente, complementado por mais 1,00 metro de grade metálica. Embora possua boas aberturas voltadas para a rua, o fato de possuir uma varanda que se estende até próximo do limite frontal, deixa essa faixa de transição muito escura, dificultando a visualização mais apropriada para a frente.



**Figura A58.** Residência  
Fonte: Acervo do autor.

Na **Figura A59**, o edifício Tangará é um dos mais antigos edifícios do trecho e segue uma arquitetura dos anos 70. O térreo é composto exclusivamente de garagens. Totalmente fechado por grades, o espaço não oferece nenhuma comunicação entre o interior e o exterior. As janelas do prédio estão recuadas em relação à marquise que cobre parte das garagens o que dificulta a visualização da calçada.



**Figura A59.** Edifício Tangará  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A60, a Tok Mágico é uma loja de estética feminina, encostada direto na divisa frontal do lote. Constituída de duas aberturas de maior dimensão vertical, os "olhos" da loja guardam certa relação com o meio externo tendo em vista estar "em cima" do campo espacial da calçada. Com um visual arquitetônico atraente, se destaca na paisagem da rua pela forma e cor.



**Figura A60.** Tok Mágico  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A61 temos uma área ocupada por uma grande garagem. Isso, apenas resume a inocuidade do espaço em termos de dividir a responsabilidade de sua morfologia como estimuladora de confiança e segurança para o local, tanto mais não seja, o fato de possuir uma parede cega de mais de 2,20 metros de altura que apenas se abre na entrada do mesmo.



**Figura A61.** Garagem  
Fonte: Acervo do autor.

O Condomínio Célia (Figura A62) está localizado na esquina da rua Engº Fábio Rusche com a Av. Mal. Mascarenhas de Moraes e como podemos observar, possui cercamento com grade dando bastante transparência ao pavimento térreo, porém como é constituído basicamente de vagas de estacionamento, muito pouco contribui para se constituir numa morfologia que auxilia na vigilância da via pública, que fica por conta das aberturas dos apartamentos que, por serem constituídos de 3 andares e por ocuparem pelo menos 50% das fachadas, oferecem boas condições para tal.



**Figura A62.** Condomínio Edifício Célia  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A63, prédio abandonado, pichado, mato alto, lixo, todos os ingredientes que atraem a ocupação para atos ilícitos. Ameaça para a segurança pública local.



**Figura A63.** Prédio abandonado  
Fonte: Acervo do autor.



A Sharcolor (Figura A64) é um comércio de conserto e assistência técnica de eletrônicos. Uma variedade importante de comércio que propicia uma rotatividade de clientes interessante. Possui um recuo na calçada para permitir o estacionamento de seus clientes. Suas aberturas para o exterior são grandes embora adesivados com as marcas que trabalham, que impedem a visualização de seu interior, no entanto por serem adesivos do tipo "perfurador" permitem que se tenha plena visão de dentro para fora, o que é uma forma segura de se observar o que se passa na sua frente.



**Figura A64.** Sharcolor  
Fonte: Acervo do autor.

O Sindicato Nacional dos Aposentados (Figura A65) está logo ao lado da Sharcolor e apresenta uma cerca gradeada na sua divisa frontal. A edificação é constituída por um portão de garagem e ao lado a entrada principal e uma janela grande vertical. Aparentemente há uma recepção junto à entrada de onde se pode observar a movimentação na rua. O campo visual é limpo, sem conter obstáculos visuais.



**Figura A65.** Sindicato  
Fonte: Acervo do autor.



Clínica veterinária e Pet shop (Figura A66) possui muro cego até 70 cm de altura e restante em grade de metal com cerca eletrificada em seu topo. É constituído de um grande pátio frontal, sendo a edificação localizada nos fundos do terreno. Há muitas vagas para estacionamento. Embora distante da entrada, as aberturas da edificação permitem amplo campo visual de observação, tendo por tanto, pleno controle da área frontal.



**Figura A66.** Clínica veterinária  
Fonte: Acervo do autor.



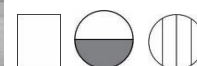


Ed. Jussara (Figura A67) possui cercamento em vidro de onde pode-se observar o jardim frontal do condomínio. Além do visual interessante de seu paisagismo, a fachada é constituída por varandas com portas-janelas grandes, que dão amplo campo de visão para o exterior.



**Figura A67.** Edifício Jussara  
Fonte: Acervo do autor.

No prédio ao lado (Figura A68), encontramos novamente a situação de abandono, com um mato tomando conta de sua frente, paredes pichadas, muita sujeira, enfim, toda a situação propícia para abrigar atividades ilícitas, trazendo preocupação e medo para os moradores da vizinhança e transeuntes.



**Figura A68.** Prédio abandonado  
Fonte: Acervo do autor.

Na figura A69 encontramos uma entrada de garagem que fica localizada nos fundos do lote. Sua frente possui apenas um muro com mais de 2,00 metros de altura e a entrada do portão com grade de ferro. Não oferece nenhuma condição de observação e/ou vigia. Portanto, um "ponto cego" no trecho da poligonal.



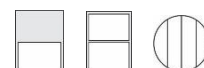
**Figura A69.** Garagem  
Fonte: Acervo do autor.

Arno Tec (Figura A70) é uma loja de assistência técnica que possui um recuo na calçada, permitindo assim, mais conforto e segurança para seus clientes. Possui ainda uma boa abertura voltada para a rua, com vitrine grande e aberta sem adesivos. Representa um pouco do "térreo ativo" de vez que dialoga com o passeio público, possuindo uma cobertura nesse recuo, um abrigo.



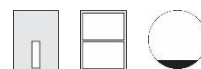
**Figura A70.** Arno Tec  
Fonte: Acervo do autor.

O Edifício Francisco Rodrigues (Figura A71), encontra-se na esquina da Av. Mal. Mascarenhas de Moraes com Helio Marconi. Possui cercamento com grade de ferro. Seu pavimento térreo está mais elevado em relação ao nível da calçada, portanto, numa situação privilegiada de observação. Seu jardim é discretamente atraente, porém, alegre e perfumado, configurando um ambiente agradável de ser observado.



**Figura A71.** Edifício Francisco Rodrigues  
Fonte: Acervo do autor.

Ao lado do Antônio Rodrigues (Figura A72), está o Ed. Del Rio, configurado em seu andar térreo por garagens na metade esquerda e janelas de apartamento do lado direito, sendo todas elas gradeadas. Possui boas aberturas nos 3 pavimentos acima, garantindo boa área de observação. A calçada possui boa largura e há acesso imediato a um pequeno jardim situado do lado direito, que oferece um ponto focal de apreciação. Pequeno toque de qualidade visual para uma quadra que não oferece tantas opções que tais.



**Figura A72.** Edifício Antônio Rodrigues  
Fonte: Acervo do autor.



Vista da R. Engº. Fábio Ruschi em direção ao Morro Jesus de Nazareth (Figura A73). Observa-se a ocupação expressiva das vagas de estacionamento. Rua com boa quantidade de arborização pública, o que favorece percorrer o percurso à pé. Observa-se que o gabarito das construções não ultrapassa 3 andares, mantendo por tanto, uma distância razoável de observação da calçada.



**Figura A73.** Contexto R. Engº. Fabio Ruschi  
Fonte: Acervo do autor.

A rotatória (Figura A74) constitui-se de um canteiro com grama no limite externo, seguido de uma forração semelhante ao Liriopi e no centro um conjunto de Palmeiras Phoenix. Utilização positiva do paisagismo tendo em vista não oferecer subterfúgio para ação delituosa e ao mesmo tempo proporcionando um ponto focal agradável aos olhos.



**Figura A74.** Rotatória  
Fonte: Acervo do autor.

A partir deste trecho (Figura A75), observa-se de forma expressiva a diferença de vitalidade em relação às quadras anteriores onde além das edificações de uso misto, há circulação de veículos e pessoas, num movimento ativo. Daqui em diante é notória a desertificação de pessoas e movimentos. Experimenta-se a sensação de solidão, temor e insegurança.



**Figura A75.** Contexto do início das quadras "com baixa vitalidade"  
Fonte: Acervo do autor.

## LOCALIZAÇÃO - TRECHO 3 (Fotos A76 à A94)



**Figura A76.** Trecho compreendido entre as ruas Cel. Schwab Filho, Engº. Fábio Ruschi, Avenida Mal. Mascarenhas de Moraes e rua Profª. Emília Franklin Molulo.

Fonte: Acervo do autor.

Condomínio Ferrara (Figura A77), uma das grandes torres presentes na poligonal de estudo onde se observa uma mistura de trechos com portões de ferro na entrada das garagens e fechamentos em vidro nos outros trechos, todos encimados por dispositivo de segurança do tipo sensor/alarme. Possui um jardim bem formado em sua frente que por conta do fechamento, permite a apreciação dos transeuntes. As aberturas nos pavimentos tipo no entanto, são modestos em suas dimensões fazendo que "os olhos" fiquem "semi-cerrados" para a rua, dificultando o acompanhamento da movimentação nas calçadas.





**Figura A77.** Condomínio Ferrara  
Fonte: Acervo do autor.

Rekol (Figura A78), comércio de peças usadas e reconcondionadas. Constituída de parede cega em todo o limite do lote, com altura de mais de 2,50 metros, sua configuração confirma a "Arquitetura do medo". Morfologia que depõe inversamente ao que se preconiza como correto para se ter integração e interação com o espaço público que reforcem o sentimento de segurança e confiança mútuas entre os moradores e frequentadores do local.



**Figura A78.** Rekol  
Fonte: Acervo do autor.

Vip Turismo (Figura A79) é uma agência de turismo que ocupa um estacionamento e parte da residência ao lado. Entrada atraente, com uma transparência boa, que permite a observação e o controle da entrada e parte da calçada.



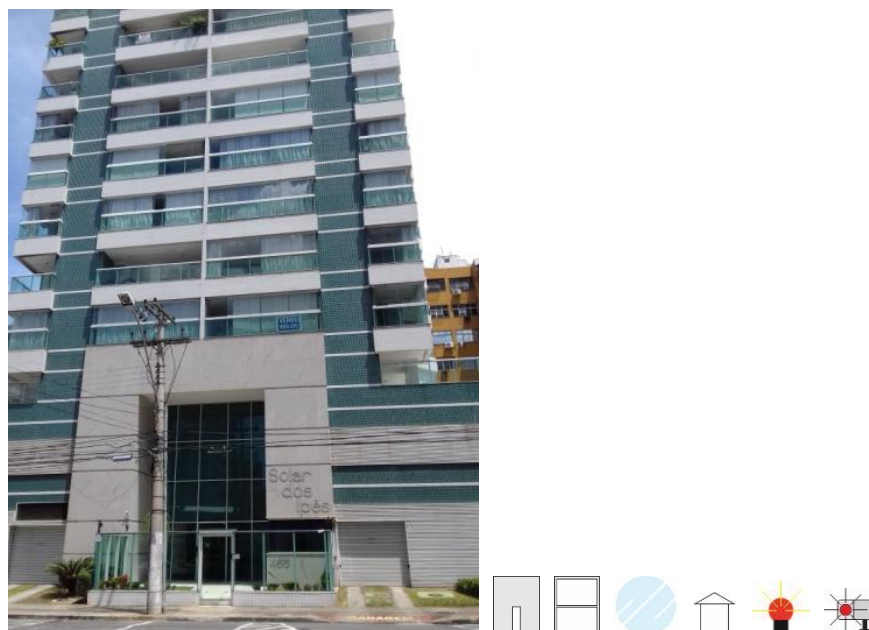
**Figura A79.** Vip Turismo  
Fonte: Acervo do autor.

A Pizzaria Napolitana (Figura A80) situa-se na metade da quadra e possui grade de ferro com terminações em forma de lança junto à calçada. A entrada é bastante aberta com apenas um obstáculo visual que é o arbusto existente num canteira lateral da entrada. Este talvez seja o único comércio que movimenta a poligonal no período da noite.



**Figura A80.** Pizzaria Napolitana  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A81, o Solar dos Ipês é um prédio dessa geração mais recente de torres no bairro e por isso, com as mesmas características arquitetônicas das outras contemporâneas. A fachada ao nível da calçada apresenta muito poucas aberturas, restritas à recepção/entrada principal com pé direito duplo, e é ladeado pelas entradas das garagens totalmente fechadas. Possui pequeno cercado de vidro com dispositivo de segurança tipo sensor/alarme no topo do mesmo.



**Figura A81.** Solar dos Ipês  
Fonte: Acervo do autor.

Na esquina em frente (Figura A82) está em processo de obra mais uma nova torre com 12 pavimentos tipo e ao que tudo indica, seu térreo deverá conter lojas comerciais, o que agregaria qualidades motivacionais de vitalidade.



**Figura A82.** Prédio em obras  
Fonte: Acervo do autor.

Do outro lado da rua nessa mesma esquina (Figura A83) encontra-se esta casa desocupada e aparentemente abandonada devido à altura da descuidada vegetação, com o agravante de possuir um muro cego com altura de 1,70 metros aproximadamente, representando uma ameaça à segurança pública.



**Figura A83.** Casa de esquina abandonada  
Fonte: Acervo do autor.



Neste condomínio na esquina da rua Prof<sup>a</sup>. Emília F. Molulo e Av. Mal. Mascarenhas de Moraes (Figura A84), constituído por 8 pavimentos tipo, vamos encontrar um térreo composto pela entrada principal e o restante por vagas de garagem. Totalmente inoperante com relação à vigia e controle visual



constante da rua. Região que principalmente à noite, torna-se muito perigoso de se circular à pé.



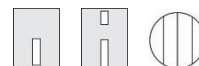
**Figura A84.** Condomínio de esquina  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A85, o condomínio Caravelle II possui uma curiosidade: sua entrada principal é uma enorme escadaria que acessa o térreo do prédio. Tal configuração pode apresentar risco à segurança uma vez que possibilita a utilização de suas paredes como anteparo para esconderijo.



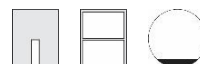
**Figura A85.** Condomínio Caravelle II  
Fonte: Acervo do autor.

Neste sobrado observa-se uma entrada cercada por grade de ferro e cerca eletrificada no seu topo. As aberturas são modestas mas não comprometem a visualização e controle da entrada. Não possui jardim, é bastante árido.



**Figura A86.** Sobrado  
Fonte: Acervo do autor.

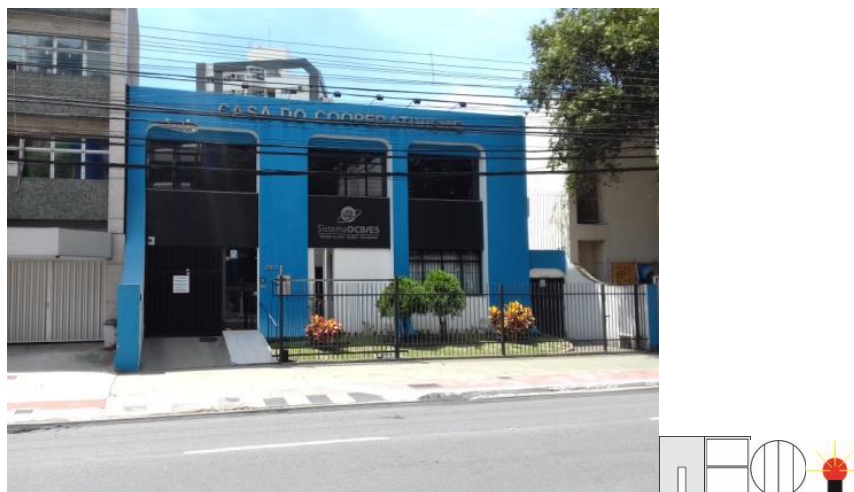
Ao lado (Figura A87) temos o prédio do IBAMA, um órgão público que por si só, já recebe um público regularmente. É constituído em seu pavimento térreo por três grandes portas de vidro, o que permite boa visualização da rua. Nos três pavimentos superiores as esquadrias são grandes e ocupam quase 50% da fachada, o que também permite boa visualização de sua calçada. Conta portanto, com auspiciosa condição para a geração de controle e segurança pelo menos no espaço a sua frente.



**Figura A87.** IBAMA  
Fonte: Acervo do autor.



Na Figura A88, a Casa do Cooperativismo está logo a seguir, com um pequeno jardim minimalista bem tratado, cuja a frente é contida por uma grade de ferro e pontas agudas dividindo o público do privado. Com apenas dois pavimentos a fachada se revela com bastante interação visual em relação à via em função das grandes aberturas.



**Figura A88.** Casa do Cooperativismo  
Fonte: Acervo do autor.

Na esquina da Av. Mal. Mascarenhas de Moraes e rua Eng<sup>o</sup>. Fábio Ruschi (Figura A89) está esta casa para alugar. Com um muro cego de 1,80 metros de altura, e superfície pixada, o local transmite insegurança e medo principalmente à noite quando a via fica mais solitária.



**Figura A89.** Casa para alugar  
Fonte: Acervo do autor.

Lastro (Figura A90) é uma construtora e Incorporadora cuja a frente está cercada por um gradil com cerca eletrificada na parte superior. Muito pobre de aberturas para o exterior, o imóvel não participa dessa forma, no cuidado com o meio público não gerando tranquilidade e segurança aos transeuntes nem vizinhança, até em função de ocupar a edificação apenas em horário comercial.



**Figura A90.** Lastro  
Fonte: Acervo do autor.

O sobrado a seguir (Figura A91) apresenta aberturas relativamente pequenas e um muro frontal com meia parede cega e gradil completando uma altura de 2,00 metros aproximadamente. Conta com uma árvore de médio porte em sua frente. Os galhos em si não representam ameaça se escalados para uma possível invasão pois são altos e distantes das aberturas, por outro lado, projeta sombra à noite tapando a iluminação pública, e aí reside o problema da arborização urbana.



**Figura A91.** Sobrado  
Fonte: Acervo do autor.

Como pode se observar, já são poucos carros estacionados junto ao meio fio. Não se percebe movimento de pessoas, não há ninguém na rua, beirando a um espaço ermo.



**Figura A92.** Contexto R. Cel. Schwab Filho trecho final  
Fonte: Acervo do autor.

Já na rua Prof<sup>a</sup>. Emília F. Molulo (Figura A93), já encontramos uma situação diferente, com as vagas de veículos totalmente ocupadas. Contudo, ao analisarmos essa condição, foi verificado que isto se deve principalmente pelas atividades do ginásio de esportes à direita na foto e dos moradores do condomínio à esquerda, logo, essa configuração se altera no período da noite.



**Figura A93.** Contexto R. Profª. Emília F. Molulo- direção do Morro Jesus de Nazareth  
Fonte: Acervo do autor.

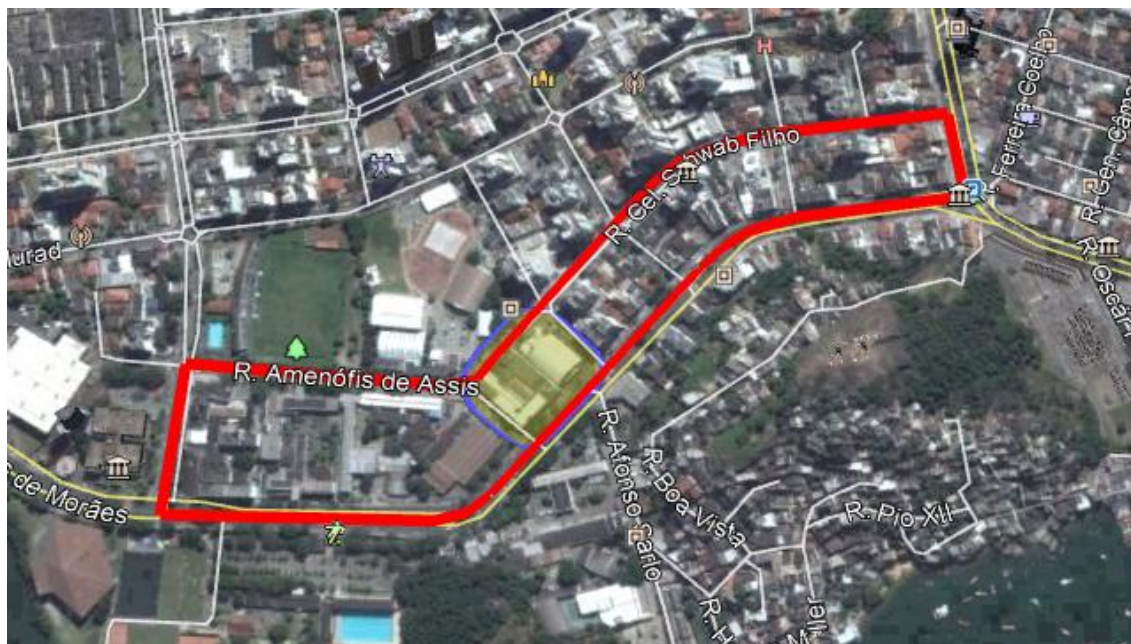
A rotatória que vemos na Figura A94, apresenta característica totalmente diferente das anteriores, que possuem um tratamento paisagístico. Nesta, o descuido é notório, sua configuração apenas delimita o equipamento de trânsito, sem qualquer preocupação com a estética ou a paisagem, o que dá um indicativo do pouco ou nada interesse dos órgãos públicos e até da própria comunidade em tornar o espaço mais agradável, convidativo. Isso abre brecha para a ocupação menos qualificada, pois para os contraventores, quanto mais abandonado, descuidado, esquecido o local é mais apropriado para o cometimento de delitos.



**Figura A94.** Rotatória  
Fonte: Acervo do autor.



## LOCALIZAÇÃO - TRECHO 4 (Figuras A95 à A105)



**Figura A95.** Trecho compreendido entre as ruas Cel. Schwab Filho, Profª. Emília F. Molulo, Avenida Mal. Mascarenhas de Moraes e rua Amenófis de Assis.  
Fonte: Acervo do autor.

Este lado do Centro esportivo que inclui o estádio do Vitória Futebol Club (Figura A96), está configurado de maneira a deixar a via pública totalmente desprovida de observadores, tornando o local perigoso de se trafegar à pé.



**Figura A96.** Esquina fundos centro de treinamento  
Fonte: Acervo do autor.



O Ginásio Santos Neves (Figura A97) é um referencial na região e, portanto, recebe visitantes e esportistas diariamente, levando para o local, certa dose de vitalidade, porém restrita aos horários de funcionamento.



**Figura A97.** Ginásio Santos Neves  
Fonte: Acervo do autor.



Os fundos do Diário Oficial (Figura A98), como bem mostra a foto, possui um muro cego com aproximadamente 2,00 metros de altura, isolando completamente o público do privado, restando tão somente as aberturas do prédio no primeiro e segundo andares. Por se tratar de escritório, muito pouco ou quase nada os "olhos" terão atenção à calçada e à rua!

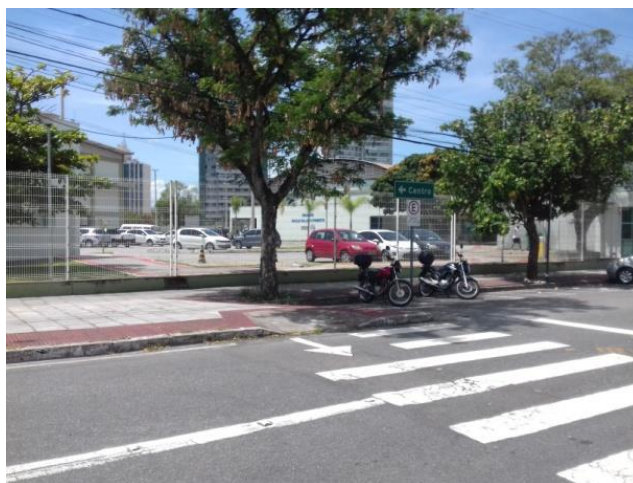


**Figura A98.** Fundos do Diário Oficial  
Fonte: Acervo do autor.



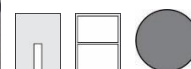


Vemos na Figura A99 a área de estacionamento que está no Parque esportivo. A não ser pelo fato de quem está dentro manobrando, a grande transparência, comunicação espacial ampla, a fachada comparece muito pouco para a vigilância local, contribuição nula na questão de transmitir segurança à população.



**Figura A99.** Ginásios  
Fonte: Acervo do autor.

O prédio da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Espírito Santo (Figura A100), localiza-se na esquina da rua Amenófis de Assis com a Avenida Mal. Mascarenhas de Moraes. Por si só, a edificação já representa a segurança local. O respeito e a ordem ficam por conta do tipo de ocupação existente, garantidas. De qualquer forma os pavimentos da edificação possuem grandes esquadrias voltadas para a via, o que garantem a vigilância tanto diurna quanto noturna tendo em vista a atividade ali exercida.



**Figura A100.** Secretaria de Segurança Pública  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A101, Diário Oficial com um painel de vidro que ocupa toda a fachada da edificação, os "olhos bem abertos" contemplam amplamente a necessidade de vigilância e controle da área. Mesmo assim, a divisa frontal é constituída de gradil.



**Figura A101.** Diário Oficial  
Fonte: Acervo do autor.

Na esquina, do outro lado da rua, vemos o Ginásio Santos Neves (Figura A102). Possui canteiros na face que dá para a Av. Mal. Mascarenhas de Moraes, gerando um ponto de interesse visual ao local. A fachada para a mesma avenida, apresenta desenhos na parede que além de chamar a atenção para o tipo de atividade ali exercida, ainda acrescenta qualidade visual ao ambiente imediato.



**Figura A102.** Esquina Ginásio Santos Neves  
Fonte: Acervo do autor.

A Av. Mal. Mascarenhas de Moraes nesse trecho (Figura A103) se configura basicamente como uma via de circulação veicular sem maior movimentação de pedestres, sendo restrito nas paradas de ônibus essencialmente de moradores ou trabalhadores em deslocamento para seus destinos diários.



**Figura A103.** Contexto Av. Masc. Moraes  
Fonte: Acervo do autor.

Na parte de trás da Av. Mal. Mascarenhas de Moraes (Figura A104) o cenário já é bastante diferente. A pouco mais de 80 metros da avenida é esse vazio maior ainda, circulado por apenas poucos carros com uma frequência que em média chega próximo dos 5 minutos. Pode-se depreender que a rua configura-se basicamente pelos fundos das edificações que estão voltados para a Av. já mencionada, logo o que verifica é uma longa parede fechada para a rua que se estende desta esquina até o final da quadra nas proximidades da Prefeitura de Vitória.





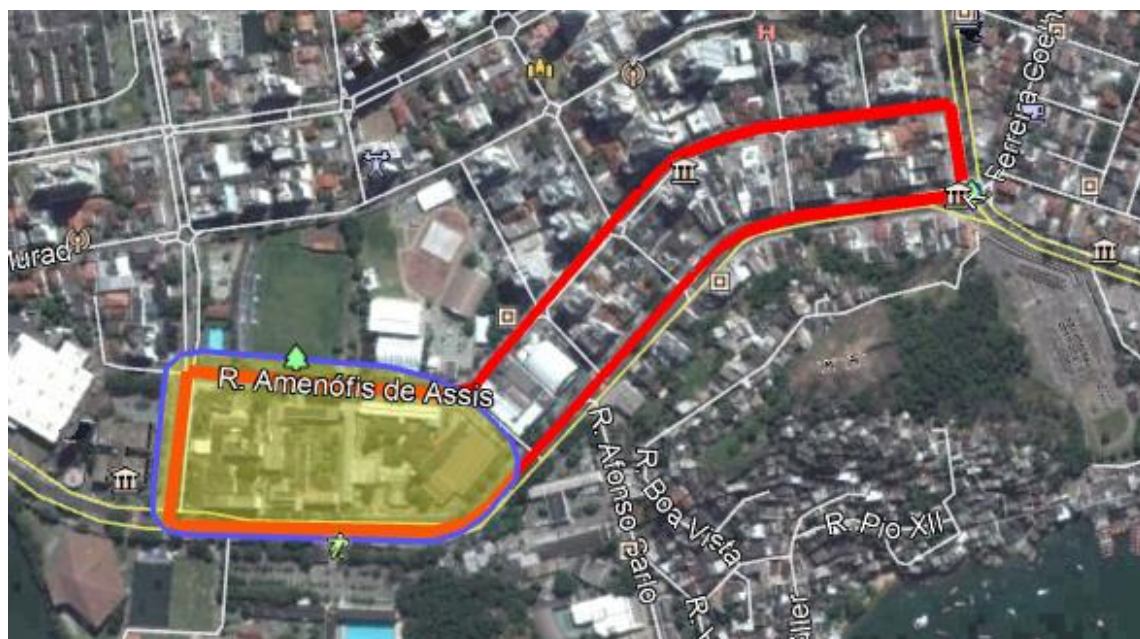
**Figura A104.** Bifurcação fundos do SENAI  
Fonte: Acervo do autor.

Mais uma vista da rua Amenófis de Assis. Nessa panorâmica maior pode-se observar o "deserto" que caracteriza essa via. Mesmo de dia motiva sentimentos de solidão, temor e insegurança.



**Figura A105.** Contexto na R. Amenófis de Assis  
Fonte: Acervo do autor.

## LOCALIZAÇÃO - TRECHO 5 (Figuras A106 à A130)



**Figura A106.** Trecho compreendido entre as ruas Amenófis de Assis, Avenida Mal. Mascarenhas de Moraes Avenida Jouberte de Barros.  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A107 vemos os fundos do SENAI. Uma parede de aproximadamente 4,00 metros de altura que se estende por todo o limite do lote. Desnecessário dizer que o passeio se converte num corredor perigoso, propício para o cometimento de delito.



**Figura A107.** Fundos SENAI  
Fonte: Acervo do autor.



Do outro lado da rua (Figura A108) o que vemos não difere muito do seu vizinho frontal com a diferença de possuir um trecho com gradil e o restante, muro cego. Esse trecho com gradil fica em frente a uma edificação do Centro Esportivo, porém, suas aberturas para a rua não revelam a existência de pessoas que possam através delas observarem a via, pela simples razão de que não se vê movimentação nem presença delas.



**Figura A108.** Lateral Centro Esportivo  
Fonte: Acervo do autor.

Vista do SENAI visto da Av. Mal. Mascarenhas de Moraes (Figura A109). Como já dito anteriormente, nesse trecho da avenida o que se observa é a aglutinação de pessoas nas paradas de ônibus, tendo suas calçadas na maior parte do tempo, desocupadas. Sendo usado apenas para deslocamento.



**Figura A109.** SENAI  
Fonte: Acervo do autor.



Vista da entrada do SENAI (Figura A110). Como se verifica na maior parte do tempo, o local é esvaziado, não tendo circulação e menos, permanência de pessoas.



**Figura A110.** SENAI  
Fonte: Acervo do autor.

Outra vista da entrada do SENAI (Figura A111), com uma panorâmica do resto da calçada na direção de Bento Ferreira. Em momento posterior aos registros anteriores e decorrido um tempo, o cenário permanece inalterado, calçada vazia, deserta!



**Figura A111.** Entrada SENAI  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A112, temos a entrada do SENAC que se segue após o SENAI. Observe-se a aglomeração de pessoas junto à parada de ônibus. Essa sequência corrobora mais uma vez, o contexto da quadra na avenida, de esvaziamento.



**Figura A112.** SENAC  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A113 vemos a Secretaria de Saúde do estado com paredes constituídas de COBOGÓ e outra parte após a entrada com pequenas aberturas voltadas para a avenida, todavia como são cobertas por cortina, pode-se dizer que "os olhos" estão cerrados. Possui um renque de cerca-viva no alinhamento frontal e pequenos canteiros em seu interior. A calçada porém, torna-se reduzida devido ao avanço desses canteiros, tornando o passeio contrário às recomendações de Jacobs (2000).



**Figura A113.** Secretaria de Saúde  
Fonte: Acervo do autor.

A seguir (Figura A114), novamente a situação bastante recorrente na poligonal, qual seja, o de imóvel abandonado. Embora seja todo gradeado, o local serve de anteparo para a permanência durante a noite de pessoas que são usuárias de drogas que utilizam seu recuo para sentados ou deitados ao chão, fazerem seu uso. O local torna-se perigoso portanto.



**Figura A114.** Prédio abandonado  
Fonte: Acervo do autor.

Na esquina da mesma avenida com a Av. Jouberte de Barros, está o Restaurante Sarandi (Figura A115) que possibilita a existência de pessoas ocupando seu entorno pelo menos nos horários de funcionamento do estabelecimento. As aberturas do restaurante são grandes e como ficam junto das mesas, são "telas" voltadas para a rua, numa constante vigilância. A nota negativa é que tal situação obviamente só se realiza nos horários de funcionamento do mesmo.



**Figura A115.** Churrascaria Sarandi  
Fonte: Acervo do autor.

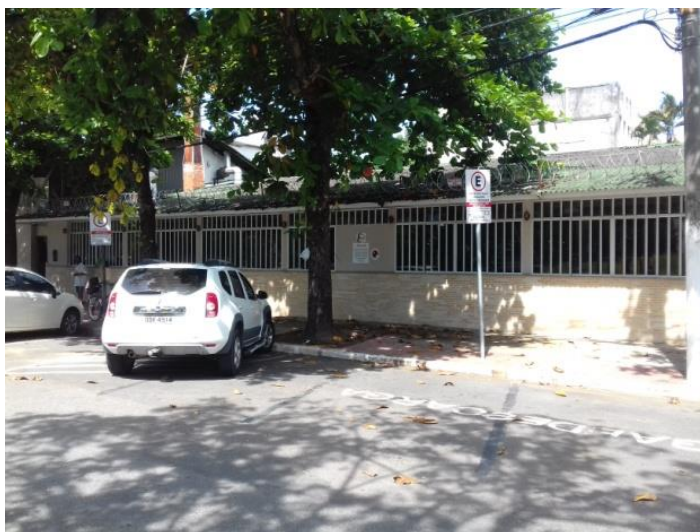


Uma pequena vista da movimentação e o cenário ao fundo da PMV (Figura A116). O local recebe uma movimentação relativamente boa em função justamente de ser o que é. Por possuir um ponto de Taxi, a procura garante ocupação razoável para o local.



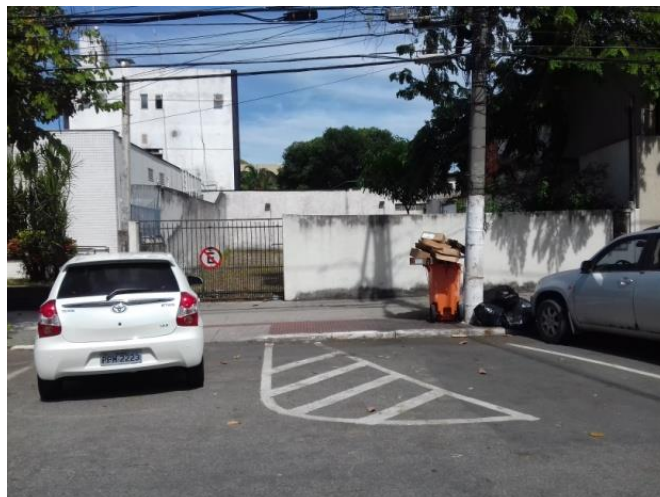
**Figura A116.** Prefeitura Municipal de Vitória  
Fonte: Acervo do autor.

Nessa vista do restaurante (Figura A117) vemos o muro em primeiro plano, constituído em parte por parede cega seguida de grade. Note-se que seu topo é fortalecido por uma cerca farpada helicoidal, demonstrando a preocupação do proprietário com a segurança, certamente em função de alguma ocorrência delituosa verificada em horários que não os de funcionamento.



**Figura A117.** Lateral da churrascaria  
Fonte: Acervo do autor.

Ao lado do restaurante temos esse terreno baldio fechado (Figura A118) em 70% aproximadamente de sua extensão por parede cega com 2,00 metros de altura, e o restante com portão de ferro. Curiosidade: um veículo ocupa o espaço reservado para acessar o dito terreno cuja sinalização de trânsito encontra afixado nesse portão.



**Figura A118.** Terreno vazio  
Fonte: Acervo do autor.

Ao lado do terreno, há uma agência do BANESTES (Figura A119). Outra edificação que por si só já justifica a presença e a circulação de pessoas, logicamente que tal só ocorre em horário de funcionamento próprio. Mas de toda a forma necessário não só pelo serviço oferecido mas pela diversidade que também deve comparecer num local para que a vitalidade exista e seja sustentável, segundo Jacobs (2000).



**Figura A119.** BANESTES  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A120, pequena lojinha estabelecida ao lado do banco. Possui uma entrada com porta dupla de vidro, deixando a frente bastante transparente. Bem ajeitada, atrai uma boa clientela, principalmente dos servidores da prefeitura.



**Figura A120.** Lojinha  
Fonte: Acervo do autor.

Mais uma pequena loja (Figura A121), que por encontra-se fechada no momento da visita, não se pôde identificar. Há uma placa pequena com a inscrição "Suco" de onde se pode supor que seja de lanches, porém não há outro indicativo que reforce essa hipótese. De qualquer forma, sua contribuição para a vitalidade local constitui-se no fato de ser mais uma variável presente no trecho.



**Figura A121.** Lojinha  
Fonte: Acervo do autor.

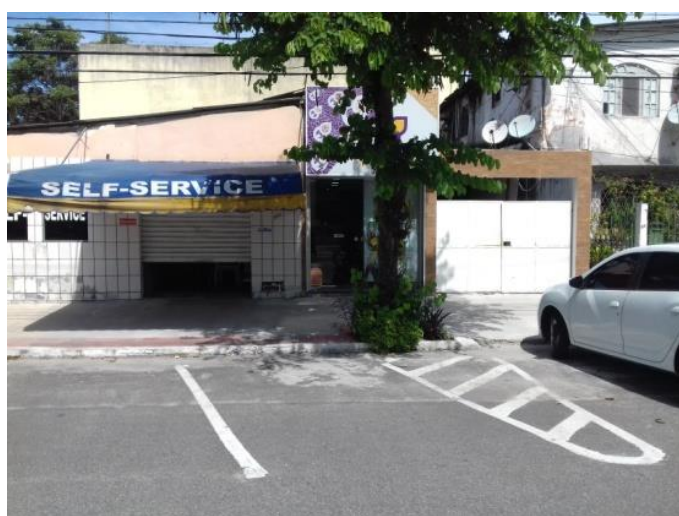


Na edificação seguinte, temos uma residência do tipo sobrado (Figura A122). O que se pode dizer à respeito é que a cerca na divisa frontal é constituída por uma grade mas que por estrutura uma trepadeira Bougainville, torna-se praticamente um tapume entre a calçada e a edificação. Logo, o que poderia representar uma interação entre o público e o privado, deixa de existir.



**Figura A122.** Residência  
Fonte: Acervo do autor.

Junto à esquina da Av. Jouberte de Barros e a rua Amenófis de Assis, está localizado mais um restaurante do tipo self-service (Figura A123). Igualmente como o outro, atrai público nos horários de funcionamento, logo, possui uma ocupação num período de tempo bem definido e restrito.



**Figura A123.** Restaurante  
Fonte: Acervo do autor.

Ao lado mas já com sua frente para a rua Amenófis de Assis (Figura A124), está um lava-jato que se encarrega de atrair mais clientes cuja a procura se dá nos mais variados horários, garantindo assim, uma ocupação do local por mais tempo. Por ter seus colaboradores trabalhando quase que diretamente voltados para a rua, a vigilância é natural e normal. Constitui-se num ponto de boa afluência de pessoas, o que promove a chamada vitalidade.



**Figura A124.** Lavajato  
Fonte: Acervo do autor.

Nessa vista em diagonal com a Av. Jouberte de Barros, identificamos o Campo de futebol do Vitória (Figura A125). Constituída quase em sua totalidade por um grande muro, o local é contraindicado para se percorrer à pé, principalmente à noite, por não oferecer qualquer dispositivo de segurança ou vigia.



**Figura A125.** Campo de Futebol Vitória Futebol Club  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A126 temos os fundos da Secretaria de Saúde do estado, e como já foi dito anteriormente, essa quadra por ser os fundos de praticamente todas as edificações que se encontram na quadra, "dá as costas" para a rua.



**Figura A126.** Fundos da Secretaria de Saúde  
Fonte: Acervo do autor.

Vemos aqui, uma das entradas do campo de futebol. Repara-se que esta lateral é constituída de parede cega a uma altura de 3,00 metros aproximadamente, reproduzindo a situação de isolamento e desertificação do trecho, já comentado anteriormente.



**Figura A127.** Entrada lateral do Estádio VITÓRIA F.C.  
Fonte: Acervo do autor.



A Figura A128 nos traz mais uma evidência do isolamento ou ausência de pessoas que a avenida provoca nesse trecho.



**Figura A128.** Contexto Av. Mal. Mascarenhas de Moraes  
Fonte: Acervo do autor.

Na Av. Jouberte de Barros (Figura A129) em função principalmente da prefeitura, o local já apresenta uma movimentação contrastante com a Av. mal. Mascarenhas de Moraes. À noite, com a presença da guarda municipal para fazer a vigilância local, a avenida apresenta certa segurança nas proximidades até porque a área é bem iluminada, intimidando assim, a ação delituosa.



**Figura A129.** Contexto Av. Jouberte de Barros  
Fonte: Acervo do autor.

Na Figura A130, Rotatória na intersecção da Av. Jouberte de Barros e a rua Amenófins de Assis. Apesar de simples, há a preocupação de trazer para o pequeno ambiente, um pouco de verde e de cor, numa clara evidência de valorização com a estética.

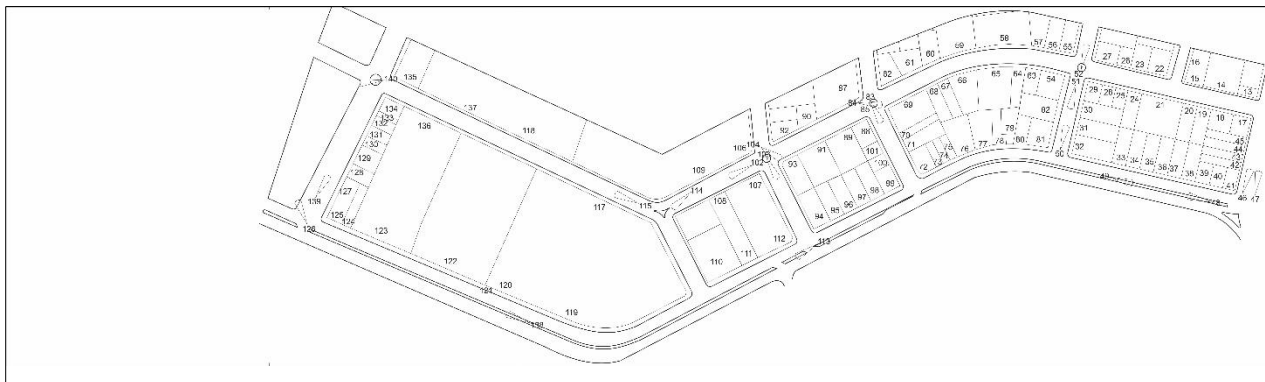


**Figura A130.** Rotatória  
Fonte: Acervo do autor.





## ANEXO



(Em tamanho A0, dobrado em 4 partes)